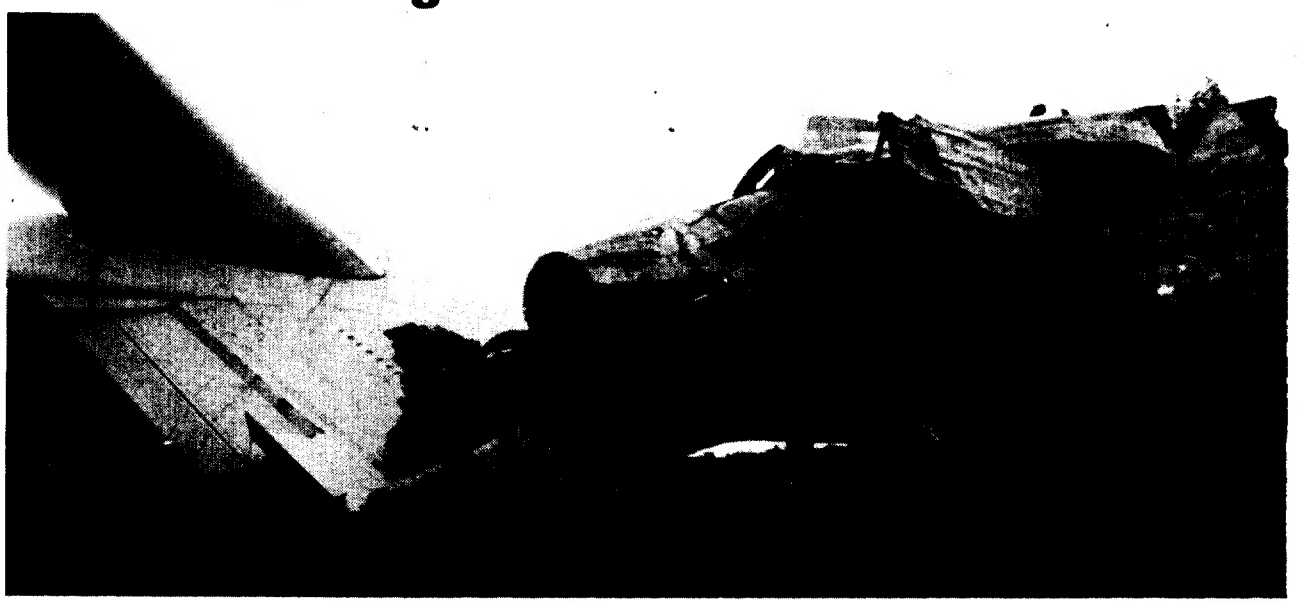
Diário de Lisboa

Novembro 1977
Segunda-feira
21
ANO 57.º
N.º 19 511
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

PRIMEIRO GRANDE DESASTRE DA TAP

Três dias de luto pelos 130 mortos do Boeing 727 destruído na Madeira



Começou hoje o luto nacional de três dias decretado pelo Governo como manifestação de pesar pela catástrofe que ocorreu na noite de sábado quando um «Boeing»-727 da TAP se despenhou no aeroporto de Santa Catarina na Madeira, causando 130 mortos e ferimentos em 34 pessoas, que sobreviveram à maior tragédia aérea portuguesa. Entretanto, no Funchal, preparam-se para amanhã as exéquias solenes dos mortos que serão sepultados na ilha, enquanto estão a chegar a Lisboa os corpos das vítimas que residiam no continente ou no estrangeiro.

O «Boeing» «Sacadura Cabral» que na noite de sábado fazia a ligação Bruxelas-Funchal com escala em Lisboa, levava a bordo 156 passageiros — 111 dos quais embarcados na capital — e oito tripulantes. Era comandado por João Mino da Costa Lontrão, há oito anos piloto da TAP e com experiência da pista de Santa Catarina. Por razões ainda não explicadas, (à hora do fecho desta edição não fora encontrada a «caixa preta» com o registo de bordo) o «Boeing», que se fez à pista às 21.45, tocou nela um minuto depois, sensivelmente a meio, não lhe restando espaço suficiente para se deter, dada a exiguidade do terreno.

A pista de Santa Catarina, que pessoal técnico da TAP classificou de «especial», mas não «insegura», tem 1.600 metros de comprimento. Desde o início da sua construção que os madeirenses têm revelado a sua apreensão pelo facto do aeroporto se situar num local propício a fortes rajadas de vento, entre o vale de Machico e a pequena baía de Santa Cruz. A pista começa e acaba em dois precipícios, sendo o menor aquele onde o «Sacadura Cabral» se despenhou.

Quando o avião se fez à pista chovia torrencialmente, a ponto de um automóvel que circulava na estrada, que margina o aeroporto ter sido obrigado a deter-se em consequência da água. Na estrada sobranceira à pista, e na aerogare, muitas dezenas de pessoas testemunharam o acidente. Entre elas, conta-se o nosso correspondente no Funchal, que descreve os factos.

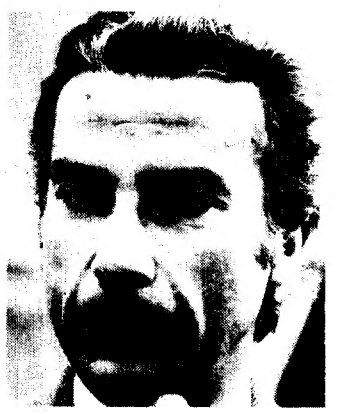
(Pág. 10)

PARA ALÉM DA HOMENAGEM A PIRES VELOSO

Neofascistas mais perto de descobrirem o seu líder

Votando ultimamente vencido, no partido de que é presidente, devido à sua sistemática recusa de «aproximação» e «cobertura» do Governo de Soares, Sá Carneiro parece ter conseguido reduzir a cinzas a oposição, no PSD, às suas teses «duras», e visa agora um duplo objectivo: sujeitar os «sociais-democratas» à sua autoridade e, separando-se temporariamente deles, aparecer aos olhos de toda a direita, desde o MIRN a algumas franjas do PS, como figura política «nacional», capaz de liderar uma ofensiva neofascista contra o Presidente da República e a Constituição, e que passa pela exigência de novo Governo até ao fim do ano.

Não foi preciso esperar que Salgado Zenha admitisse este fim-de-semana em Vila Nova de Gaia que «Sá Carneiro e Kaúlza falam a mesma linguagem» (ver nossa notícia na pág. 5) para compreender que o ex, e futuro, presidente do PSD visa mais, e mais à direita, do que **apenas** regressar, em força, à liderança «social-democrata; regressado dos EUA,



Sá Carneiro

Continua na pág. 20

Soares já está em Madrid

(Pág. 2)

SÁBADO, EM LISBOA, RESPONDENDO AO APELO DAS SUAS ORGANIZAÇÕES

Trabalhadores apoiaram soluções da Esquerda

Se o actual Governo afirma que as manifestações das massas progressistas de maneira alguma o irão pressionar na formulação correcta de uma política sancionada por diversos actos eleitorais (uma governação, portanto, de esquerda), também o povo que, no sábado passado, desceu às ruas de Lisboa, numa das maiores manifestações até hoje registadas na capital, poderá afirmar por sua vez que não se deixará pressionar pelas manobras de bastidor que, nos últimos meses, se têm sucedido nos corredores de S. Bento.

Poderá afirmar — e afirmou-o. Centenas de milhar de pessoas, da Rotunda ao Terreiro do Paço, gritaram bem alto, com uma consciência política feita de experiência, que não desarmava das conquistas de Abril. Foi uma tomada de posição que terá de ser considerada pelo Governo e ponderada por todos os Partidos políticos, nomeadamente por aqueles que nos derradeiros dias têm preconizado a revisão da Constituição e os órgãos de soberania que a defendem.

Durante cerca de quatro horas, arrostando com um tempo frio que prometia chuva, essas centenas de milhar de pessoas, na maior disciplina, souberam dizer o que pensam da política nefasta do FMI, da repressão contra a liberdade de expressão, do desemprego iníquo que se pretende impor, da Reforma Agrária que forças reaccionárias tencionam travar. Uma tónica dominou sempre a manifestação: em Portugal, independência nacional.

Nessa tarde histórica de Lisboa, sábado à tarde, sábado à noite, os jagunços, como sucedeu no Porto, não vieram, a mando de caciques, destruir livrarias e centros de trabalho de organizações de esquerda. Não que o povo do Norte seja reaccionário. Só que, não esclarecido por Partidos que, lá implantados, juraram a Constituição, se deixa manobrar num sentido que fatalmente lhe será desfavorável. Aqui, em Lisboa, numa tarde de sábado que para sempre ficará integrada no Programa dos Capitães de Abril, capitães que libertaram o nosso País do fascismo, as massas populares demonstraram de maneira inegável que unicamente darão o seu apoio a um Governo que, sem hesitações, saiba zelar pelos interesses progressistas de toda a comunidade.

Só quem tiver orelhas moucas, e olhos cegos ou propositadamente fechados, é que poderá dizer que não existe entre nós possibilidade para uma mobilização que verticalize Portugal.

(Pág. 9)

★ OS BENTOS ★

post-scriptum

Pedido ao sr. presidente da Câmara

Li no passado dia 3 do corrente que um poeta internacionalmente conhecido falecera e, por uma indicação deixada a suas irmãs, fora incinerado.

Veio-me à lembrança a existência no Cemitério do Alto de S. João, há mais de 50 anos, dum forno crematório que, por falta de montagem técnica efectiva, creio que não chegou a funcionar.

Como não só no dito cemitério, como nos restantes, o seu alargamento têm sido necessários o que penso sejam terrenos que fazem falta para urbanizar, em virtude do cada vez maior aumento demográfico, e, como eu quereria também ser incinerado após o meu falecimento, como certamente haverá outras pessoas com a mesma ideia, sem que tente com isso brigar com a religião, chamo portanto a atenção do sr. presidente da Câmara da necessidade de se proceder a um estudo para se pôr a funcionar devidamente o referido forno crematório.

J. PRAÇA — LISBOA

Para quando uma telenovela portuguesa?

O fim de «Gabriela» deixou um vazio que, como já foi anunciado, vai ser preenchido por uma série francesa. E a seguir a esta, outra telenovela brasileira. Não será já altura de a RTP pensar em produzir uma telenovela portuguesa, ou será que não temos escritores e actores capazes?

O que se passou em Ilhéus dos coronéis (e das gabrielas marginalizadas) distancia-se no tempo, pois aconteceu em 1925, no Brasil. Mas cá, no Portugal após 25 de Abril, há histórias verdadeiras, que devem ser mostradas ao Povo. Há «coronéis» e «jagunços» que teimam em subsistir, à custa de ameaças e da violência que exercem sobre os outros. Por isso, não seria má ideia a televisão interessar-se mais pelas realidades sociais e culturais do nosso País. Ou será que estaremos eternamente condenados a tudo importar?

M. Isabel Araújo
LISBOA

Apeadeiro da Portela de Sintra

Concretamente, que se passa com o apeadeiro da Portela de Sintra? A plataforma de embarque, cuja remodelação chegou a ser iniciada, há muito que ficou paralisada, com pedregulhos soltos e incómodos, que não raro têm ocasionado a queda dos utentes dos comboios.

Consta que o empreiteiro a quem a CP adjudicou a obra (há mais de um ano) já não está em condições de a concluir.

Por se tratar de um problema que se arrasta há longos meses e que vai agravar-se com a época das chuvas, pergunta-se: quando é que a CP se dispõe a respeitar os direitos dos utentes daquela via?

Maria Francisca Silva

SINTRA

DÊ-NOS NOTÍCIAS PELO TELEFONE 36 87 40

Contacte a Redacção do «Diário de Lisboa» através do nosso serviço automático de gravação de telefonemas, ao seu dispor entre as 21 horas e as 8 da manhã.

Soares já em Madrid para assinatura (amanhã) de novo Tratado Ibérico

O Primeiro-Ministro português, dr. Mário Soares, chegou a meio da manhã à capital espanhola, para uma visita oficial de dois dias, durante a qual será assinado um novo tratado de amizade e cooperação entre os dois países, em substituição do Pacto Ibérico, assinado em 1939 por Salazar e Franco.

Sublinhando, à partida do aeroporto, que entre os dois vizinhos ibéricos há já vários acordos de cooperação, Soares acrescentou que o novo tratado «pretende integrar e dinamizar todos esses textos e estabelecer um quadro para a amizade e cooperação com Espanha».

A cooperação militar foi igualmente referida pelo Chefe do Governo, que lembrou a deslocação de Ramalho Eanes e os contactos então efectuados entre as Forças Armadas dos dois países, explicando, deste modo, a ida, agora, do ministro Firmino Miguel, titular da Defesa, na comitiva. Acompanharam ainda Mário Soares, os secretários de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cultura, respectivamente, João Lima e David Mourão-Ferreira. A presença deste último relaciona-se com duas exposições (uma de Arte e outra sobre a revista «Presença») que decorrerão durante a visita.

TRATADO É ASSINADO AMANHÃ

Ao fim da manhã, a partir das 11 e 30, Mário Soares foi recebido pelo Rei de Espanha, D. Juan Carlos, tendo, mais tarde, almoçado, em privado, na embaixada portuguesa, em Madrid. Às 18 horas está prevista a inauguração da exposição «Cultura Portuguesa em Madrid», no palácio dos Congressos, seguindo-se, às 19 e 30, a inauguração da exposição «Presença». Às 21 e 30, Soares, e a sua comitiva de 14 pessoas, participam no jantar que lhes é oferecido no Palácio de Moncloa pelo primeiro-ministro espanhol, Adolfo Suárez.

A assinatura do Tratado, com Soares e Suárez presentes, ocorrerá amanhã, às 17 horas, no Palácio de Moncloa, seguida de conferência de Imprensa do dirigente português, meia hora depois e no mesmo local.

«NÃO VOU RENUNCIAR...»

Entretanto, Soares tem dado entrevistas a jornalistas da Imprensa, da rádio e da TV espanhola, acerca da visita. Debruçando-se, com frequência, nessas declarações sobre a situação do nosso País, o chefe do Governo diria em entrevista ao «El País»: «Não vou renunciar. Se a Assembleia da República deseja derrubar o Governo, pode fazê-lo aprovando duas moções de censura ou recusando o voto de confiança que o Governo solicitará se, antes do fim do mês, não conseguir chegar a acordo com os partidos da Oposição».

A imprensa espanhola comenta, no seu conjunto, com relevo a visita de Soares. Outro diário madrileno, o «YA», salienta que a evolução democrática de Espanha pode servir de exemplo a Portugal adiantando que «o Pacto de Moncloa pode constituir para Mário Soares uma solução aplicável a Portugal».

O Primeiro-Ministro esta manhã à partida para Madrid

O enviado especial da ANOP a Madrid, em serviço enviado ontem, entrevistou demoradamente o líder franquista Fraga Iribarne. Este, depois de historiar as relações entre os dois países e salientar a importância para ambos de uma maior cooperação, acrescentou que «a crise económica de Portugal terá porventura sido importante para nós: o pacto de Moncloa talvez não tivesse sido tão facilmente obtido sem ela. Pudemos ver as consequências em Portugal de não se ter conseguido chegar a um acordo entre os partidos».

NUMEROSA COMITIVA

A comitiva de Mário Soares tem a seguinte composição:

— Coronel Firmino Miguel (ministro da Defesa); secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e Emigração (dr. João Lima); secretário de Estado da Cultura (dr. David Mourão-Ferreira); director-geral dos Negócios Políticos (dr. José Manuel de Villas Boas); director-geral dos Negócios Económicos (dr. Lencastre da Veiga); chefe do protocolo de Estado (embaixador Gonçalo Caldeira Coelho); presidente da Fundação Gulbenkian (dr. Azeredo Perdigão); comissário nacional da Exposição de Cultura Portuguesa (Nikias Skapinakis); chefe de gabinete do ministro dos Negócios Estrangeiros (dr. Francisco Knopfli); adjunto do director-geral dos Negócios Políticos para os Assuntos Culturais (dr. Carlos de Mattos Taquenho); comissários-adjuntos da Exposição (arquitecto José Sommer Ribeiro e dr. João Palma Ferreira); director dos serviços de Informação e Imprensa (dr. Alfredo Duarte Costa); adjunto-militar do gabinete do Primeiro-Ministro (tenente-coronel António Rodrigues Areia) e adjunto do gabinete do Primeiro-Ministro (dr. Rui Mateus).

FOLHA OFICIAL

Legislação hoje publicada no «Diário da República», 1.ª Série, n.º 269:

Presidência do Conselho de Ministros: Declaração: De ter sido rectificado o Decreto n.º 142/77, publicado no «Diário da República», 1.ª série, n.º 253, de 2 de Novembro.

Ministério da Justiça: Portaria n.º 716/77: Mantém o lugar do escriturário-dactilógrafo no Cartório Notarial de Loures, cuja extinção estava determinada para quando vagasse; Portaria n.º 717/77: Aumenta o quadro do pessoal auxiliar do 7.º Cartório Notarial do Porto; Portaria n.º 718/77: Aumenta o quadro do pessoal auxiliar do Cartório Notarial de Paredes; Portaria n.º 719/77: Mantém os dois lugares de escriturário-dactilógrafo na Secretaria Notarial de Viseu, cuja extinção estava prevista para quando vagassem.

Ministério dos Negócios Estrangeiros: Avisos: Torna público ter o Governo das Bahamas depositado o instrumento de adesão à Convenção e Protocolo Relativos ao Imposto do Selo em Matéria de Cheques. Torna público ter o Governo da Guiné depositado o instrumento de adesão à Convenção Relativa à Abolição da Escravatura, do Tráfico de Escravos e das Instituições e Práticas Análogas à Escravatura. Torna público ter o Governo das Bahamas depositado o instrumento de adesão à Convenção Internacional para a Repressão do Tráfico de Mulheres e Crianças.

Ministério da Educação e Investigação Científica: Portaria n.º 720/77: Fixa o perímetro de protecção da Igreja Matriz de Alvor, do concelho de Portimão; Portaria n.º 721/77: Fixa o perímetro de protecção e zona vedada à construção da ponte sobre o rio Lima, em Ponte de Lima.

EMELLI
ARTIGOS ELÉCTRICOS
EXPOSIÇÃO DE
CANDEEIROS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
DE TRABALHO E DECORATIVOS
NOVOS/DIFERENTES/VARIADOS
Rua Santa Justa, 97-99 — Lisboa

ponto a ponto

Com início hoje, e até quarta-feira, vão realizar-se exercícios militares, incluindo fogos reais, em Vila Real, Chaves, serra da Lousada, serra de Santa Iria e Portalegre. Unidades em acção: Regimento de Infantaria de Vila Real, Batalhão de Infantaria de Chaves, Regimento de Artilharia da Serra do Pilar, Regimento de Infantaria do Porto e Regimento de Infantaria de Portalegre.

Manuel João da Palma Carlos foi recebido no passado sábado, no Palácio de Belém, pelo Presidente da República, a quem apresentou cumprimentos de despedida. O ex-procurador-geral da República vai ocupar as suas novas funções de embaixador de Portugal em Cuba.

No sábado, ainda, Ramalho Eanes jantou com o cardeal-patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro. Presentes também no jantar, além da esposa do Presidente, o novo arcebispo-primaz de Braga, D. Eurico Dias Nogueira, e o novo bispo de Viana do Castelo, D. Júlio Tavares Rebimbas. O convite partiu do Presidente.

As fronteiras da democracia - a nova clivagem pós - "operação Sá Carneiro"

ISABEL LOPES CARDOSO

A CRISE NECESSÁRIA

A crise da República (em crise) era inevitável. Desde o 25 de Abril que um grave equívoco tem trazido este país desarrumado: ele há um CDS que diz que é do centro (como se, em política, fosse possível existir um centro, ideologicamente definido...); um PPD que muda de sigla para nos convencer de que é social-democrata; um PS que se diz (ou dizia) socialista e é (cada vez mais) social-democrata.

Ou seja __ vários partidos (dois a dois) têm-se disputado os mesmos espaços políticos.

Esta guerra de galos, de lutas pessoais pelo poder, necessariamente que geraria a crise: crise política, mas também crise económica, crise financeira, crise social, crise de sistema.

Só uma crise __ que, antes de mais, tinha de ser de natureza política __ resolveria esta crise.

Aparentemente, só a realização de novas eleições se afigurava como saída. O momento do impasse vinha a aproximar-se. Sentia-se

Sentiu-o o PCP quando, no Verão passado, veio a terreiro com a proposta de nova consulta ao eleitorado. Então, foi a pedrada no charco. Mas eis que o CDS formula idêntica sugestão. E também a FO, pela voz de Lopes Cardoso, admite a hipótese como eventualmente necessária.

Claramente __ era preciso dar as cartas políticas de novo neste país.

Não para que tudo ficasse na mesma __ mas para realmente tornar este país governável. Para se começar a resolver a crise económica, a crise financeira, a crise social.

A OPERAÇÃO SÁ CARNEIRO

É neste contexto de **necessidade de crise**, que surge a «operação Sá Carneiro». Paradoxalmente (porque a sua intenção talvez não fosse exactamente essa) __ ela vem despoletar a **crise necessária** e substituir-se à realização de novas eleições (sempre indesejáveis em tempo de exaustão financeira e de cansaço político das populações).

E isto porque, numa antecipação estratégica, o PSD vai situar-se (finalmente) na direita __ abandonando o espaço «social-democrata» ao PS (agora para ele ainda mais disponível, após a fractura que sofreu à esquerda).

O PSD ultrapassa o próprio CDS pela direita, comprime-o, a ponto de o converter naquilo que talvez sempre tenha sido: um partido de «notáveis», uma clique bem-pensante, uma casta. Também ele ficou devidamente posicionado; não ficou na bicha, na concorrência, ficou à parte. Como compete às aristocracias.

Ao seu partido, Sá Carneiro arrumou-o no local que lhe é próprio: a direita. É com isso prestou um serviço à Democracia: porque clarificou o espaço político português.

A partir de agora, não haverá mais equívocos de linguagem: a «caça ao voto» por parte do PSD vai ser dirigida às massas de direita.

Em termos de poder instituído __ e, queira-se ou não, o poder está (apesar de tudo) na esquerda, neste país __ o PS (e a esquerda) foi, de imediato, o grande beneficiário da crise, no plano partidário. Mais uma vez (embora com responsabilidades acrescidas), o PS é empurrado para a espinha dorsal da política deste país. Daquilo que fizer dependerá o seu reforço ou a sua destruição.

O PSD sabe isso.

No plano militar e político-militar (e esta é a zona em que mais visivelmente o feitiço se voltou contra o(s) feiticeiro(s)) saem prestigiados da «operação Sá Carneiro» o Presidente da República e os militares (certos militares) do Conselho da Revolução que, desmontando a cabala que lhes foi montada, defenderam a Constituição e a Democracia portuguesas.

O DESAFIO AO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Nitidamente __ no que toca ao Presidente da República, a «operação» era o momento final do desafio que Sá Carneiro lhe vinha lançado desde o discurso de abertura da Assembleia.

Depois do discurso, Sá Carneiro, que tanto hesitara no apoio à candidatura de Eanes, tendo chegado a afirmar num comício no Porto que «Veloso é o candidato do PSD», rompeu definitivamente com o Presidente.

Ou seja __ rompeu com a Constituição (que sabe que Eanes cumprirá mesmo) e pôs em causa a Democracia (da qual sabe que o Presidente é o garante último).

Sá Carneiro é um homem de direita. Este Presidente e esta Constituição não lhe servem. O próprio programa do PSD lhe não serve. E senão, esperemos pelo Congresso extraordinário...

Sá Carneiro e os homens que lhe são afectos ficaram de um lado __ abertamente contra esta Constituição e contra este Presidente da República que não conseguiram (se bem que o tivessem tentado) instrumentalizar; do outro, ficaram os que (e são a maioria deste país) estão (apesar de tudo __ ou não) com esta Constituição e com este Presidente.

Vão rolar cabeças no PSD. Algumas já começaram a tombar. Muitos homens que lá estão (como poderiam estar **neste** PS) já não convêm a Sá Carneiro.

Metodicamente, ele tem vindo a depurar o partido de tudo que não é direita (veja-se Aveiro, veja-se Rui Machete ou Francisco Balsemão).

AS NEGOCIAÇÕES COM O FMI E A DISCUSSÃO DO ORÇAMENTO

Porque escolheu Sá Carneiro este momento (e não outro qualquer) para a sua «operação»?

Por um lado __ porque este era um momento particularmente delicado para o Governo (e para o país), em curso de negociações, em Lisboa, com os representantes do Fundo Monetário Internacional de um empréstimo do qual, no plano financeiro, também se encontra em parte dependente a sobrevivência da Democracia neste país. Não deixa de ser sintomático que se tenha querido perturbar essas negociações. De imediato, pelo me-

Continua na pág. 4

política

de A a Z

LISBOA

Deixemos aos observadores aéreos, e às suas técnicas, a contabilidade deste milagre terrestre. Durante três horas e meia a Avenida da Liberdade transformou-se num caudaloso rio humano. Quantos eram? Quantos éramos? A unidade de conta é a centena de milhar. Poder-se-á dizer simplesmente: eram muitos. Muitos e diferentes, identificados no protesto unânime, na unânime afirmação que a todos determinava para lá das próprias palavras de ordem: queremos a Liberdade em 25 de Abril reconquistada.

E dessa Liberdade operários e camponeses, funcionários e trabalhadores intelectuais, os camponeses da UCP «Estrela Vermelha» e os jovens que não querem continuar desempregados, tinham um comum entendimento. O seu desacordo em relação à política do Governo não perdeu de vista, um só momento, a necessidade de defender as instituições democráticas e **esta** Constituição. Manifestação de protesto? Sem dúvida. Manifestação contra a política dos ministros que se esqueceram de compromissos eleitorais e do seu próprio Programa? Sem dúvida. Mas manifestação iniludivelmente afirmativa da vontade popular de defender as conquistas de Abril e de apoiar quantos erguerem a bandeira da Revolução de Abril.

Dever-se-á acentuar que esta manifestação de protesto não foi uma manifestação de ruptura. Pelo contrário, no actual contexto, a manifestação dos trabalhadores de Lisboa e do Sul próximo da capital, representa uma contribuição de massas, onde além de organização se evidenciou a espontaneidade e o entusiasmo, no sentido de apoiar a mudança política que barre caminho ao avanço da «direita» e à escalada dos reaccionários, dos saudosistas, dos fascistas.

Uma tão impressionante demonstração de força numérica, da capacidade de mobilização, da consciência de classe e da consciência política, não só constitui a prova da possibilidade de uma decisiva presença do mundo que produz e cria na vida política do País, como constitui prova de que não será possível cindir, ou marginalizar, o movimento real das classes trabalhadoras. Para além das divisões ideológicas existe uma «esquerda» atenta ao movimento de massas e aos interesses reais do movimento popular. Exemplo unitário que cumpre registar: o da UDP. Não hesitou a UDP, à margem de quaisquer negociações e sem mitigar as suas posições polémicas, em suspender os trabalhos do seu próprio Congresso para vir trazer, ao rio humano que inundou a Baixa lisboeta, o seu contributo.

De quantos afluentes se fez o imenso rio? Exemplo foi esta manifestação de uma convergência inelutável. Nem projectos sindicais de duvidosa origem, nem a fácil demagogia, nem a intoxicação ideológica, puderam desviar milhares e milhares de trabalhadores e de democratas, evitar que desconhecessem o canto das sereias que quiseram dar à «manifestação» um cunho partidário. Foi uma «manifestação» do **partido de Abril**. Uma «manifestação» antifascista de classe. Uma «manifestação» de defesa da Democracia. Uma demonstração de força e de consciência que não poderá deixar indiferentes os que verdadeiramente, patrioticamente, quiserem «vencer a crise» para «salvar a Revolução».

PORTO

Em dias seguidos, duas manifestações diferentes. Uma, a das classes trabalhadoras pelos seus sindicatos convocada. Outra, convocada por uma «comissão» que integra socialistas equivocados, liberais desorientados, saudosistas e fascizantes, intriguistas e intoxicadores. Serviu-lhes de pretexto para a demonstração reaccionária, ou inconsciente, o nome do coronel Pires Veloso. Como se este militar pudesse vir a ser uma bandeira de luta para agrupar todos os protestos, todas as raivas, todas as ambições dos políticos da «direita» e dos reaccionários nortenhos.

Não importa fazer contas. Foram grandes manifestações a dos **partidários de Abril** e a dos que poderemos classificar, genericamente, como **adversários de Abril**. A uma e outra, dever-se-á reconhecer o carácter popular.

Mas naquela que se reclamou de Pires Veloso, e à qual não deixou de comparecer Pinheiro de Azevedo, o que, aliás, não suscitou o aplauso de todos os organizadores, o povo viu-se envolvido numa demonstração de histeria fascista. As explicações podem variar. Diversas interpretações serão apresentadas. Mas os **objectivos da violência** depõem quanto à **origem da violência**.

As forças democráticas não têm necessidade de usar a violência fascista. A linguagem das massas conscientes, quando não é impedida de expressar-se, é mais forte e vai mais longe que a bomba, a matraca e o archote. E no Porto foi assim, a manifestação serena e afirmativa das forças do trabalho, fez-se ouvir com mais altura e dignidade. O **culto de um homem providencial**, em si mesmo insólito, diminui-se com a histeria destruidora dos energúmenos reaccionários.

MADRID

Deste combate antifascista em que andamos empenhados, e que é condição da defesa nacional e internacional da Revolução de Abril, um acto importante vai ter lugar em Madrid. Nos fastos da jovem Democracia que andamos a construir com as dificuldades que sabemos, esta visita a Madrid, neste momento de perplexidades e de inquietações, do Primeiro-Ministro português, merece ser assinalado com uma pedra branca.

A amizade entre o Povo de Portugal e os outros Povos da Ibéria será firmada em novos moldes, em mais larga fraternidade e mais íntima cooperação, passando além do articulado do obsoleto «Pacto Ibérico». Este nosso tempo não é o da solidariedade entre dois regimes ditatoriais fascistas que mutuamente se defendem. Este nosso tempo é o da Democracia e do Socialismo. Esse é o futuro da Ibéria, um futuro de cooperação em condições de respeito mútuo e de mútuo interesse, um futuro de fraternidade.

Essa fraternidade antifascista e democrática vai ser reafirmada em Madrid.

De algum modo, em Madrid, Mário Soares e Adolfo Suárez, dirão que passou o tempo de tanto em Madrid, como no Porto, se fazer a saudação nazi, se canta hinos fascistas, se suspira pelo «antigamente». Esta Ibéria é a cabeça da Europa que viu morrer Hitler, Mussolini, Salazar e Franco.

Pub

AOS TRABALHADORES DOS SECTORES DE:

ARMAZENISTAS DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, AÇOS, TUBOS, FERROS, METAIS, FERRAMENTAS, FERRAGENS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS

PARALISAÇÃO DE TRABALHO

Decorreram já 14 meses sobre a entrega da proposta para um CCTV às Associações Patronais deste sector. Desde então, os Sindicatos tudo têm feito para obrigar o Patronato a negociar, mas este tudo faz para protelar indefinidamente as negociações. Primeiro, invocou a legislação que estava para sair para não comparecer às reuniões de negociação. Depois, obrigado a iniciar negociações inventou uma questão da qual ainda se não saiu — contesta o âmbito do nosso contrato, isto é, diz que não existem Armazenistas no sector.

E o Ministério do Trabalho deixa correr. Desde 3 de Fevereiro que aguardamos a segunda reunião de conciliação, mas o Ministério diz que aguarda um parecer do Ministério do Comércio. Os Sindicatos aceitaram ter uma reunião com os Ministérios do Trabalho e do Comércio não Alimentar. Em 3 de Outubro e, embora nessa reunião ficasse claro e expresso em acta, que há conteúdo para o âmbito do nosso contrato, a verdade é que não houve quaisquer resultados práticos.

No fundo, a verdade é esta: o patronato, com a conivência do Ministério do Trabalho e do Ministério do Comércio não quer negociar.

Esgotados todos os recursos ao nosso alcance, os Sindicatos representativos dos Trabalhadores do Sector responsabilizam o patronato, o Ministério do Trabalho e o Ministério do Comércio pelas formas de luta que são obrigados a adoptar.

Os Sindicatos: Comércio, Escritórios, Metalúrgicos, Electricistas, Rodoviários, Técnicos de Vendas, Construção Civil, Portaria e Vigilância, Cobradores, Hotelaria, Enfermeiros do Sul, Técnicos de Desenho, Telefonistas, Indústria de Madeiras, Garagens, Gráficos, Engenheiros Técnicos e Engenheiros da Região Sul.

Lisboa, 18.11.1977

DIA 22 — 3.ª FEIRA — 14 HORAS
CONCENTRAÇÃO JUNTO AO MINISTÉRIO DO TRABALHO
EM FRENTE PELO CCTV
UNIDOS ORGANIZADOS VENCEREMOS

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DE ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/60 532, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Balazar, concelho de Póvoa do Varzim, de uma linha aérea a 15 kV, com 313 metros de interligação, entre o apoio n.º 22 da linha para o posto de transformação da Algot Internacional Confecções, Lda., e o apoio n.º 10 da linha para o posto de transformação de Balazar da Chenop.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Novembro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DE ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte) a que se refere o processo 8/47 046, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia e concelho de S. João da Madeira de modificação, com diminuição de comprimento de 117 metros, da linha aérea a 15 kV de S. João da Madeira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Novembro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

MENOS "POLÍTICAS" AS COMEMORAÇÕES DO 25 DE NOVEMBRO?

Eanes falará em Tancos na qualidade de CEMGFA

Uma nota do Estado-Maior-General das Forças Armadas, sábado distribuída, informa que «atendendo ao simbolismo que representa para as Forças Armadas e para o País a data de 25 de Novembro de 1975», esta data deverá de novo ser celebrada este ano numa unidade militar, com a presença do CEMGFA, general Ramalho Eanes, e de outras entidades militares e civis. A unidade escolhida foi a base aérea de Tancos, onde, na sua qualidade de responsável máximo pelas Forças Armadas, o general Eanes proferirá um discurso na presença dos comandantes das Regiões Militares, dos chefes de Estado-Maior dos três ramos e de outras individualidades militares, incluíndo os adidos estrangeiros acreditados em Lisboa.

São igualmente convidados a assistir à cerimónia personalidades civis, nomeadamente o presidente da Assembleia da República, o primeiro-ministro, o presidente do Supremo Tribunal e a Comissão Parlamentar de Defesa.

Eanes há dois anos

O 25 de Novembro, que os colaboradores militares próximos de Eanes referem como a data que inaugurou a possibilidade de serem criadas em Portugal umas Forças Armadas «clássicas mas modernas», vai igualmente ser assinalado por meio de cerimónias nos comandos-chefes dos Açores e da Madeira, e em todas as unidades dos três ramos das FA, sendo lida às tropas uma mensagem do CEMGFA.

AS FRONTEIRAS DA DEMOCRACIA

Continuação da pág. 3

nos, o plano resultou.

(Poderíamos aliás associar estes factos a outros, como seriam os súbitos ataques por parte da Imprensa de direita afecta (directa ou indirectamente) ao PSD, ao embaixador americano — até há pouco quase um ídolo para essa mesma Imprensa. Mas isso já são contos mais largos).

Por outro lado, Sá Carneiro escolheu este momento porque se aproxima a discussão do Orçamento na Assembleia da República — mais uma ocasião particularmente difícil para o Governo. Havia que jogar na antecipação, capitalizar trunfos para depois, nessa altura, negociar com vantagens. Passou-se o mesmo com a discussão da Reforma Agrária.

Resta saber se, também aqui, o feitiço se não voltou contra o feiticeiro...

AS RESPONSABILIDADES DO PS

. Com a viragem à direita, muita gente vai abandonar o PSD e votar no PS. O grande partido social-democrata vem aí.

Saberá o PS estar à altura das suas responsabilidades acrescidas?

. Dialogar com as forças do trabalho — inequivocamente contidas, na sua maioria e na sua zona mais consciente, no PCP?

Esse diálogo é urgente e necessário. Por ele passa também a Democracia deste país.

O NOVO PARTIDO SOCIALISTA

E neste contexto — de capacidade ou incapacidade de resposta do PS à complexidade da situação do país — que se coloca a alternativa oferecida pela Fraternidade Operária, ou mais propriamente pelo partido socialista que os membros da FO anunciaram constituir.

Se o actual PS se «demitir», se for incapaz de governar este país no quadro institucional e partidário existente — com esta Constituição, com este Presidente da República, com este xadrez político, com estas forças do trabalho — então o futuro partido socialista terá com certeza uma palavra a dizer neste país.

A HORA DA VERDADE

O PS foi, mais uma vez, «empurrado», pela própria dinâmica do processo político, para a charneira da vida política portuguesa. Com tudo o que isso significa.

Desde sempre, o PS tem vivido de ocupar os vácuos, de **não ser**, de empatar, de adiar, de ser a própria solução para a circunstância de não haver solução. Por isso o PS não tem governado, não tem erguido um projecto político — tem gerido (e mal) a crise.

E uma situação que não pode manter-se. A ruptura do tecido social seria inevitável.

A situação política foi clarificada. A crise económica, financeira, social, tem de ser resolvida.

Sob pena de o próprio **sistema** entrar em crise — então irremediável.

Porque a direita (agora mais que nunca configurada no PSD) lá está à espera para, em nome do «pragmatismo» e da «reconstrução nacional», exercer a sua vocação totalitária.

A LINHA DE FRACTURA

. Chegámos à hora da verdade, em que ou o PS assume finalmente as suas responsabilidades de governo ou a Democracia correrá sérios riscos neste país.

A favor do PS joga a vantagem de saber que, a partir de agora, a linha de fractura da Democracia se tornou mais nítida: ela acaba, à direita, no próprio PS.

Que o PS a não deixe quebrar.

ISABEL LOPES CARDOSO

Dois bairros em Braga sem acesso e saneamento

A Comissão de Moradores dos Bairros Novo e da Agrinha estão a tentar resolver os problemas de saneamento e acesso à Estrada Nacional, que até ao momento presente têm sido indiferentes às autoridades, nomeadamente à Junta de Freguesia.

Os referidos bairros encontram-se situados na freguesia de Nogueira, sobranceira à estrada Braga-Guimarães e possuem cerca de 200 fogos onde se aloja uma população numerosa, em precárias condições, encontrando-se os caminhos praticamente intransitáveis depois de terem cessado as obras de saneamento.

Para atingir a Estrada Nacional a população destes bairros, quer para Norte, quer para Sul, é obrigada a percorrer cerca de um quilómetro por péssimos caminhos. A Câmara Municipal propôs-se arranjar uma extensão de 200 metros, ficando ainda um troço importante sem obras, exigindo no entanto a CM que os moradores deitem abaixo os muros e os reconstruam a expensas suas.

Pub

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

CCT COMÉRCIO (RETALHISTA) DE LISBOA

REQUERIDA A CONCILIAÇÃO

MOÇÃO

Trabalhadores do Comércio Retalhista do Distrito de Lisboa, reunidos em Plenário no Instituto Superior Técnico em 17-11-77, a fim de discutir o andamento das negociações do seu Contrato Colectivo de Trabalho, decidem:

1. Ratificar a decisão da CSN de requerer a passagem à fase de conciliação, dado que, tendo já decorrido 2 meses desde o início das negociações, ainda nada tinha sido acordado sobre a matéria considerada fundamental.
2. Chamar a atenção do Ministério do Trabalho para o facto dos trabalhadores do Comércio não estarem dispostos a aceitar atrasos injustificados na marcação do início das negociações, as quais deverão começar no dia 2-12-77, na medida em que se torna urgente a aplicação de novas tabelas salariais que possam combater minimamente o aumento do custo de vida.
3. Responsabilizar a CSN por manter junto dos trabalhadores uma informação constante acerca dos contactos com o Ministério do Trabalho.
4. Realizar novo Plenário o mais tardar até à 1.ª quinzena de Dezembro.

Lisboa, 18 de Novembro de 1977

Uma emulsão à base de lecitina, um poderoso demaquilhante de Guerlain, para peles secas; aplicar o **«Démaquillant pour peau sèche»**, sobre o rosto e pescoço, com movimentos circulares e depois retirar com papel absorvente. Termina-se a perfeita limpeza com loção para peles secas

CONGRESSO DA UDP:

Luta pela "unidade" tónica das intervenções

As grandes manifestações do Primeiro de Maio e de 22 de Junho mostam a possibilidade de «fazer convergir num imenso caudal revolucionário as forças populares por toda a parte empenhadas na defesa das suas conquistas». Esta afirmação consta das directrizes políticas que a UDP, após autocrítica relacionada com o enquadramento político da sua participação no Movimento de Unidade Popular nascido em torno da candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho, fez, após três dias de Congresso. O desenrolar das linhas que orientarão a sua actuação a curto prazo, condensadas no aprovado «Programa Imediato». Os Estatutos da UDP foram alterados em matéria de facto e foi eleita a nova Comissão Nacional, integrando 49 elementos.

Durante três dias na Amadora, a UDP analisou com profundidade a presente situação política e social e decidiu rejeitar o eventual voto de confiança que o partido no Governo (o PS) venha a apresentar ao Parlamento. A UDP resolveu também, utilizando um vocabulário firme que não deixa margem a qualquer dúvida, recusar a sua assinatura a qualquer Pacto Social, nos termos propostos pelo Governo em funções. Tal pacto seria «a arma da burguesia reaccionária para amordaçar o movimento popular e intensificar a exploração do povo».

Fora do imediato, num plano global, os congressistas definiram como sendo o caminho a seguir, a «luta pela unidade do Povo trabalhador e de todas as forças democráticas e patrióticas».

«Determinação de vencer», é a expressão constante dos textos programáticos que interessará fixar. Entretanto, durante o Congresso, foram aprovadas diversas moções e documentos: condenação dos bombistas, libertação imediata dos progressistas presos em Beja, apoio à luta da Fretilin e prosseguimento das investigações sobre a morte do padre Maximiano, investigações que «dormem — conforme o afirmado — as gavetas da Polícia Judiciária».

Boicote à Previdência fracassou no Sul

Reunidos no Sábado à noite no Instituto Superior Técnico, os ajudantes de farmácia do Sul mostraram-se satisfeitos com a «maneira firme como o Ministério dos Assuntos Sociais tem actuado face ao boicote do receituário da previdência» que foi decidido, como noticiámos em devido tempo, pelos proprietários das farmácias de alguns distritos.

No decorrer da reunião foram ainda debatidos alguns problemas referentes à reformulação profissional dos ajudantes de farmácia que afirmaram não aceitar, para o efeito, qualquer alteração que não seja feita por contratação colectiva.

Os presentes examinaram a questão do seu contrato colectivo, cujas negociações têm estado a ser demoradas pelo patronato e aprovaram uma moção em que fazem um aviso sério de que «não aceitarão mais protelamentos nem aceitarão que as negociações em curso sejam utilizadas com vista à satisfação das reivindicações do patronato».

CARLOS LAJE NO CONGRESSO DISTRITAL DO PS EM VN DE GAIA

"Estrela de Soares não empalideceu e mais brilharia no combate ao FMI"

«A estrela de Mário Soares não empalideceu, antes brilharia ainda mais no combate ao FMI», afirmou o deputado Carlos Laje no Primeiro Congresso Distrital do PS no Porto, que decorreu durante o fim-de-semana no pavilhão do Banco Pinto de Magalhães em Vila Nova de Gaia. «Porque não há-de ser o nosso país», acrescentou Carlos Laje, «a denunciar as campanhas do FMI?» O orador acusou o Fundo Monetário Internacional de pretender comandar a política dos países que a ele recorrem, e de querer submeter Portugal a uma lógica económica de retracção «que pode comprometer o futuro da nossa economia».

Os trabalhos encerraram ontem com uma sessão que não chegou a ser presidida por Mário Soares, que enviou uma mensagem justificando a sua ausência, e na qual participaram 280 delegados. Presentes, entre outros, António Macedo, presidente do PS, Salgado Zenha, Rui Vilar, Mário Cal Brandão e Manuel Ramos.

Durante uma vigorosa intervenção, sábado, António Macedo atacou os responsáveis pelo clima de agitação fascista que o Porto conheceu na semana passada, afirmando que «não se pode consentir que agentes da reacção sejam apontados como os verdadeiros portugueses»; recordou igualmente, como no seio do PS se faz de tempos a tempos que «a democracia tem de ser construída com democratas e não com fascistas».

Carlos Lage: Denunciar o FMI

Salgado Zenha: Sá Carneiro e Kaúlza falam a mesma linguagem

Por sua vez, Salgado Zenha chamou a atenção para o papel que o ex e futuro presidente do PSD está a desempenhar na actual conjuntura, afirmando textualmente que «Sá Carneiro e Kaúlza de Arriaga falam a mesma linguagem». As tónicas deste Congresso, iniciado no próprio dia em que a direita mais reaccionária saía para a rua e, a coberto da «homenagem» a Pires Veloso, assaltava e incendiava, como no «Verão de 75», locais de organizações de esquerda, foram formalmente o antifascismo, a marcação de distâncias em relação às teses e imposições do FMI e o apelo ao aumento da produção, sobretudo no sector agrícola, «para que seja possível reduzir as excessivas importações de produtos alimentares» (um bilião de dólares no corrente ano).

VILA REAL PRÓXIMO OBJECTIVO

Está marcado para o próximo fim-de-semana, em Vila Real, novo Congresso Distrital do PS, no qual deverão participar, além dos delegados eleitos pelas secções, os socialistas eleitos para as câmaras e assembleias municipais do distrito. Estarão presentes como convidados António Barreto, António Reis, Jaime Gama, Eurico Figueiredo, e, nas sessões de abertura e de encerramento, o bispo da diocese, e os comandantes do RI 13, da PSP e GNR locais.

Absolvidos trabalhadores da UCP "Nascer do Dia"

Os nove trabalhadores da UCP «Nascer do Dia» julgados no Tribunal de Elvas, depois de terem sido detidos, quando apanhavam azeitona na herdade das Barrancas, recentemente entregue a um agrário foram absolvidos.

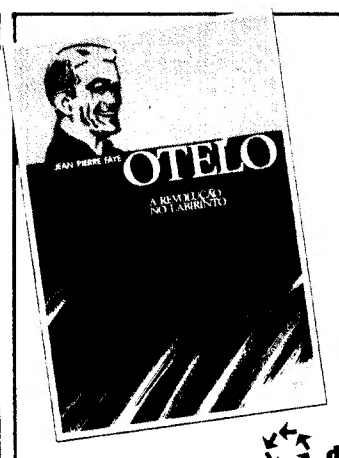
Dois desses trabalhadores (Afonso, dirigente da UCP «Nascer do Dia» e João José Pinheiro, mecânico da UCP «Unidade de Trabalhadores» de Campo Maior) vão proceder judicialmente contra a GNR por terem sido agredidos durante a operação repressiva levada a cabo pelas forças militarizadas.

CRRA de Évora e agrários invadem herdade da Juliou

Funcionários do CRRA de Évora, acompanhados por cerca de trinta amigos e correligionários) de um agrário de Mourão invadiram a herdade da Julioa, integrada na UCP «12 de Setembro», que aquele tinha pedido como reserva.

Os invasores, muitos deles agrários e comerciantes apresentaram-se armados de caçadeiras. Por outro lado, o reservatório, com as costas «quentes» e demonstrando uma «coragem» a toda a prova expulsou da herdade, à pedrada, o pastor das ovelhas que ali se encontrava no desempenho das suas funções.

Os trabalhadores foram apanhados de surpresa visto que não receberam qualquer aviso sobre a entrega da reserva ficando assim goradas as negociações entre a UCP e o CRRA sobre a herdade da Julioa. Entretanto o agrário e os seus amigos, que nunca na sua vida tinham trabalhado, semearam as terras alqueivadas pelos trabalhadores.



Análise objectiva do que foi o 25 de Novembro, por Jean Pierre Faye, membro do Comité Russell.

A SAIR BREVEMENTE!

distribuidora O SECULO

PROPEDÊUTICO
ALÉM DOS CURSOS NORMAIS
- PROGRAMA INTEGRAL, COM INICÍO EM 23 DE NOVEMBRO
- PROFESSORES QUALIFICADOS
- DURAÇÃO DE CADA AULA: 1 HORA
- manhã
- tarde
- noite
- ABERTAS INSCRIÇÕES PROVISÓRIAS -
SÉNECA
Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º
Telef. 40092 Lisboa 1 (Metro Anjos)

EVA
grande cabeleireiro de senhoras EVA, lda.
As Senhoras sabem que a EVA é um Cabeleireiro muito bom
Pr. Marquês de Pombal, 1 e R. Camilo Castelo Branco, 23
LISBOA

PORTO CABRAL
o sabor da tradição
distribuidores: SERAFIM CABRAL LDA.
AV. INFANTE SANTO lote B Nº23-6ºB LISBOA
TELEF 675689.664185.605341 TELEX 13361 P

CP — CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, E. P.

AVISO AO PÚBLICO

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 5 de Dezembro de 1977, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a exploração de uma dependência situada no rés-do-chão (frente às Informações) da estação de Porto (S. Bento), dirigida a uma das seguintes actividades:

— Exposição e venda de electrodomésticos e ou mobiliário
— Boutique
— Venda de discos, material fotográfico, «posters» e gravuras.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação da instalação é de 20 000$00 e os concorrentes devem depositar em qualquer estação da CP a quantia de 3300$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

— Braga
— Póvoa de Varzim
— Penafiel
— Espinho
— Serviço Comercial da Região Norte
Porto (S. Bento)
— Serviço Comercial de Passageiros
Estação de Santa Apolónia, 1.º andar
Lisboa 2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses — E. P., estação de Santa Apolónia, 1.º andar, Lisboa 2, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte.

«Proposta para a exploração de uma dependência na estação de Porto (S. Bento)».

Lisboa, 2 de Novembro de 1977.

Pub

SINDICATO DOS CAPITÃES, OFICIAIS PILOTOS, COMISSÁRIOS E RADIOTÉCNICOS DA MARINHA MERCANTE

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL

Efectua-se no próximo dia 12 de Dezembro, segunda-feira, pelas 21.00 horas, uma Assembleia Geral na sede do Sindicato — Praça de D. Luís, 9-1.º Dt.º, em Lisboa — com a seguinte ordem de trabalhos:

PONTO ÚNICO — **Apreciação e votação do orçamento para o ano de 1978.**

Lisboa, 16 de Novembro de 1977

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

João Fernando do Amaral Carvalho

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Concurso n.º 3-2153/77

Fornecimento de uma máquina de circulação extracorporal para o Serviço 4 - Bloco operatório do Hospital de St.ª Marta.

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 12 de Dezembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91, todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectiva condição.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 9 de Novembro de 1977.

O CHEFE DO SERVIÇO

a) **Alexandre Pinheiro**

FOTOCÓPIAS

EXECUTAMOS A PREÇO DE 1$50

AV. 5 DE OUTUBRO, 201-2.º Dt.º
TEL.: 77 11 79 - 77 41 55 — LISBOA

CDS REUNIU COMISSÃO POLÍTICA:

"Segundo Governo Constitucional está à vista"

● garante Freitas do Amaral

. A formação dum II Governo Constitucional, a adopção de um novo programa governativo (previamente acordado e a aprovar na Assembleia da República) e a constituição duma plataforma democrática tripartida (PS, PSD e CDS, excluindo portanto o PCP) são em síntese, algumas das condições prévias impostas pelo CDS para participar num acordo com vista a encontrar-se uma saída para a actual crise política e económica portuguesa. Estas exigências constam dum comunicado do partido emitido ontem na sequência duma reunião da sua Comissão Política. A reunião foi convocada para apreciar a proposta governamental com vista ao estabelecimento duma plataforma de acordo entre os partidos e os parceiros sociais. A Comissão decidiu encarregar o secretariado de elaborar e aprovar uma contraproposta a este documento. Da contraproposta deve constar o modelo económico preconizado pelo Partido do Centro como alternativa ao actual Governo-PS. No dizer da própria comissão, as negociações com o Governo e o PS devem realizar-se com a maior rapidez possível de forma que até 30 deste mês se saiba se a plataforma proposta é viável ou não.

O documento do CDS reafirma as posições do partido no sentido de manter a sua disposição de «apresentar uma moção de censura ao Governo, caso não se verifiquem as condições que formulou». Por outro lado, o partido considera que o memorando apresentado por Soares «constitui o primeiro passo de uma negociação necessária», embora entenda que o seu texto está longe de ser «o texto possível da plataforma que importa encontrar».

A contraproposta do CDS ao Governo-PS preconizará a formação dum II Governo Constitucional para realizar um programa previamente aprovado na AR; o conteúdo do novo programa de Governo deverá ser, nas suas linhas gerais, previamente acordado na plataforma, ministério por ministério, devendo o CDS apresentar os seus próprios pontos de vista em relação a cada um.

No respeitante à política económica e financeira, o CDS diz que não pode aceitar o modelo constante do memorando entregue pelo Primeiro-Ministro, cabendo-lhe propor um modelo alternativo, baseado numa nova política económica e financeira, compatível com as propostas de grandes opções do planeamento a médio prazo, da autoria do próprio CDS. Só à luz desse modelo alternativo diz o CDS que poderá ter sentido o prosseguimento de negociações com o Fundo Monetário Internacional.

Sobre as leis fundamentais de carácter administrativo, económico e social, aprovadas na anterior sessão legislativa, a contraproposta do CDS deverá indicar claramente os pontos julgados essenciais. O partido volta a falar da revisão da Constituição e diz que indicará os pontos em que ela deverá verificar-se».

No final da reunião, o presidente do partido, Diogo Freitas do Amaral, falou aos jornalistas e disso, a dado passo: «o II Governo constitucional está à vista».

POSIÇÃO DA JC

Entretanto, também este fim-de-semana reuniu em Setúbal a Comissão Política da Juventude Centrista. Tratava-se de analisar a situação política portuguesa. No final foi emitido um comunicado. As posições da JC não diferem das posições do CDS. A JC pensa que «à medida que o processo político caminha para a direita e a esquerda se mostra desesperada por perder as suas posições», o CDS tem a importância («cada vez maior») dum «papel dirigente e arbitral». A JC entrevê a possibilidade de o CDS ser «um medianeiro ideal e ao mesmo tempo a força de decisão entre as forças de esquerda e de direita, entre os órgãos de Estado (em que se inclui o Presidente da República) e o conjunto da sociedade portuguesa».

O "Plano" e os "pacotes"

. De regresso da Alemanha Federal, Sousa Gomes, ministro do Plano e da Coordenação Económica, afirmou que se revelaram de grande utilidade os contactos entre o Partido Socialista e o SPD de Willy Brandt. Sousa Gomes, que representava precisamente o partido a que pertence no Congresso do Partido Social-Democrata Alemão referiu-se também, explicando, aos eventuais empréstimos a contrair pelo actual Governo junto do FMI e não deixou de lamentar que eles signifiquem «a necessidade de se condicionar a evolução económica, que não poderá ser feita em termos tão desenvolvimentistas, como todos gostaríamos.»

. Estas declarações de S. Gomes, no seu regreso de Hamburgo, coincidem com outras, produzidas por Manuela Silva ex-secretária de Estado do Planeamento, enquanto decorria, na Faculdade de Economia do Porto, um colóquio sobre a conjuntura económica. Afirmou Manuela Silva que existe uma grande diferença entre uma economia baseada no Plano e uma política fundamentada em «medidas avulsas», ou seja os «pacotes» a que o Governo se refere. Defendeu o ex-secretário de Estado que um plano se concebe «não apenas como um instrumento regulador da economia mas também do conjunto da sociedade».

Sousa Gomes

Manuela Silva

Canais verde e vermelho no aeroporto da Portela

Entrou hoje em vigor, a partir das oito e trinta, no aeroporto de Lisboa um novo sistema de revisão de bagagem, inaugurado pelo ministro das Finanças e pelo secretário de Estado do Orçamento. Classificado em dois grupos o novo sistema, os passageiros que não têm nada a declarar passam pelo canal verde, os que têm mercadoria a declarar seguem pelo canal vermelho.

Segundo este novo sistema, todos os passageiros do canal verde deixarão o controlo aduaneiro sem quaisquer outras formalidades.

TAP suspende voos para a Rodésia

Em cumprimento do embargo à Rodésia decidido pela ONU, os Transportes Aéreos Portugueses suspenderam oficialmente, há 15 dias, os voos para a Rodésia — esclareceram os serviços de relações públicas daquela transportadora, a propósito de notícias enviadas de Salisbúria por uma agência noticiosa norte-americana.

Os TAP, no entanto, continuam a responsabilizar-se pela vinda para a Europa de passageiros que à altura do embargo tinham reservado bilhetes na companhia.

Assim, os TAP encarregam-se da ida dos passageiros nestas condições da Rodésia até Joanesburgo, de onde poderão apanhar um voo de ligação para Lisboa.

A companhia aérea sul-africana, já que o embargo decidido pela ONU está a ser respeitado, passa a ser a única companhia estrangeira com voos para aeroportos rodesianos.

Em Faro o «D.L.» em vendido por Quiosque Farense Eurico Afonso da Conceição — Praça Ferreira d'Almeida

Renault dominará mercado português do automóvel

. Após uma visita de cinco dias a França, regressou ontem a Portugal o ministro da Indústria e Tecnologia, Nobre da Costa, após ter assinado na capital francesa um acordo-quadro com a Regie Renault para a instalação em Portugal de uma fábrica de automóveis com a capacidade de 60 mil viaturas por ano e de uma fábrica de motores para a exportação com a capacidade anual de 300 mil unidades.

Com o processo — que se está a usar em Portugal — de contingentamento das viaturas importadas, cerca de 50 por cento do mercado automóvel será exclusivo da marca Renault.

O ministro afirmou ainda que o acordo assinado com a Renault irá permitir a criação de 17 mil novos postos de trabalho, sendo 10 mil indirectos, através de outras indústrias complementares, e sete mil directos.

O problema da indústria nuclear foi ainda abordado já que a tal propósito Nobre da Costa teve contactos em Paris Diria. o ministro que não empreenderá quaisquer negociações sobre centrais nucleares, «embora seja natural que a França, como um dos principais fabricantes de centrais que é, esteja muito interessada em que Portugal quando tomar uma decisão a este respeito, a consulte e eventualmente lhe compre uma central».

Tribunal Humberto Delgado

. Um grupo de democratas e antifascistas do Pragal, correspondendo ao apelo do Tribunal Cívico Humberto Delgado, decidiu formar um grupo de apoio local, propondo-se desenvolver, entre outras as seguintes iniciativas; realização de uma sessão antifascista no próximo dia 25 de Novembro, na Sociedade Recreativa Pragalense, lançamento de um manifesto à população e emissão de um autocolante.

"HOMENAGEM" FOI PRETEXTO

Violência fascista nas ruas do Porto

PORTO 21 — Apesar do trabalho militante de reconstrução, eram ainda visíveis, esta manhã, os efeitos da onda de violência que eclodiu, no sábado à tarde nesta cidade, a partir da «manifestação de homenagem» a Pires Veloso que congregou dezenas de milhares de pessoas recrutadas em todos os distritos do País pelas forças de direita e extrema-direita.

Com uma actuação que fez recordar a vaga terrorista do Verão de 1975, em que dezenas de sedes de partidos de esquerda foram saqueadas e incendiadas, grupos de manifestantes aos gritos de «Viva Pires Veloso» e «Viva a Democracia» assaltaram e depradaram as sedes da LCI e do MDP e a livraria Avante, depois de uma tentativa frustrada de assalto à sede distrital da UDP, na Avenida dos Aliados.

Para além destas destruições ocorridas no final da «homenagem», e do rebentamento de dois petardos, várias atitudes, abertamente nazis, caracterizaram a manifestação. Caso dos espancamentos de alguns transeuntes — «agarra que é comuna», «carrega-lhe que é vermelho» vociferavam contra algum «supeito» — as saudações de braço estendido e os gritos de «Salazar, Salazar», tudo isto comandado por indivíduos de matracas e chicotes que nunca encontraram oposição por parte quer dos promotores da «homenagem» quer pelos manifestantes em geral. De resto, os grupos de jovens vestidos de negro e com capacetes de motorizada na cabeça que ostensivamente mostraram a sua mentalidade nazi, esses chegaram a ser aplaudidos por manifestantes, quando entravam na Praça General Humberto Delgado, descendo depois a Avenida dos Aliados.

Por outro lado, tais grupos de choque sentiam-se de tal forma integrados no espírito da manifestação que andavam de um lado para outro como se fossem os «protectores» da mesma.

«HOMENAGEM»

A homenagem a Pires Veloso, propriamente dita, não foi, afinal, mais do que a oportunidade para certas forças, às quais Pires Veloso serve de bandeira, atacarem veladamente a Democracia, a Liberdade e o 25 de Abril. Na verdade, os discursos e moções, ora se caracterizaram pelo elogio gratuito e oco que fez lembrar as discursatas oficiais do 24 de Abril, ora se deixaram penetrar pelo convite à violência e ao ódio sob a tónica do anticomunismo primário, de tal forma que por várias vezes foram os oradores interrompidos por gritos de «assassinos, assassinos» sempre que eram feitas referências a Vasco Gonçalves, Corvacho, Álvaro Cunhal ou à União Soviética. Aqui se tornou bem evidente, o prolongamento da manifestação reaccionária do dia 5, na qual foi assobiado o Presidente da República. Aliás não faltaram insultos velados no final quando os objectivos fascistas viriam a ser claramente atingidos com os assaltos às organizações de esquerda.

Na tribuna, viam-se familiares de Pires Veloso (pai, mulher, irmãos e filho) e várias figuras públicas: almirante Pinheiro de Azevedo, «capitão» da CAP, José Casqueiro, capitão Tomás Rosa, Coronel eng. Pires Afonso que pertenceu à candidatura de Ramalho Eanes, «Chico da CUF», Natália Correia, Dórdio Guimarães, Mário Cesariny de Vasconcelos, deputados do PSD (Taveira da Gama, Amândio de Azevedo e Montalvão Machado) do CDS (Rui Oliveira e João Lopes Porto) e do PPM que como se sabe, foram as forças políticas que, juntamente com o MIRN mobilizaram a população para a «homenagem».

Presentes também três militantes do PS: dr. João Araújo Correia, arq. Ângelo de Magalhães e Sérgio Mourão (jornalista), estes vereadores da Câmara Municipal.

Frise-se que estes três militantes do PS foram ontem alvo de uma moção de pedido de expulsão do partido aprovada pelos cerca de 300 delegados ao congresso da Federação do PS no Porto.

FACTOS E PALAVRAS

Entre a multidão alguns dísticos grandes e destacados davam bem a ideia de que a manifestação não era só homenagem a Pires Veloso: «golpistas do 25 de Novembro para a prisão» e «dos rolhas não reza a história». Tinham a assinatura do PC de P (m-l) grupo a que foi dada honra especial já que um seu militante foi o primeiro orador. Tratou-se de Francisco Limpo de Queirós que, não fugindo à tónica daquele partido identificado com o PC chinês, viria a esclarecer melhor o significado dos cartazes, se é que alguém ficara com dúvidas.

O homenageante de Pires Veloso começou por caracterizar este militar pela «firmeza perante o inimigo social-imperialista russo», salientando que ele estava disposto a fazer «a limpeza dos agentes de Moscovo» e que «revelou a sua fibra nacional e o seu comportamento honesto ao contrário de alguns generais de aviário que, antes do 25 de Novembro diziam apoiar a democracia para depois passarem a apoiar a «maioria de esquerda». Aqui se repetiram os prolongados assobios do passado dia 5.

Outra passagem significativa da diatribe: «Pires Veloso não se deixou dominar pelos «complexo de direita» não se deixou intimidar pelas acusações de «reaccionário» e «fascista» com que o departamento do KGB — a gestapo russa — o classificou nalguma imprensa estatizada».

A dra. Maria Eva Xavier do PSD foi a segunda oradora que também não escondeu o seu primarismo. Numa alusão aos «carrascos dos povos» referiu-se ao «gonçalvismo» e ao «corvachismo».

«SOCIALISTA» NA TRIBUNA

A última intervenção coube a João Araújo Correia (filho) que chegou ao cúmulo de estabelecer um paralelo entre Humberto Delgado e Pires Veloso o que certamente fez estremecer o túmulo daquele que foi e congregou milhares e milhares de antifascistas ao contrário do que ali mesmo acontecia com o ex-comandante da RMN que a 25 de Novembro de 1976 colocou em lugar de honra o arguido bombista Mota Freitas.

O militante socialista falou da alegria inacabada do 25 de Novembro, salientando que «a parte imperfeita dessa alegria» é um mistério, para mais adiante afirmar que «passam-se coisas incompreensíveis com a democracia que temos». Não se referia, como se pode ver pela passagem seguinte do seu discurso, aos grupos de nazis que enquanto ele falava passavam livremente, impunemente, por entre os manifestantes fazendo a saudação nazi. Disse então: «os seus inimigos oriundos politicamente de terras onde não há eleições nem partidos, nem greves nem dez reis de liberdade gozam aqui da mais ampla para a destruirem e desacreditarem».

NAZIS EM ACÇÃO

No final foi entregue ao filho de Pires Veloso uma espada de honra recebida com uma onda de histerismo colectivo. Seguiu-se a actuação de um rancho folclórico e logo depois, quais «jagunços» às ordens de «coronéis», grupos que chegaram a atingir duas dezenas de manifestantes, partiram para os assaltos, munidos de matracas, correntes, ferros.

O primeiro grupo subiu a rua Elísio de Melo, passou a Praça de Filipa de Lencastre entrou na Rua Aviz e, em poucos minutos, destruindo as portas de ferro, assaltou a Livraria Avante atirando para a rua livros que depois foram incendiados. As imagens da livraria de João Fulgêncio de «Ilhéus» vieram à lembrança de quem por ali passou pouco depois. Foram quebrados vidros, destruídas estantes: prejuízos orçados em 200 contos. A Livraria Aviz, que fica contígua ficou também danificada.

A presença da Polícia evitaria que a depradação continuasse.

Entretanto, a sede da LCI era assaltada e incendiada, tendo sido atirados para a rua móveis e propaganda a que foi ateado o fogo, acto de fé que também em frente da Livraria Avante havia sido praticado. Junto à sede da LCI na Rua Gonçalo Cristóvão os fascistas entoaram o hino nacional de braço estendido e gritaram vivas a Pires Veloso e à democracia. Cerca de meia hora mais tarde um grupo de cerca de 200 manifestantes, igualmente comandados por indivíduos de capacetes, luvas pretas e matracas abeirava-se da sede do MDP na Rua Alfredo Magalhães. Gritaram «é agora, é agora» e um destacamento de cerca de 10 indivíduos escacou os vidros da entrada, subiu ao 1.º andar, onde está instalada a sede e com varapaus, chicotes, matracas e um ferro que tinham mais de dois metros destruiu vários móveis, propaganda, vidros, estantes e a exposição sobre a Checoslováquia que ali estava patente.

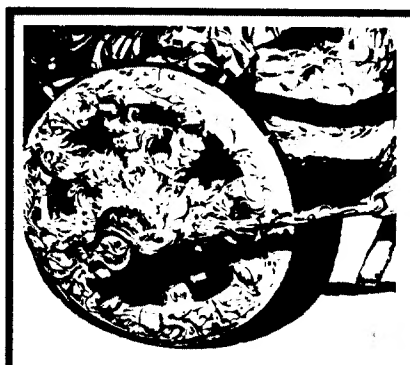
Indivíduos em automóveis comandavam as operações. Registamos as matrículas de um veículo alaranjado (DE-49-39) suspeito e de motos (LU-90-43 e LU-90-13) em que se deslocaram alguns dos que encabeçavam o grupo. Entre eles viam-se alguns militantes da Juventude Centrista.

Destruição da Livraria «Avante!» uma imagem muito próxima das que a telenovela «Gabriela» nos mostrou com a fúria dos «coronéis» sobre o jornal de João Fugêncio

Na varanda da Câmara Municipal (!) também se viu o almirante Pinheiro de Azevedo. Notadas ainda as presenças de José Casqueiro, Natália Correia, deputados do CDS, do PSD e militantes destacados do PS

A sede do MDP também foi alvo da barbárie nazi

KOL
MAPLES
NOVOS MODELOS
A PREÇOS SOCIAIS
ABERTO ATÉ AS 23 H
Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 87-89
Tel. 779643 - Lisboa


ÁLBUM DO MUSEU DOS COCHES
A INCM acaba de lançar o seu primeiro volume de Albuns de Arte, este dedicado ao Museu Nacional dos Coches.
Arte e cor completam esta obra trilingue de há muito solicitada por portugueses e estrangeiros.
À venda nas Livrarias
Preço — 450$00
LIVRARIAS DO ESTADO
R. Marques de Sa da Bandeira, 16 A LISBOA-1
R. da Escola Politecnica LISBOA-2
R. de D. Francisco Manuel de Melo, 5 LISBOA-1
Av. do Dr. Antonio Jose de Almeida LISBOA-1
Av. de Fernão de Magalhaes, 486 COIMBRA
P. Guilherme Gomes Fernandes, 84 PORTO
incm
IMPRENSA NACIONAL CASA DA MOEDA

O SEU VELHO TELEVISOR VALE MUITO DINHEIRO
na troca de um
LOEWE OPTA
CONSULTE-NOS
RAIO DE SOL
LARGO DE D. ESTEFÂNIA 12-D · TEL. 548856 · LISBOA
GALERIA TRIANGULO
AV. ALMIRANTE REIS 166-A · TEL. 571978 · LISBOA

SOTAS

ADMINISTRAÇÃO LOCAL

O conselho de secretariados do Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) aprovou ontem a proposta reivindicativa sobre a lei das bases, questão salarial e benefícios sociais complementares anteriormente subscrita por cerca de vinte sindicatos da administração central regional e local. Durante a reunião, efectuada em Santarém, foram apontadas diversas formas de luta para obrigar o Governo a negociar a proposta, prevendo-se contactos sindicais, entrega aos órgãos de soberania das decisões tomadas colectivamente, realização de manifestações e, como último recurso, a greve.

CONVÍVIO

«Um dos nossos objectivos não é apenas reforçar a unidade dos trabalhadores da CML, mas também lutar pela unidade dos trabalhadores em geral», afirmaram elementos da lista B, concorrente às eleições para a direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa, durante uma sessão de convívio realizada ontem, no encerramento da campanha. A sessão teve lugar no Teatro Vasco Santana, depois de comissão eleitoral do Sindicato impedir a sua realização nas instalações daquele organismo.

CONGRESSO

A convite da Central Latino-Americana de Trabalhadores deslocou-se a S. José da Costa Rica um representante da Base-Frente Unitária de Trabalhadores, onde participará nos trabalhos do VII Congresso Latino-Americano de Trabalhadores, que hoje se iniciou.

CP

Na «impossibilidade» de efectuar em devido tempo o pagamento integral do subsídio de Natal, o conselho de gerência da CP adiantará este ano apenas quatro contos por trabalhador, por conta do 13.º mês.

Prevê-se que o remanescente venha a ser pago juntamente com a retribuição correspondente ao mês de Dezembro.

SCC

A comissão de trabalhadores da fábrica nº 1 (Vialonga) da Sociedade Central e Cervejas pediu à comissão negociadora sindical do ACT da empresa que dê início, de imediato, a plenários da informação em todos os estabelecimentos do sector cervejeiro, e que diligencie junto do MIT no sentido de empossar os elementos do conselho de gestão o mais rapidamente possível. A posse dos gestores é condição prévia das negociações, mas «vem sendo protelada indefinidamente, agravando-se por isso as situações de injustiça».

EMPRESAS CERVEJEIRAS

Atraso inexplicável na unificação do sector

A aglutinação em duas empresas — Centralcer e Unicer — das cinco empresas existentes no sector cervejeiro nacionalizado (Cergal, Sociedade Central de Cervejas, CUFP, Copeja e Imperial) não foi ainda consumada apesar de os respectivos Estatutos terem sido já aprovados pelo Governo.

Depois da nacionalização do sector em Agosto de 1975 e do estudo feito, em 1976, por uma comissão de reestruturação, o Ministério da Indústria e Tecnologia fez uma proposta para a formação de duas empresas públicas, em Junho passado. Quer a proposta do MIT quer a proposta governamental para a constituição dos Conselhos de Gerência das duas empresas foram enviadas aos trabalhadores que se pronunciaram sobre elas. Embora defendendo a constituição de uma única empresa pública aglutinadora das cinco existentes, as comissões de trabalhadores do sector consideram esta medida já positiva visto que se trata de «um passo em frente na consolidação na nacionalização do sector, pois as manobras que a direita reaccionária andava desenvolvendo e ainda desenvolve apontam para a desnacionalização pura e simples».

Mas apesar de no passado dia 4 deste mês a Imprensa ter divulgado a notícia de que os estatutos das duas empresas públicas tinham sido aprovados pelo Governo, não foi ainda oficializada a aprovação nem nomeados os Conselhos de Gerência.

Esta demora implica graves prejuízos económicos para o sector. Algumas das empresas cervejeiras estão a trabalhar a 50 por cento da sua capacidade, outras fazem contratos com empresas estranhas ao sector, para fazer face ao volume de vendas dos seus produtos. As CT's afirmam que isto significa a necessidade imediata de se oficializar a formação das duas empresas cervejeiras e de se proceder ao aproveitamento integral das instalações do sector, «pondo também fim à publicidade especulativa entre as diferentes marcas.»... Perante a gravidade desta situação, os trabalhadores exigem a aprovação oficial imediata dos Estatutos da Centralcer e da Unicer, bem como a nomeação dos respectivos Concelhos de Gerência.

Onde está o projecto de autocarro nacional?

— pergunta o Sindicato dos Rodoviários

O Sindicato dos Transportes Rodoviários de Lisboa tornou público um alerta para as «tentativas que estão a ser feitas no sentido de entregar o sector da construção de autocarros ao capital monopolista internacional».

«Que foi feito do plano de construção de um **autocarro nacional**, que apontava para uma incorporação máxima de componentes nacionais?» — pergunta o Sindicato. «Que foi feito do plano apresentado pelos trabalhadores no sentido de transformar a UTIC numa estrutura industrial de apoio à RN, quando aquela empresa estava sob intervenção estatal?»

O Sindicato dos Rodoviários considera que a entrega da construção de autocarros ao capital estrangeiro «não será a melhor solução para a melhoria dos transportes colectivos, que passa necessariamente pela renovação e considerável aumento da frota». Essa medida, a concretizar-se, iria contribuir para o «endividamento ao estrangeiro» e ameaçaria o direito ao trabalho em diversas empresas (designadamente a UTIC e a Salvador Caetano).

Acções de massas no distrito de Santarém

A União dos Sindicatos de Santarém perante a actual situação nacional e distrital, vai promover grandes acções de massas no distrito, nomeadamente em Samora Correia e Tramagal, no dia 26, às 15 e 30.

O Secretariado da União dos Sindicatos de Santarém apela à participação activa e consciente de todos os trabalhadores e forças interessadas na «defesa e consolidação das conquistas de Abril».

As manifestações terão lugar no Tramagal, no Largo dos Combatentes e em Samora Correia, em frente à companhia das Lezírias. A «Metalúrgica Duarte Ferreira», no Tramagal e a «Companhia das Lezírias» em Samora Correia são duas das empresas onde a recuperação capitalista se tem feito sentir, criando o desemprego a instabilidade e clima de intimidação para os trabalhadores.

Lista unitária vence nos Escritórios de Faro

A lista unitária «C» venceu as eleições no Sindicato Livre dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro, que decorreram na sexta-feira e sábado passados.

Esta lista obteve 737 votos, enquanto a lista «B» (que integrava alguns elementos da actual Direcção) obteve 565 e a lista «D» 70. A lista «A», que por norma pertence aos corpos gerentes em vigor não foi constituída porque a Direcção não apresentou lista.

Votaram um total de 1384 sócios, ou seja 37,91 por cento da massa eleitoral do Sindicato.

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na R. de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Barcelos e Vila Nova de Famalicão em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal EDP (ex-UEP) a que se refere o processo 8/60 558, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Silveira e Nine, concelhos de Barcelos e Vila Nova de Famalicão de uma linha aérea a 15 kV, com 582 metros, do apoio n.º 12 da linha para o posto de transformação da Têxtil João Duarte, SARL, ao posto de transformação de Nine-Landeiro da Cooperativa Eléctrica do Vale d'Este, SCARL.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 7 de Novembro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DE ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/60 557, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Santa Maria de Avioso, concelho da Maia, de uma linha aérea a 15 kV, com 331 metros, do apoio n.º 13 da linha Maia-Avioso ao posto de transformação de Castelo III, da Câmara Municipal da Maia.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Novembro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe

Joaquim Gonçalves dos Santos

Comissão Promotora da Lista da Unidade dos Rodoviários

O plenário de delegados sindicais do Sindicato dos Transportes Rodoviários do distrito de Lisboa elegeu no passado dia 11 uma Comissão Promotora da Lista de Unidade dos Rodoviários, que se deverá candidatar às próximas eleições do Sindicato a realizar, de acordo com o Estatutos, até ao dia 28 de Janeiro de 78.

«É absolutamente necessário que o nosso inimigo de classe — o patronato — sinta a unidade e consciência de classe com que nós — trabalhadores — nos mobilizamos para a eleição daqueles que hão-de lutar pela defesa dos nossos direitos», afirma a Comissão Promotora da Lista de Unidade dos Rodoviários no Manifesto que dirige aos trabalhadores rodoviários e em que apela à participação maciça.

A Comissão vai promover sessões de esclarecimento nas empresas «exortando desde já, todos os trabalhadores, não só à subscrição individual da Lista de Unidade, como, inclusivamente, à formação de Comissões de Apoio nas respectivas empresas».

Transtejo não pára

Foi suspensa a paralisação dos trabalhadores da Transtejo, prevista para hoje, entre as 15 e 30 e as 16 e 30.

A decisão foi tomada depois de a Comissão Negociadora do Contrato Colectivo de Trabalho ter chegado a acordo com a comissão administrativa da empresa sobre a tabela salarial e lotação dos barcos.

TABAQUEIRA

Comissão Sindical processa Santos Martins

A Comissão Sindical da Tabaqueira EP recorreu ao Supremo Tribunal de Justiça para intentar um processo contra o secretário de Estado da Indústria Ligeira, eng.º Santos Martins, a quem acusa de violar a Lei da Greve.

Os trabalhadores da Tabaqueira EP estão a fazer greve diária de uma hora desde que um despacho do MIT determinou o ingresso nesta empresa nacionalizada de 44 portugueses actualmente a trabalhar em Moçambique, na Sociedade Ultramarina de Tabacos. Já depois de os trabalhadores terem iniciado esta forma de luta, o eng.º Santos Martins fez sair outro despacho, confirmando a anterior decisão do Ministério.

Amanhã, a Comissão Sindical será recebida, às 18 horas, por aquele membro do Governo, que convocou os representantes dos trabalhadores para um encontro.

VENDE-SE

COLCHÕES S/COBERTURA. CAMAS DE FERRO TIPO BELICHE. ALMOFADAS. COBERTORES. FOGÃO INDUSTRIAL. MÁQUINAS DIVERSAS PARA CARPINTARIA E MUITO MAIS.

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, N.º 201 - 205 — LISBOA

TELEFONES 77 11 79 / 77 41 55

EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE «ALTERAÇÕES NAS NOVAS INSTALAÇÕES DO SECTOR EO — FORNECIMENTO E MONTAGEM DE DIVISÓRIAS AMOVÍVEIS»

Faz-se público que no dia 16 de Dezembro de 1977, pelas 15 horas, na sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Av. da Liberdade, n.º 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa até às 17 horas do dia 15 de Dezembro de 1977.

Caução provisória: 15 000$00 (quinze mil escudos)

O processo de concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

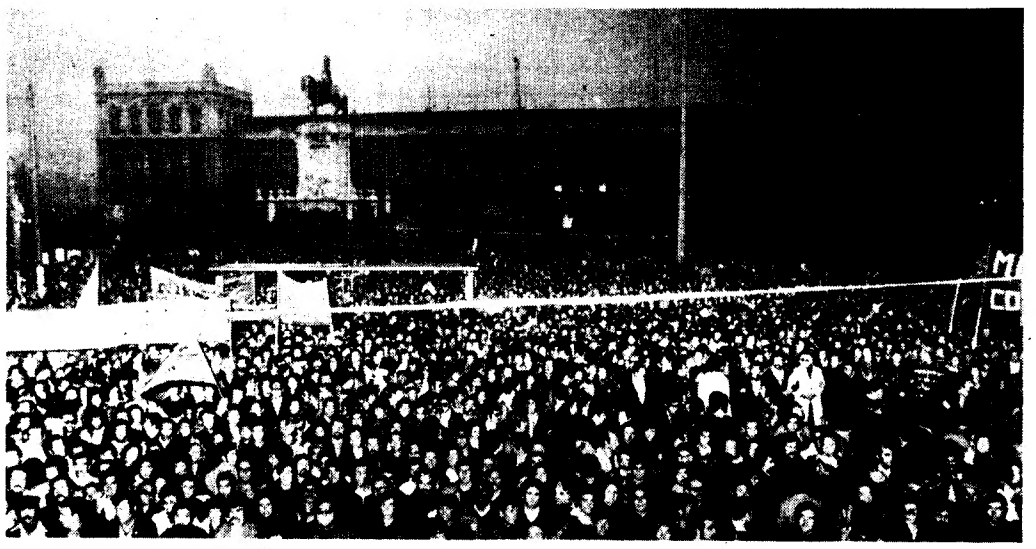
Lisboa, 14 de Novembro de 1977

Pela Empresa Pública das Águas de Lisboa

O Presidente do CFAL,
João Bau

MANIFESTAÇÃO EM LISBOA

Espelho de serenidade num mar de gente



O desemprego, o brutal aumento do custo de vida, a repressão, os despedimentos, a capitulação perante a ofensiva patronal e reaccionária, a subordinação às directrizes do imperialismo, a complacência perante as actividades fascistas, são reais preocupações da população trabalhadora portuguesa, testemunhadas de forma inesquecível pelas centenas de milhares de pessoas que desfilaram em Lisboa, no passado sábado, do Marquês à Praça do Comércio.

O apelo dos sindicatos de Lisboa e Setúbal encontrou vasto acolhimento junto dos trabalhadores destes distritos, de estudantes e empregados, de intelectuais e artistas, de pequenos industriais e comerciantes que diariamente sentem o peso de uma política que ficou demonstrado não ser a sua. Nos estandartes empunhados assinalava-se a presença de milhares de representações de empresas — grandes e pequenas, privadas ou nacionalizadas, autogeridas ou intervencionadas —, e de delegações dos campos da Reforma Agrária.

Foi um verdadeiro «espelho da serenidade que vem da nossa razão, da força que vem da nossa unidade, do vigor que vem da nossa organização, do patriotismo que vem das nossas raízes na vida e nos problemas do povo e do País», como diria Sertório Herrera, ao falar em nome das uniões sindicais de Lisboa e Setúbal durante a concentração no Terreiro do Paço, termo do desfile.

Aí viria a ser aprovada, no final, uma moção que sintetiza as razões desta jornada de luta, exigindo a alteração da política em curso. Nela se dá corpo ao descontentamento patenteado durante quatro horas de cortejo, e se exige o fim do «escandaloso aumento do custo de vida», da repressão governamental e patronal, dos despedimentos e do desemprego, a favor de uma nova política que melhore as condições de vida das classes populares («principalmente dos sectores mais desfavorecidos do povo português»), que respeite a Constituição e os direitos dos trabalhadores na defesa das conquistas da revolução.

«Uma mudança de política de forma que sejam satisfeitos não só os interesses dos trabalhadores, mas também de outras camadas desfavorecidas da população, nomeadamente pequenos agricultores, industriais e comerciantes; que ponha fim às crescentes actividades de grupos fascistas que colocam em perigo a democracia portuguesa; que defenda a Independência Nacional perante a ingerência cada vez maior do imperialismo».

E aí se lembra também que «a recuperação económica do País é possível com um grande esforço nacional que empenhe decisivamente os trabalhadores e aproveite as suas contribuições criadoras já demonstradas em numerosas empresas e mobilize todos os antimonopolistas que não querem o regresso ao passado fascista de exploração e opressão e que constituem a maioria esmagadora do Povo português». O que supõe a revisão da actual prática política, o termo da «política dos pacotes», da «ofensiva contra as grandes conquistas da Revolução», da «subordinação aos interesses do grande capital e dos agrários», etc.

MOMENTO DIFÍCIL

Na sua intervenção Sertório Herrera salientou que vivemos um «período particularmente difícil para a consolidação da democracia na nossa Pátria», e referiu, a propósito, a «vaga dos despedimentos», a «ofensiva da repressão das arbitrariedades e violências patronais contra os direitos dos trabalhadores e as liberdades sindicais», o «agravamento das condições de vida das massas laboriosas».

«Os trabalhadores vêm proclamar que a sua luta pelo direito ao trabalho prosseguirá firmemente, e que o presente e o futuro do país se constroem com o trabalho dos portugueses e não com a fome, a miséria e a insegurança provocadas pelo desemprego e despedimentos» — afirmou. E endereçou as responsabilidades, pela actual situação, ao Governo, que «lançou o país para a beira do desastre» devido às suas «constantes cedências à direita, em permanente hostilidade contra os trabalhadores».

«No momento em que pairam ameaças de um terceiro pacote — que, a exemplo dos anteriores só pode significar mais despedimentos e desemprego, vida ainda mais cara, mais falências e encerramentos de empresas, maior degradação do aparelho produtivo e quebra da produção — e em que crescem as exigências do Fundo Monetário Internacional, os trabalhadores vêm afirmar que estão dispostos a empregar todas as suas energias, **mas pela recuperação económica ao serviço do Povo, do País e da democracia**»

O representante dos sindicatos apelou para o «desmascaramento e o combate firme e unitário às manobras divisionistas», condição indispensável para vencer as presentes dificuldades.

E, a terminar, lembrou a necessidade de «uma nova política económica e social orientada para o aumento de produção, para a substituição de importações por produtos nacionais, para a defesa do aumento dos postos de trabalho, para o alargamento do mercado interno e o melhoramento das condições de vida dos trabalhadores portugueses».

Durante o comício na Praça do Comércio usou também da palavra Artur Matias, em representação das comissões de trabalhadores das cinturas industriais de Lisboa e Setúbal — organismos que se associaram aos sindicatos para promover a manifestação.

Na sua intervenção, enquadrada nas preocupações anteriormente expressa, Matias lembrou que «nas empresas que foram desintervencionadas e devolvidas sem condições o patronato, animado por sentimentos de retaliação tem vindo a destruir a obra criadora e patriótica dos trabalhadores, prejudicando a produção, impedindo o exercício das liberdades e a satisfação de alguns direitos fundamentais».

No final da concentração houve canto livre e poesia.

Quando não é feio ficar no passeio

«É feio ficar no passeio» — eis um dos **slogans** que, em manifestações anteriores, se fazia ouvir pelos manifestantes.

Mas, desta vez, tal **slogan** não foi escutado.

E não foi escutado simplesmente por duas razões: a) porque, nas primeiras horas, as pessoas que se encontravam nos passeios, se foram integrando na «manif.»; b) porque, a certa altura, as pessoas já não cabiam e tinham mesmo de ficar nos passeios. Passivas? Não: aplaudindo os cidadãos (operários, camponeses, intelectuais) que, em desfile fraterno, unitário, exigiam o cumprimento da Constituição de Abril.

Bandeira nacional

Elevador de Santa Justa: no topo, ondulando em direcção ao Terreiro do Paço, a bandeira nacional.

Todo o corpo da «manif.», fracção a fracção, a saudava entoando palavras de unidade.

Aí se gritou que «não se queria aqui o FMI» e se exigiu, vozes unidas, independência nacional.

Uma bandeira, no topo mais alto do percurso, ondulava: e na rua, cá em baixo, uma bandeira marchava com milhares de bocas dizendo as razões que assistem ao povo português.

Os anões

«Só anões, na mentalidade, se não dão conta da grandiosidade desta manifestação» — assim se expressou, no Terreiro do Paço, um homem já entrado em anos.

Ary dos Santos recitava Abril verso por verso.

Se por acaso tivesse chovido, o povo não arredaria pé — e os anões mentais, se tivessem descido à rua em manobra provocatória, por mais chuva que apanhassem não cresceriam de maneira alguma. Toda a grandeza estava com os homens unitários que gritavam «não» a uma política que não corresponde aos votos de um povo que escolheu, por mais de uma vez, a transição para o Socialismo.

PROCESSO DE NEGOCIAÇÃO DO ACTV—PORTUCEL—E. P.

MOÇÃO

CONSIDERANDO QUE:

1. — Na Portucel — EP existem condições de trabalho bastante diversificadas, quer em matéria salarial, quer em outros direitos e regalias;
2. — Está em negociação um ACTV que, por ser o primeiro instrumento de regulamentação colectiva de trabalho que abrange todos os trabalhadores da Empresa, tem como objectivo principal a harmonização daquelas condições de trabalho, tanto em relação a cada trabalhador como em relação a cada Centro;
3. — Tal objectivo, porém, foi ignorado e posto em causa pelo Governo, com o conluio do Conselho de Gerência, ao proceder à publicação da Portaria 400/77, que congela salários e outros direitos e regalias no âmbito da negociação deste ACTV, tornando assim inviável qualquer tipo de harmonização sem prejuízo de direitos e regalias actualmente existentes;
4. — Apesar da constante insistência da CNS junto dos órgãos do Governo, estes continuam a recusar receber convincentemente a CNS em ordem a permitir o diálogo com vista a uma possível solução para o problema;
5. — A manutenção de uma tal política provocará, por certo, um descontentamento geral dos trabalhadores, que em nada contribuirá para a defesa da nacionalização.

Os trabalhadores da Portucel — EP reunidos para analisar a situação actual das negociações do ACTV decidem:

a) — Exigir do Governo a abertura imediata do diálogo, definida e concretamente, com a CNS com vista à revogação da Portaria 400/77;

b) — Reafirmar a sua disposição em conceder à CNS plenos poderes para continuar a dirigir todas as acções que julgue necessárias para a prossecução da solução prevista na alínea a);

c) — Responsabilizar uma vez mais o Governo por todas as formas de luta que os trabalhadores venham a encetar para a defesa dos seus justos interesses.

NOTA: Esta Moção foi aprovada por maioria e apenas com um voto contra, no conjunto dos seguintes Plenários realizados em toda a Empresa:

Monção	dia	19/10	Porto-Celnorte*	dia	18/10
Ponte de Lima	»	19/10	Cacia	»	17/10
Viana do Castelo	»	19/10	Vila V. Rodão	»	20/10
Famalicão	»	18/10	Lisboa-Guadiana	»	7/11
Guilhabreu	»	18/10	Lisboa-Caltejo	»	20/10
Lisboa-Cacia	»	21/10	Lisboa-Socel	»	21/10
Albarraque	»	21/10	Mourão	»	24/10
Serra de Ossa	»	24/10	Odemira	»	11/11
Setúbal	»	12/10			

17 de Novembro de 1977

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL DO ACTV — PORTUCEL — EP

ARTUR ALVES VICENTE
Construções e Empreendimentos, SARL
Av. 5 de Outubro, 201-2.º Dt.º — Tel. 771179-774155 - LISBOA

ANDARES VENDEM-SE
em Caneças, Odivelas, Pontinha e Amadora,
com 1, 2, 3, 4 e 5 assoalhadas.
Moradias em Loures/Mealhada

- **Locais extraordinários**
- **Formas de pagamento inéditas**
- **Comercializamos o nosso produto**
- **Encaminhamento dos processos para as Instituições de Crédito**

NÃO SOMOS MELHORES NEM PIORES
SOMOS SIMPLESMENTE NÓS
PUBLIPROMOVE/Tel. 771179-774155

TRAGÉDIA NO AEROPORTO DA MADEIRA

Como se despenhou o avião da TAP

FUNCHAL, 21 — Registaram-se cenas lancinantes no aeroporto de Santa Catarina quando o «Sacadura Cabral» tocou a pista e galgou o precipício para o lado de Santa Cruz. O primeiro instante foi de estupefacção. Um automobilista, José França, que nesse momento circulava na estrada que fica entre o final da pista e o precipício, conta-nos: «Ouvi o ruído do avião e pensei que ia descolar. Mas depois vi que, em vez de subir, o avião caía...»

Após o ensurdecedor ruído, o avião despenhou-se e elevaram-se fortes labaredas. Mais tarde veio a saber-se que o aparelho embatera na ponte velha de S. Fernando, na ribeira do Moreno, tendo aí ficado preso do reactor para trás. Com o embate, parte da fuselagem foi parar à praia, tendo alguns passageiros e bagagem sido projectados no mar. Foi o caso do sobrevivente madeirense João Bartolomeu de Sousa, que viajava a meio do avião e caiu na água com o próprio assento, preso pelo cinto de segurança. «Deitei a mão ao cinto, que se abriu logo. Dei um impulso e nadei para terra» — afirma este sobrevivente, que sofreu apenas fractura de uma costela e foi o primeiro a prestar declarações sobre o acidente.

A noite de sábado tornou-se assim numa das mais trágicas que o povo madeirense tem vivido. De tochas na mão, populares e brigadas de socorro esquadrinhavam as praias e as áreas onde se supunha pudessem estar sobreviventes. Entretanto, a parte traseira da fuselagem, onde se encontravam cerca de 40 pessoas, era socorrida por bombeiros de serviço no aeroporto e muitos populares.

Uma criança de dois anos saiu aparentemente ilesa do meio dos destroços, veio pelo seu próprio pé para a ponte, a choramingar pela mãe.

Outra criança, de três anos, que se encontrava na parte traseira do aparelho, foi projectada pelo ar vindo a «aterrar» numa plantação de bananeiras.

Mas os casos mais trágicos registavam-se com o aparecimento dos primeiros corpos, muitos dos quais carbonizados, que iam sendo retirados das águas e das rochas e transportados para a capela de Santa Cruz, onde se empilhavam à espera de poderem ser identificados.

Dado o alarme geral na ilha, os médicos e pessoal de enfermagem concentraram-se no Hospital Distrital do Funchal onde foram internados os primeiros feridos, transportados por má estrada durante três quartos de hora, operação dificultada ainda pelo nevoeiro que cobriu parte da via, nomeadamente na zona do Pináculo, à entrada do Funchal.

Ao aeroporto fechado por forças de segurança acorriam centenas de pessoas profundamente chocadas com os acontecimentos.

Os populares participaram nos primeiros socorros às vítimas, que se encontravam na parte traseira do aparelho, despenhada sobre a ponte. Entretanto, de dentro do resto da fuselagem, caída na praia, elevavam-se as labaredas e gritos de socorro, perante testemunhas impotentes para prestar qualquer auxílio.

Um dos passageiros, José Manuel Torres Freitas, de 17 anos, viajava desde Lisboa com o pequenito Daniel Xavier, de dois anos, ao colo. Ele relata ao «DL» o que se passou: «Nós íamos na cauda do avião. Quando senti que íamos morrer, apertei o miúdo contra mim e fechei os olhos. Depois dei por mim dentro da fuselagem, em cima da ponte, mas o miúdo tinha desaparecido. Saí e andei à sua procura por entre os destroços. Encontrei-o a alguns metros de distância, caído numa poça de água. Ele já não respirava, pelo que lhe fiz respiração artificial».

O miúdo foi depois internado no Hospital e mais tarde, com a chegada dos pais que vieram ontem de Lisboa, transferido para uma clínica particular, onde recupera.

No local do acidente, além das pessoas que se encontravam no aeroporto e imediações, viam-se numerosos populares que residem na área, a procurar localizar os feridos. Infelizmente, foram registados casos de roubo, facto que causa a maior indignação.

Entretanto, parece fora de dúvida que o piloto utilizou apenas metade da pista, e que as exíguas dimensões do aeroporto deram origem à tragédia, dado não haver margem de segurança para aterrar nestas condições.

Os madeirenses lembram que é o segundo acidente grave que se regista na ilha, tendo o primeiro ocorrido em 1958 quando um hidrovião da ARTOP fazia a ligação Lisboa-Funchal. Do aparelho, que «desapareceu» em pleno voo, nunca foram encontrados quaisquer despojos, apesar das buscas que então se efectuaram, tendo perecido no acidente 35 pessoas, a maioria das quais madeirenses. E em 1973, um «Caravelle» espanhol despenhou-se nas águas quando se preparava para aterrar, tendo morrido a sua tripulação.

Ontem de manhã, um dos domingos mais negros da vida do povo madeirense, o espectáculo oferecido pelos despojos e pelos corpos mutilados, amontoados na capela de Santa Cruz, era verdadeiramente desolador. Juntamente com os despojos, entre restos humanos e bocados soltos de bagagens, via-se um disco de Roberto Carlos: «Eu lhe darei o céu, meu bem».

COMISSÃO DE INQUÉRITO NO FUNCHAL

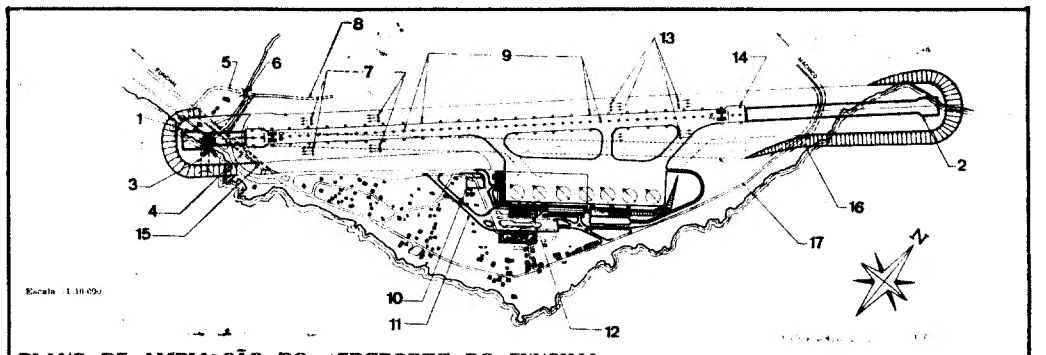
O presidente da TAP e a comissão de inquérito ao acidente aterraram ontem, na Madeira, pelas 10 horas, dando imediatamente início às diligências para apuramento dos factos que estiveram na origem do sinistro.

Monteiro da Silva e os membros da Comissão tiveram de aguardar ordem de aterragem, dado ainda não estarem completos os trabalhos de desobstrução da pista.

À chegada, o presidente da TAP declarou que aquela companhia se ia «organizar em força para o processamento dos inquéritos», que se vão desenrolar a nível da Aeronáutica Civil e da TAP.

Entretanto, fará parte da comissão um membro do Governo Regional da Madeira.

Por outro lado, o Governo belga nomeou um embaixador especial do Ministério dos Negócios Estrangeiros, encarregado de indagar no local pormenores do acidente que vitimou também alguns cidadãos belgas.



PLANO DE AMPLIAÇÃO DO AEROPORTO DO FUNCHAL

1 — Extensão da pista (200 metros) Sudoeste; 2 — Extensão da pista (610 metros) Nordeste; 3 — Túnel sobre o Ribeiro do Moreno; 4 — Túnel para passagem rodoviária; 5 e 15 — Correcção rodoviária; 6 — Nova ponte; 7 e 13 — «Relocate vasis»; 8 — Estrada actual a ser corrigida; 9 — Novo sistema de luzes sinalizadoras; 10 — Área de armazenagem de combustível; 11 — Novo acesso à estrada; 12 — Expansão do edifício da aerogare (terminal); 14 — Pista projectada (2.410 metros); 16 — Túnel rodoviário sob a ponte Nordeste da pista; 17 — Pista existente (1.800 metros).

No plano das obras de ampliação da pista. A imagem assinala o local onde se despenhou o avião. Como se prova pela imagem, foi a falta de ampliação que provocou a queda do aparelho

O embaixador belga seguiu directamente de Bruxelas para o Funchal num avião especial, enquanto de Lisboa seguiram ainda ontem um elemento da embaixada daquele país e um representante da Aeronáutica Civil.

O serviço de relações públicas da TAP confirmou que «a maioria da tripulação do aparelho sinistrado efectuara os voos Lisboa-Bruxelas e Bruxelas-Lisboa antes de seguir da capital para a ilha da Madeira», facto que constará do inquérito a efectuar.

LUTO NACIONAL

Mensagens de pesar ao povo madeirense foram transmitidas, a partir de Lisboa, logo após se ter tido conhecimento da tragédia.

O general Ramalho Eanes contactou, telefonicamente, o gabinete do ministro da República na Madeira, Lino Miguel, acompanhando de perto os acontecimentos no decorrer da noite de sábado e madrugada de domingo.

O Primeiro-Ministro, Mário Soares, em nome do Governo, enviou a seguinte mensagem: «Peço transmita povo madeirense, Assembleia e Governo Regionais, expressão meu profundo pesar pelo trágico desastre ocorrido bem como total solidariedade do Governo Constitucional».

Do gabinete do Primeiro-Ministro foi emanado um comunicado determinando que, durante três dias, sejam içadas, nos edifícios públicos, a meia-haste, as bandeiras portuguesas, em sinal de luto nacional.

«UM DESASTRE MÉDIO»

O acidente aéreo ocorrido ontem na ilha da Madeira, com 123 mortos, pode considerar-se «um desastre médio», no cômputo dos acidentes aéreos mundiais.

Este ano, em Março, um choque de dois aparelhos nas ilhas Canárias provocou a morte de 581 pessoas.

Em 1976, no dia 1 de Janeiro, um «Boeing 707» da «Middle East Airlines» despenhou-se num deserto da Arábia Saudita, tendo provocado 82 mortos. No mesmo ano, do dia 10 de Setembro, perto de Zagreb, na Jugoslávia, um «DC-10» jugoslavo chocou no ar com um aparelho britânico: 176 mortos.

Em 1975, em Saigão, um jacto da força aérea norte-americana, com orfãos vietnamitas, despistou-se no dia 4 de Abril ao levantar voo: 155 mortos.

No dia 24 de Junho, em Nova Iorque, um «Boeing 727» despenhou-se: 113 mortos.

No dia 3 de Agosto, perto de Agadir (Marrocos) um «Boeing 707» chocou com uma montanha: 188 mortos.

No dia 20 de Agosto, em Damasco (Síria), um avião soviético ao serviço da companhia aérea checoslovaca — um «Ilyushin 62» — despistou-se ao aterrar: 126 mortos.

Lista oficial dos passageiros

É já conhecida a lista completa dos 156 passageiros do avião da TAP que anteontem se despenhou no Funchal.

Os 114 passageiros embarcados em Lisboa, entre os quais figuram 17 com nomes estrangeiros, são os que se indicam: — Manuel S. Alegria, Agrela, Guilherme Alves, António Almeida, José Alcântara, Maria Alcântara, A. Amaniera, Maria Ascenção (criança), Maria Cesária Abreu, A. Bento, Deolinda Brandão, José Garcia Bombim, Freitas Benuinda, Vera Brazão (Criança), António Borges, António Cabral, José Coelho, Deolinda Costa, António Costa, José Costa, Maria Dias, Carlos Duarte, Carlos Dores, Daniel Duque, Judite Freitas, Julieta Fino, A. J. Ferreira, (7 ano), Maria L. Ferreira, José Freitas, Vera Fonseca, Adelino Ferreira, M. R. Ferreira (4 anos), Alves Francisco, O. Gouveia, Arsídia Gama, Deolinda Gonçalves, Luís Gonçalves, Sofia Gomes (criança), Júlia Gomes, Justino Henriques, M. Glória Jesus, António Lopes, Deolinda Moreira, T. Magalhães, M. Luz Machado, J. Machado, Dina Macedo, Orlando Macedo, Maria Miranda, Alice Mendes, José Mendes, T. Morais, M. Morais, Manuel Nóbrega, Lima Odívia, Albertina Oliveira, Fernanda Pereira, M. Conceição Pereira, Raul Pereira, J. Pestana, Joana Pereira (criança), Olga Pereira, Carlos Pereira,, Avelino Rosa, Carlos Rocha, B. Rodrigues, Luís Ribeiro, José Romão, Manuel Sardinha, Maria Silva, A. Sousa, João Sousa, Rufino Sousa, Maria Santos, João Silva, Rui Silva, M. Lurdes Silva, Jorge Silva, M. Melo Silva, L. Melo Silva, Ana Melo Silva (4 anos), E. Teixeira, M. Teixeira, Eugénio Teixeira, M. Torres, J. Vieira, Maria Vasconcelos, Vilela, Landon, Pill Hofer, Whagel Stein, Boskoff, Rempfler, Lew, Johnson, Disick, Levrs, Beets, Rosário, Brethole, Hof, Soto, Roseilo, Barrau, Vandorselaer.

SOBREVIVENTES

Sobreviveram 32 passageiros e dois tripulantes, que se encontram internados no Hospital Distrital do Funchal cuja identidade é a seguinte:

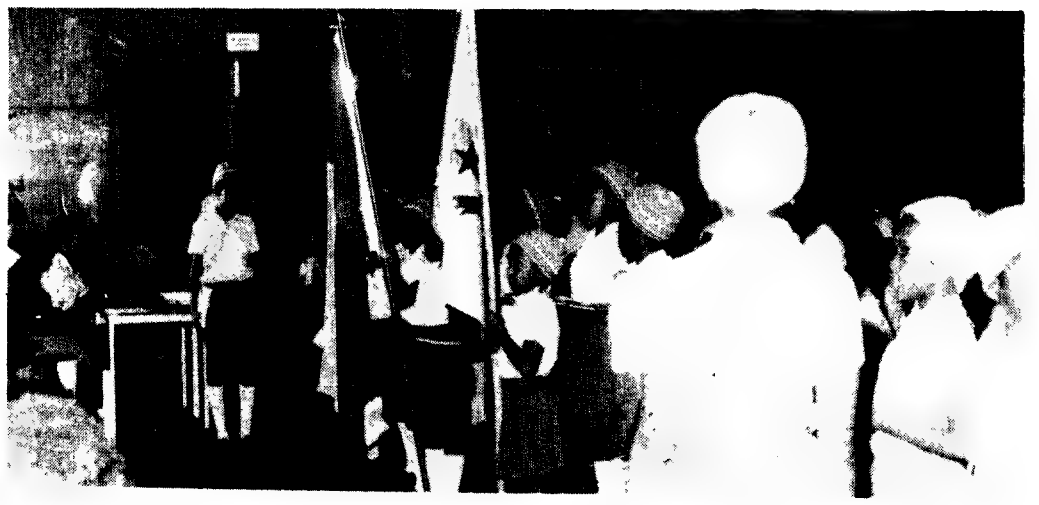
Guy Lebranc, Jorge David Ferreira Silva, Albertina Oliveira Meneses, Maria José da Silva Alcântara, Carlos Jorge Duarte, Andrade Nóbrega, José Manuel Coelho, João Bartolomeu Sousa, Van Victor Nicks, Maria Lurdes Fernandes Agrela Ferreira, José Luís Garcia, Torquata Fonseca Magalhães, Avelino Nunes Ferreira, José Emanuel Torres de Freitas, Maria Alice Bastos Neiva Vieira (assistente de bordo), José da Paiva Marques da Silveira (comissário de bordo), Rita Barbant, Haglstein Trom Sabine, Carlos José Dores, Maria da Conceição Severino Pereira, Van Dinseitt, Ismael Dinis Teixeira, Leo Rosa Hermans, Marie Paule Oosterlinck e seu marido, António Rodrigues Cabral, Rosária Adam Garcia Font Stein Ians, David Sick, Maria Romana Agrela Silva (três anos), António Feliciano Vieira Sardinha Maria de Lurdes Pimenta, e Maria e Joseph Remppeter.

Os primeiros socorros prestados às vítimas, entre os destroços do aparelho, na praia de Santa Cruz

A parte da fuselagem que caiu da ponte envolveu-se rapidamente em chamas. No interior, encontrava-se a maior parte dos passageiros

III CONGRESSO DO PAIGC

Arístides Pereira reeleito secretário-geral



BISSAU, 21 (Por Daniel Reis, enviado especial do «DL») — Arístides Pereira e Luís Cabral foram reeleitos como secretário-geral e secretário-geral-adjunto no III Congresso do PAIGC (Partido Africano da Independência da Guinés e Cabo Verde) ontem encerrado em Bissau. Não houve alterações substanciais no quadro de dirigentes do partido que detém o poder na Guiné e Cabo Verde. Há apenas, a assinalar, como nota de certo relevo, o alargamento do Secretariado Permanente do Comité Central de quatro para oito membros (passa também a designar-se como Comissão Permanente) integrando, além dos anteriores secretário e secretário-geral adjunto, os nomes de Francisco Mendes e João Bernardo Vieira (Nino), já secretários no anterior, e os novos Pedro Pires (primeiro-ministro de Cabo Verde), Umaru Djalo (chefe do Estado-Maior e vice-presidente do Conselho de Estado Guineense), Constantino Teixeira (ministro da Segurança e Ordem Pública) e Abílio Duarte, ministro dos Negócios Estrangeiros de Cabo Verde. A ascensão mais notória é a de Amaru Djalo, que já fazia parte do «Bureau» político mas era dos últimos nomes. Agora sobe ao sexto posto na hierarquia do PAIGC. Esta notoriedade deve-se, segundo observadores, às suas qualidades pessoais mas também ao posto que ocupa nas FARP (Forças Armadas do Povo), vivamente felicitadas durante o Congresso e nomeadamente, na sessão de encerramento. Para o Comité Executivo da Luta («Bureau» Político do Comité Central) entraram três militantes de Cabo Verde: Olívio Pires, Silvino da Luz (ministro da Defesa) e Osvaldo Lopes da Silva (ministro da Economia). Não foi afastado ninguém e estas entradas são para o lugar dos membros afastados anteriormente ou falecidos.

Quanto ao Comité Central também não trouxe novidades de monta destacando-se o seu alargamento de 85 para 90 lugares entrando alguns nomes esperados como sejam Lay Seck, comissário político no Gabu, entre a etnia Fula, e que desempenha papel excelente na administração da região, Fernando Fortes um dos seis fundadores do partido e único membro da direcção que não fez a luta armada. À data da libertação encontrava-se com residência fixa no estrangeiro, depois de longas penas de prisão política. Outros nomes conhecidos eleitos para o CSL: Arafan Mane, chefe da Casa Militar da Presidência e Eduardo Alhinho, irmão dos futebolistas profissionais bastante populares em Portugal. A resolução final do PAIGC reafirma o seu carácter de Movimento de Libertação Nacional, a necessidade de praticar uma política de unidade nacional e a disposição de tomar a agricultura como base do desenvolvimento e considerar as massas camponesas como maior força do partido. Particularmente foi decidido aplicar restrições imediatas, a caminho da proibição total, da advocacia e da medicina privadas. Esta última decisão é importante, sobretudo, para Cabo Verde. O Congresso considerou uma e outra como incompatíveis com a política popular que o PAIGC deve praticar.

Bissau está linda, cidadãos!

DANIEL REIS enviado especial do "DL"

Bissau está linda, cidadãos. Especialmente bela para os que a conheceram, apenas, como depósito de tropa, a Saigão africana.

Bissau está linda, também, porque hoje é sábado. E todos os sábados na Guiné-Bissau, a noite sujeita-se às estridências das guitarras eléctricas que animam, por esses bailes, a juventude sem canseiras até quase o sol raiar.

A música cresce sobre o telhado das casas baixas, atravessa as ruas e as avenidas dispostas geometricamente pelo risco colonial. As guitarras, os tambores e o balafongue abafam o coaxar das rãs nas bolanhas próximas, diluem a gritaria dos grilos que, todos os anos, depois das chuvas, invadem a cidade.

É sábado. O Congresso do PAIGC funciona em pleno. A cidade está em festa e orgulha-se disso. Os já números conjuntos guineenses foram ainda reforçado por duas orquestras de jovens cabo-verdianos para abrilhantar o baile popular na Praça dos Heróis Nacionais.

Porque hoje é sábado, nas concentrações mais importantes da população guineense o cenário deve ser parente próximo do que vive Bissau: durante a semana, às onze da noite, encerram os bares e as tabernas, cerra-se a torneira da cerveja. Aos sábados (hoje, portanto) é livre a música, o baile e a bebida, a festa e o convívio até quase o sol raiar.

Bajudas vestidas de panos pintados com os retratos de Senghor, Amílcar e Sekou Touré aguentam o ritmo, horas seguidas, nas festas do Benfica e do Sporting, aqui em Bissau. Meninas mais sofisticadas e seus pares de tacão alto e calça justa enchem o salão da UDIB onde outrora só entravam brancos... de gravata. Das coladeras às cabo-verdianas se fizeram canções de luta, colando-lhes letras e gritos anti-imperialistas. Os decibéis das violas e guitarras eléctricas transformam canções da guerrilha em suporte para aguentar o baile até o Sol despontar a Leste. Era assim quando, vai para vinte meses, calcorreava ruas e avenidas colhendo a frescura do fim da tarde e vivendo a tranquilidade absoluta das noites. Era assim quando, aos sábados, subia ao salão do liceu onde os «Kapas Negras» aqueciam a juventude nas voltas e nos saltos da marrabenta.

É hoje assim, talvez mais, pois já vi que o povo da Guiné-Bissau continua a gostar de viver a sua vida e não afoga a espontaneidade nos gestos rígidos de programar o futuro.

Subo nestes dias ao mesmo salão, mas agora de manhã e de tarde. Por vezes também à noite, não já para ouvir o «Cobiana Jazz» ou o «Mama Djombo». É lá que decorre o Congresso do PAIGC que me compete reportar.

O salão está lindo: sobretudo porque, detrás das cómodas cadeiras, das paredes revestidas de madeira (as belas madeiras da Guiné...), na iluminação agradável, no convidativo do climatizador, eu recordo os trabalhadores guineenses que chegaram a ficar no seu posto 24 horas seguidas para que o Congresso principiasse na data marcada naquele local específico.

Oiço ali as vozes do mundo: gente que chegou à terra de Cabral vinda de Cuba, do Vietname e da Argélia, carregando solidariedade para o PAIGC. Oiço vozes sofridas de combatentes do Sara, de Timor Leste, do Zimbabwe. Oiço, deliciado, falar português na tribuna à maneira de Lisboa e do Mindelo, de Bissau e de S. Tomé, de Luanda e do Maputo.

Dou a minha direita ao camarada Alexeyev, da «TASS», e a minha esquerda ao camarada Wang, da «Nova China»: são ambos jornalistas, mas não se falam entre si. Ambos me pedem (e ambos peço) informações profissionais. Bissau está linda, dizem eles, em português.

Há uma bandeirola vermelha, amarela e verde em cada poste da iluminação pública; dísticos cruzam as ruas em saudações ao Congresso, boas-vindas aos convidados e palavras de ordem do Partido. Os pioneiros pintaram murais na Avenida Amílcar Cabral. Myriam Makeba ainda não chegou, mas a história da rainha Okinka dos Bijagós, que resistiu, com seus guerreiros, à invasão da ilha de Orango pelos colonialistas deliciou uma cidade inteira. Okinka Pampa, no palco da UDIB.

Pioneiros da Escola-Piloto de Bolama trouxeram a Bissau suas canções, o seu «ballet» e o seu teatro. O grupo Afrocide prepara um espectáculo. Conto assistir ao concerto da orquestra «África Livre».

Bissau está linda. São seis da manhã. Lá fora os grilos ainda não se calaram, mas os galos já são dominantes. O sol está a chegar aí, hegemónico, límpido e violento, o sol em brasa da costa Ocidental. Há que apressar a escrita e levá-la ao avião que a transportará à Europa, ao frio, ao País do «tudo é velho». Se não chega a tempo, só daqui a quatro dias. E não será tempo de mais para vos dizer, aqui da Africa, que Bissau está linda, cidadãos?

EXPIRAT 436/77

O prémio «PHOENICIA» foi estabelecido para distinguir, a nível internacional, empresas industriais e organizações que através do seu próprio desenvolvimento industrial, tenham encorajado e promovido a colaboração entre os povos, nos campos da produção, da economia e da força do trabalho.
As CAVES ALIANÇA sentem natural orgulho ao verem-se distinguidas com aquele troféu. O «PHOENICIA» International Trade Trophy, concedido pela República de Malta, vem premiar o esforço que as Caves Aliança sempre fizeram por um desenvolvimento das relações comerciais entre países, conseguido através da qualidade dos seus produtos – única arma de que dispõem para competir no mercado.

CAVES ALIANÇA

MISSÃO FALHADA DE SADAT?

Begin adia visita ao Cairo

O presidente egípcio termina hoje a sua visita a Israel. Embora certos comentaristas falem do optimismo com que o dirigente egípcio regressa ao seu país, o certo é que parece pouco provável que Sadat obtenha resultados espectaculares desta viagem sem precedentes, que, para já, o isolou por completo do mundo árabe. As opiniões generalizadas são de que o futuro próximo de Sadat se afigura muito sombrio no caso de não obter quaisquer resultados palpáveis desta ida ao coração do território inimigo. Tal como previamos na nossa edição de sábado, as forças armadas egípcias não ficaram serenas perante os acontecimentos. Cento e trinta oficiais foram demitidos ou passados à reserva em consequência do desagrado que manifestaram. Vários comandantes de potentes unidades blindadas foram transferidos ou «esvaziados» pelos mesmo motivos. A Sexta Esquadra americana dirige-se, neste momento, para Alexandria, obedecendo a ordens urgentes de Washington. Receia-se um golpe «nasserista»? A hipótese não é totalmente de afastar e há muito que os órgãos de Imprensa ocidentais brandem esse espantalho.

Entretanto, uma outra «achega» sobre uma possível mudança de rumos políticos no Egipto é dada pelo jornal libanês «Al Safir» que revela: «Sadat anunciou que se demitirá, caso a sua visita a Israel não fosse bem sucedida». O jornal cita uma «fonte cairota bem informada». Sadat teria dito essas palavras ao presidente sírio, Hafez Assad.

Em que bases o presidente egípcio assentou a sua viagem e o encontro com o ultradireitista Menahem Begin? A France Presse levanta pontas do véu. Assim, o Egipto estaria pronto a estabelecer relações políticas e económicas com os sionistas e teria o firme propósito de «neutralizar» as organizações palestinianas, nomeadamente a Organização para a Libertação da Palestina — OLP. Pelo menos isso foi dito pela rádio israelita, invocando como testemunho «fontes seguras ligadas ao presidente Sadat». Além disso, os dirigentes egípcios fariam esforços para a abertura de negociações bilaterais entre Israel e cada um dos países em confrontação, numa clara manobra de divisão do bloco árabe, chegando a ser admitido que, se fosse o caso essas negociações envolveriam exclusivamente o Egipto e Israel **com a participação norte-americana**. Para tanto, Sadat procura que Israel assine um acordo sobre as linhas gerais para a resolução dos problemas do Médio Oriente, ao mesmo tempo que tenta o reconhecimento por parte dos sionistas, de uma «entidade palestiniana», sem que esta seja necessariamente controlada pela OLP. A contrapartida israelita seria a manutenção de «pontos de apoio», já não ao longo do rio Jordão, mas nas cristas que margeiam e que dominam a região. O plano de Sadat, apontado como «meio de neutralizar à URSS no Médio Oriente» prevê ainda a instalação, na Cisjordania, de uma administração local, (que obrigatoriamente deveria ser «dócil») no quadro de uma repartição com a Jordânia. A completar essas informações, as «fontes seguras» dizem que Sadat confia muito em Moshe Dayan para a resolução do capítulo referente à Cisjordânia.

Para que tudo isso «ande sobre carris», é preciso que o Egipto passe por «alterações» a nível de Governo. E, efectivamente, a meio da manhã, a France Presse, citando o semanário egípcio «El Ahrar», do Partido Socialista Liberal — **oposição de direita** — anunciava próximas e profundas remodelações ministeriais no Cairo após o regresso de Sadat, incluindo o próprio chefe do Governo, Mamdouh Salem. Note-se que o líder do PSL, Kamal Mourad um antigo elemento do «grupo dos oficiais livres», faz parte da delegação que acompanhou Sadat a Israel, facto que por si só pode ser bastante significativo.

Também esta manhã vinham a lume declarações de Begin que, certamente, servirão para aumentar o mal-estar no Mundo Árabe contra Sadat e a sua visita. Segundo o primeiro-ministro sionista, o presidente egípcio garantiu ontem, durante, o «tête-a-tête» entre ambos, no Hotel Rei David, que «a guerra do Yon Kippur foi e será a última guerra».

Enquanto as agências noticiosas são unânimes em informar que está a ser preparada no Cairo uma «recepção de herói» a Sadat na qual não faltam «arcos de triunfo», bandas e bandeiras, no momento em que o espaço aéreo de Israel era encerrado a todo e qualquer tráfego (entre as 11 e as 17 horas de hoje) e enquanto os sistemas de segurança tomam medidas até agora inimagináveis, esperava-se ao fim da manhã a divulgação de um comunicado conjunto egípcio-árabe. Os seus termos foram elaborados durante uma longa entrevista entre Sadat e Begin que ocorreu ontem à noite. Falando à rádio, o primeiro-ministro israelita disse que o conteúdo do comunicado «era muito bom».

Durante o fim-de-semana, a URSS não se manifestou. Em contrapartida, os Estados Unidos elogiaram Sadat e Begin. Carter está «entusiasmado» com os discursos mas absteve-se de comentar «questões substanciais», preferindo aguardar os resultados das suas «conversações privadas».

Entretanto, as últimas notícias chegadas de Jerusalém indicam a possibilidade da visita de Sadat ter, pelo menos, terminado de um modo «pouco frutuoso», ou até mesmo, como um fracasso. Em conferência de Imprensa conjunta Begin anunciou que «gostaria de ver o Cairo mas compreendo que não posso ir lá agora.» Sadat, por sua vez disse. «O primeiro-ministro israelita tem o direito de vir ao Cairo e falar no nosso Parlamento mas decidimos adiar para mais tarde esta visita.

Na mesma conferência ficou-se a saber que havia sido «encontrado um acordo» para que os palestinianos estejam representados em Genebra.

Recorde-se que, até há pouco, fontes próximas dos dois governos davam como certa a visita de Menahem Begin ao Cairo já na próxima semana, para a continuação dos contactos estabelecidos entre Egipto e Israel. Na conferência de Imprensa desta manhã não foram reveladas as causas do adiamento da viagem de Begin, tendo os jornalistas recebido esta vaga resposta: «A visita foi adiada por certas razões que discutimos juntos».

OS DISCURSOS DE ONTEM

Falando ontem no «Knesset», o Parlamento de Israel, Sadat, de um modo geral, defendeu as proposições árabes para o estabelecimento da paz no Médio Oriente, ao reclamar a retirada sionista dos territórios ocupados e ao reafirmar o direito dos palestinianos a terem o seu Estado soberano. Manifestou o direito de todos os Estados da região de viverem em paz dentro das suas fronteiras e reivindicou o fim do clima de beligerância naquela parte do Mundo.

O seu discurso foi escutado em silêncio total por um auditório atento que, ao final, lhe dedicou fortes aplausos, que não chegaram a ser «calorosos».

Pelo seu lado, na resposta, Begin disse que Israel queria negociar a paz com o Egipto, Jordânia, Síria e Líbano «e por que não com a Nação Palestiniana». Renovou o convite a Hussein para ir a Israel, estendendo-o «aos verdadeiros representantes do povo palestiniano», deixando claro que não se referia à OLP, FPLP ou qualquer outra organização que lute por aquela causa. Falando de improviso, Begin voltou a bater na sua tecla preferida para essas ocasiões: os argumentos bíblicos. Não se esqueceu de referenciar a matança de judeus ordenada por Hitler, comprometeu-se a garantir o livre acesso aos Lugares Santos e afirmou que «tudo é negociável».

Unidade árabe contra Sadat

O sucessor de Nasser, Anwar Sadat, conseguiu cimentar a unidade árabe, colocando todos os Estados irmãos (excepto a Jordânia e Marrocos), e todas as organizações de resistentes palestinianos em viva oposição ao seu «capitulacionismo» perante Israel. A Organização de Libertação da Palestina (OLP) propôs já a realização duma «cimeira» entre a Síria, Iraque, Argélia, Líbia e Iemen do Sul para discutir as consequências da ida de Sadat a Israel. Os observadores salientam a reconciliação havida entre irmãos até aqui desavindos à volta deste protesto e prevêem o realinhamento do mundo árabe. Além da cimeira de Estados, a OLP propõe uma reunião de todos os partidos e organizações árabes para adoptar sanções contra Sadat. O nome de Anwar Sadat passou agora a ser acompanhado de toda a gama de epítetos injuriosos em que a linguagem árabe é fértil (V. g. «traidor», «criminoso» «fraco», «capitulacionista»).

Segundo as previsões, o Egipto será votado ao ostracismo, a menos que consiga arrancar concessões de monta ao Governo de Israel, o que parece muito pouco provável. George Habash, dirigente da FPLP; considera que a viagem de Sadat é um crime, e o mais perigoso desafio que a nação árabe enfrenta desde a constituição do Estado judaico. Embora Habash tenha criticado Arafat por este não ter abandonado o Parlamento egípcio, quando Sadat anunciou o propósito de ir a Israel, as duas organizações estão agora em contacto para analisarem a situação. A Síria e o Iraque esqueceram por momentos os seus ódios e mostram-se unânimes na condenação da «viagem da vergonha». Os jornais aparecem tarjados de preto, tanto no Iraque como na Líbia. Os jornais libaneses fazem coro com os dos outros países árabes. Os Estados do Golfo são mais moderados, mas exprimem o seu pesar por Sadat não ter consultado os árabes antes de ir a Israel.

Com a excepção do Marrocos (que encara com bons olhos esta viagem e da Jordânia que apela à moderação) as reacções árabes são unânimes, chegando a SAIOA (organização palestiniana de obediência síria) a fazer um apelo para que Sadat seja assassinado e para que as Forças Armadas egípcias se revoltassem e derrubassem o Governo do «traidor». Na Argélia houve uma grandiosa manifestação de rua.

A Imprensa egípcia ignora todos estes clamores, embora o jornal «Al Ahram» (que hoje estabeleceu os primeiros contactos por telex com Israel) tenha criticado o discurso do primeiro-ministro israelita, acusando-o de não adiantar nada de novo. O rei da Jordânia absteve-se até agora de quaisquer comentários, mas a Embaixada egípcia em Amã foi alvo dum atentado.

No mundo ocidental, o Papa Paulo VI exortou os fiéis a orarem pelo bom êxito da viagem de Sadat. O ex-secretário de Estado dos EUA, Kissinger, declarou que doravante nada será como anteriormente, mas que há o perigo de abandono definitivo de qualquer solução negociada, caso Sadat e Begin não cheguem a entendimento. A Administração Carter tenta discretamente que Sadat não parta de Israel de mãos a abanar, e, por isso, a viagem do dirigente egípcio é seguida com certa apreensão em Washington.

Em Madrid, Nova Deli e Moscovo houve manifestações de estudantes árabes hostis e Sadat. Alguns diplomatas árabes queimaram as bandeiras da República Árabe Unida para manifestar a sua discordância com Sadat.

Enquanto isto, a Imprensa israelita dá enorme destaque à visita de Sadat, com títulos enormes grandes fotografias e manchetes em árabe, desejando as boas-vindas ao dirigente cairota.

A Imprensa ocidental, nomeadamente a inglesa e a norte-americana, louvam a coragem de Sadat, embora se mostrem um tanto decepcionadas com os discursos no Parlamento israelita.

ELEIÇÕES GREGAS

Caramanlis vence mas PASOK avança

Como se previra, Constantino Caramanlis, primeiro-ministro e dirigente do partido da «Nova Democracia» foi o vencedor das eleições legislativas gregas com 43 por cento dos sufrágios, o que lhe permitirá conservar a maioria absoluta no Parlamento, dispondo de cerca de 180 lugares dos 300 que o compõem.

No entanto, estas eleições, que se desenrolaram sem incidentes, num espírito convencionalmente democrático, foram marcadas pelo espectacular progresso do PASOK, o Partido Socialista Pan-Helénico de Andreas Papandreou que obteve 25 por cento dos sufrágios e que em 1974 só obtivera 13,58 por cento.

Nas eleições de 1974 a «Nova Democracia», practicamente plebiscitada depois da invasão de uma parte do Chipre pelo exército turco, pela queda da ditadura e pela restauração da democracia, obtivera 54,37 por cento dos votos e 214 lugares no Parlamento.

Foi esta a razão pela qual Caramanlis decidiu antecipar as eleições para que o Parlamento possa dar uma imagem exacta da repartição das forças políticas da nação. É agora depois das eleições que o primeiro-ministro poderá apoiar-se num prestígio sem contestação para enfrentar os problemas de política interna, económicos e sociais, e de política externa, entre os quais se contam a entrada da Grécia na Comunidade Económica Europeia, o problema de Chipre e do mar Egeu.

A perda de votos, em relação às eleições de 1974, da «Nova Democracia» explica-se pelo facto da extrema direita monárquica e neofascista passar totalmente para a oposição e ter obtido cerca de 7,50 por cento dos votos.

Por outro lado também é verdade que uma pequena parte da esquerda da «Nova Democracia» votou no «PASOK», cujo programa prevê a nacionalização das grandes empresas, a saída da Grécia da OTAN e opõe-se à admissão do país na CEE.

O aumento de votos do «PASOK» foi obtido essencialmente em prejuízo da União do Centro Democrático de Georges Mavros que desceu para 12 por cento, quando em 1974 tinha obtido 20 por cento.

No que respeita à aliança das forças progressistas e de esquerda, reunindo 5 partidos, entre os quais os «eurocomunistas» só obteve um pouco mais de 2 por cento. O Partido Comunista, ortodoxo, com mais de 8 por cento, ficou praticamente estacionário.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

TEM FALTA DE ESPAÇO EM SUA CASA?

Nós podemos resolver-lhe este problema, pois temos oficinas próprias para a execução de móveis por desenho, de todas as medidas.

REQUINTE — MÓVEIS E ESTOFOS

AV. ALMIRANTE REIS, 110 — TEL. 82 28 91

(Defronte da Cervejaria Portugália)

TELEX TELEX TELEX TELEX TELEX TELEX

FRANCO — Cerca de 250 mil pessoas (segundo a ANOP) concentraram-se ao meio-dia de ontem na Praça do Oriente e arredores de Madrid para uma homenagem à memória do ditador Franco, no segundo aniversário da sua morte. A concentração, convocada por várias organizações fascistas, durou exactamente uma hora e decorreu sem incidentes. Bandeiras espanholas, portuguesas, francesas, italianas e chilenas viam-se na concentração, ostentadas por fascistas dos países referidos.

CICLONE — Um gigantesco maremoto engoliu uma aldeia e despenhou-se sobre vilas e aldeias no Estado de Andra Pradesh, da União Indiana. Dois ciclones tropicais que fustigaram nesta semana o referido país saldaram-se já por um balanço trágico de 1500 mortos.

SCHMIDT — O chanceler Helmut Schmidt da RFA parte em viagem oficial de cinco dias à Polónia, numa visita que será a contrapartida daquela que o dirigente polaco, Gierek, fez a Bona em Junho do ano passado.

CYRUS VANCE — O secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance deixou ontem Washington, para iniciar uma digressão pela América Latina (Argentina, Brasil e Venezuela). Temas desta visita, que substitui aquela que o presidente Carter tencionava fazer: preços do petróleo, proliferação nuclear e direitos humanos.

LE DUAN — O dirigente comunista vietnamita, Le Duan, prossegue hoje em Pequim as suas conversações com o presidente Hua Kuo-Feng. Em discursos ontem realizados pelos dois estadistas, no final de um banquete oferecido a Le Duan, sobressaíram as graves divergências ideológicas entre eles. Enquanto Hua Kuo-Feng repetiu as suas costumadas acusações à URSS, Le Duan condenou vigorosamente os EUA e defendeu as concepções soviéticas sobre política internacional

FRANÇA — Uma vaga de atentados bombistas recaiu este fim-de-semana sobre a França, tendo explodido quinze engenhos em diversos pontos do país, visando especialmente as instalações da companhia de electricidade. Um ferido com gravidade e avultados prejuízos materiais são o balanço dos atentados. Enquanto isto, discursos ontem proferidos pelo dirigente socialista, Mitterrand, e pelo comunista, Marchais, revelam a profunda cisão que subsiste entre as formações principais da união de esquerda.

Cenas & Cenários

DONA MARIANA, ÓPERA-BUFA

A ópera-bufa para marionetas foi um género de espectáculo que teve grande difusão em Portugal de setecentos, contando-se no género algumas obras-primas do teatro português como são as óperas do Judeu.

As MARIONETAS DE SÃO LOURENÇO E O DIABO existem desde 1974 e têm dado espectáculos por todo o País, ilhas e estrangeiro; recentemente, uma ópera deste grupo, O CONDE DA ALEMANHA, inteiramente filmada pela RTP obteve o 2º prémio no concurso PRÉMIO ITÁLIA 77.

O grupo tem procurado reatar um gosto perdido pelo teatro e ópera de marionetas, que já foi florescente em Portugal e está agora reduzido unicamente a teatro infantil; tem-se dedicado igualmente o grupo à pesquisa e reconstituição de formas arcaicas de expressão cénica, cuja existência permanece como memória nas gentes das zonas rurais.

D. MARIANA é cantada por António Wagner, barítono, Luís Madureira, tenor e Helena Afonso, soprano. A manipulação das marionetas estará a cargo de Lídia Cabral, Eduarda Feio, Conceição Costa e Helena Vaz. A parte gráfica a cargo de José Alberto Gil; marionetas, cenografia e encenação de Helena Vaz; música e texto de José Alberto Gil.

A ópera é apresentada no Teatro do Bairro Alto, Sala Manuela Porto, todas as sextas, sábados e domingos, pelas 22 horas.

O CAVALO MÁGICO

A Cooperativa Portuguesa de Teatro tem pronta a apresentar no próximo mês de Dezembro, a peça infantil O CAVALO MÁGICO, um novo original português de autoria de Carlos Manuel Rodrigues, na encenação de Carlos Cabral. Trata-se de um espectáculo musicado em 2 partes, em que colaboram oito actores e que, devido às suas características, está à disposição de todas as entidades que necessitem de organizar festas infantis na próxima quadra natalícia.

O CAVALO MÁGICO, conta a história de um príncipe a quem, no dia dos anos, o rei seu pai oferece um cavalo voador, propriedade do inventor-feiticeiro. Só que as condições que este impõe para a transacção são por demais absurdas. Apesar disso, o feiticeiro permite que o príncipe faça uma viagem no cavalo.

Assim, vai ter à ILHA DOS COZINHEIROS, onde se apaixona pela princesa da ILHA, que acaba por levar de volta ao seu reino, no dorso do cavalo-mágico.

Mas o FEITICEIRO cobiça também a princesa, com quem decide casar, e leva esta, no cavalo de sua invenção, para o seu castelo, mantendo-a aí prisioneira, sob vigilância do seu aprendiz. Este torna-se amigo da princesa e inventa, com a colaboração do príncipe, um ardil para a libertar.

A festa do casamento tem enfim lugar, no meio da alegria de todos.

«O Santo Inquérito», a peça que o Grupo de Teatro de Campolide apresentou com tanto êxito no Teatro da Trindade, será levada em digressão a vários pontos do País para permitir ao público não residente em Lisboa apreciar este trabalho. Entretanto, o Grupo prepara um espectáculo infantil com encenação de Armando Caldas e a participação de José Barata Moura, a apresentar até ao fim do ano

"Eu, o supremo": um grande livro de Augusto Roa Bastos

HUBERT JUIN

O último livro de Augusto Roa Bastos é um fantástico labirinto. Entramos nele totalmente e não conseguimos sair. A leitura sucede a obsessão. Porque deste pequeno monte de papel, que é também um monumento da palavra, se liberta um estranho mal estar de que nenhum leitor sai ileso.

A única soberania é aqui a da linguagem: uma vagabundagem com negras estrelas. Este longo périplo é criação constante e continua de formas, proliferação cancerosa ou ainda — como sucede aos cadáveres — multiplicação insensata de tudo o que corroi, devora, polifera e despoja. Obra de morte, com certeza. E tanto mais que o verdadeiro, o único assunto do livro é a morte do Supremo, e que é dessa morte, fora dessa purulência, que nasce a linguagem e prolifera a frase interminável.

O objecto (mais ainda do que o tema) de **Eu, o Supremo**, é o rosto do fundador do Paraguai moderno, José Gaspar Rodriguez de Francia, cujo nome o autor nunca refere. O que é exterior ao livro mas que, no entanto, o investe, é a história do ditador vitalício, são as circunstâncias desse importante reinado, são os «pequenos factos autênticos» tão caros a Stendhal. Não é necessário saber-se muita história latino-americana para apanhar ao vivo em personagem ao mesmo tempo presente e ausente que é, aqui, Gaspar de Francia — esse EU e esse ELE que, um após outro e às vezes ao mesmo tempo, invadem o livro, tornado-o, por vezes, irrespirável. Augusto Roa Bastos sabe tornar sensível até à náusea um vapor estranho e literalmente saído dessas regiões que o tropico de Capricórnio atravessa: o Paraguai

A UTOPIA DOS JESUÍTAS

A conquista da pátria dos Guaranis foi longa e difícil. Esse povo de seminómadas de uma coragem fabulosa ainda não estava dominado em fins do século dezasseis: eles ainda lutavam nas margens do rio Paraguai, resistindo aos invasores. Os espanhóis descobriram uma excelente maneira de deixar a organização dessa região tumultuosa aos jesuítas, que, sonhando utopias, procuravam uma colónia na qual pudessem aplicar as suas reformas e o seu sistema. A República Jesuíta do Paraguai duraria século e meio.

O modo de vida citadino de um novo tipo, modelou os habitantes, mas descontentou os que tinham o costume de os espoliar e de os escravizar. Foi esse, por exemplo, o caso dos mercadores de escravos que vinham de São Paulo e eram conhecidos por mamelucos ou paulistas. Claro que as autoridades coloniais apoiavam os esclavagistas e não os jesuítas. Estes, como resposta, não hesitaram em armar os índios, o que deu origem a uma guerra constante cujo resultado mais claro seria, ao que parece, o genocídio da República guarani (entre 1750 até 1817), organizado pelo Brasil, a Argentina e os proprios dirigentes do Paraguai. É então que surge o «Supremo», isto é, José Gaspar Rodriguez de Francia, herói sonoro e único da gesta que Augusto Roa Bastos descreveu.

Nascido em 1766, Jose Rodriguez de Francia apaixonou-se pelas doutrinas revolucionárias francesas. O seu modelo era Robespierre. Mas lia os enciclopedistas, lia Rousseau e queria seguir o caminho da razão. Fazia parte de uma junta directorial, mas em 1812 tomou o poder nas mãos. Dizia-se ditador eleito, vitalício, mas, na realidade o seu domínio sobre o Paraguai era de origem consular. Fundamentalmente democrata, acabou por cometer excessos lamentáveis. Após a utopia dos jesuítas, trabalhou até à morte, em 1840, a forjar no real aquilo que tinha dentro da cabeça. Pôs praticamente o Paraguai em estado de bloqueio permanente. O país, que se encontra a 1200 quilómetros do mar, ficou totalmente fechado. De Francia queria assim opor-se vitoriosamente ao impulso expansionista dos países vizinhos. Conseguiu salvaguardar a independência do seu país e é certo que as suas reformas, quando foram praticadas, deram bem-estar ao povo. Mas, uma vez mais, não é disto que se trata no livro de Rosa Bastos — a não ser na própria carne das palavras. Porque o heroi do livro e o da história serão o mesmo? Decerto que sim. E é esse talvez o milagre, do escritor. E que a história embora sem ser directamente evocada, está em toda a obra presente, gerada, dominante, numa palavra, irredutível. Ela é uma muralha de palavras nas quais o Francia de Roa Bastos está pregado, vivo.

A PALAVRA E O PODER

O «Supremo» tem os seus arquivos, dita ao seu secretário particular, dirige circulares aos seus constituintes, fala, escreve: procura a sua forma no que deforma. Só tem um inimigo: a palavra. Entre ele e a sua realidade, a espessura das palavras cria um espelho enganador. Tudo aquilo que se mantem nessa nuvem de palavras é retomado, estudado, reproduzido, dissecado, sonhado também, por um compilador anonimo que é o escritor. E se Francia fosse Roa Bastos? O ditador é o que substitui e anula o escritor. Mas quando o escritor se apossa do ditador, apaga-o, restitui-o á humildade da verdade. Que diz o compilador? Que nada neste livro espesso é invenção: **Em vez de dizer e escrever coisas novas, este texto limita-se a copiar fielmente o que outros já disseram ou inventaram.** Mas o que impressiona e chama a atenção em **Eu, o Supremo** é a ausência do povo. E é sem dúvida isso que nos mostra a essência da ditadura.

Ensaio sobre o poder, o romance de Augusto Roa Bastos é também um tratado sobre o verbo. Um sonho feito de volutas, com ossos quebrados. E é nesse momento que o leitor se apercebe de que aquilo que está a ler não é mais do que o discurso feito por uma cabeça de morto provisoriamente arrumada numa velha caixa metálica que outrora continera macarrão. Uma obra-prima.

PLANTAS MEDICINAIS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

CENDERMA

Casa especializada no estudo, pesquisa e comercialização de plantas medicinais da flora portuguesa.

Rua das Beiras 14 — Cruz-de-Pau — AMORA
Rua João Eloy Amaral 14 A — SETUBAL

Faça já o seu pedido ao Apartado 12 — Setúbal

LISTA DE CHÁS CENDERMA

N.º 1 — Fígado e vesícula biliar
N.º 2 — Coração e nervos
N.º 3 — Diabetes e securas
N.º 4 — Lombrigas, solitárias
N.º 5 — Rins e bexiga
N.º 6 — Gripe, bronquites e asma
N.º 7 — Gota e reumatismo em geral
N.º 8 — Prisão de ventre
N.º 9 — Faz emagrecer, combate a obesidade
N.º 10 — Albumina
N.º 11 — Eczema, uso interno
N.º 12 — Angina de peito
N.º 13 — Icterícia e hepatite
N.º 14 — Úlceras do estômago
N.º 15 — Rouquidão
N.º 16 — Apendicite
N.º 17 — Ureia
N.º 18 — Inflamações nos olhos
N.º 19 — Sinusite
N.º 20 — Hidropsia
N.º 21 — Anti-alcoólico
N.º 22 — Anti-fumo
N.º 24 — Purgante vegetal
N.º 25 — Varizes na circulação
N.º 26 — Cabelos brancos
N.º 27 — Debilidade sexual
N.º 28 — Elimina a caspa
N.º 29 — Hipotensão
N.º 30 — Hemorroidal-uso interno
N.º 31 — Hemorroidal-uso externo
N.º 32 — Eczemas-uso interno
N.º 33 — Colite
N.º 34 — Amenorreia
N.º 35 — Inflamações da garganta, anginas
N.º 36 — Tensão arterial (tensão nervosa)
N.º 37 — Anemia, fraqueza geral
N.º 38 — Afrontamentos, menopausa
N.º 39 — Diarreia e enterites
N.º 40 — Insónia

Outros Chás Cenderma

FLORES DE CARQUEIJA • LUCIA LIMA • AMEIRO NEGRO • SÃO ROBERTO • PERICÃO-DO-GERÊS • ERVA CIDREIRA • TÍLIA • FLORES DA MALVA • PAU D'ARCO ANTICANCEROSO • FLORES DO ROSMANINHO

Além dos Chás apresentados nesta lista fornecemos todas as Plantas Medicinais pedidas pelos clientes. O preço de cada embalagem de qualquer n.º de Chás Cenderma é 50$00. Para um mínimo de 3 embalagens, enviamos encomendas à cobrança pelo correio.

Aceitamos Agentes em Lisboa, Porto e todos os Distritos do País com distribuição própria. Embalagens para entrega imediata com descontos especiais para Agentes.

NÃO FUME
EM RECINTOS DESPORTIVOS FECHADOS

CIRCO MARIANO

EMP. HENRY TONY
TEL. 29 11062

TODAS AS NOITES ÀS 22H
QUINTA-FEIRA, MATINÉE ÀS 16,30H

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES

AS MAIORES ATRACÇÕES DO MUNDO DO CIRCO
NA TEMPORADA DE OIRO DE 1977

PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL
SANDOKAN
O MAIS ARROJADO E DESTEMIDO DOMADOR DE
LEÕES E TIGRES

8—CROCODILOS E GIBÓIAS EM LIBERDADE—8
2—PARELHAS DE PALHAÇOS—2

INACREDITÁVEL!...
AGORA SIM
A ÚNICA
SENHORA
QUE LUTA COM
UM CROCODILO
DENTRO
DE ÁGUA,
NO
MAIS LUXUOSO
CIRCO PORTUGUÊS

Canal da Crítica

Mário Castrim

"ELE HÁ TANTAS MANIFESTAÇÕES, MAS POR QUE FANTASIA..."

A Televisão portuguesa deve neste momento sentir-se realizada. Finalmente, uma reportagem em cheio. Um sábado em pleno, movimentado, com manifestações no Porto e em Lisboa. Ali, no dia 18, aqui em 19, os trabalhadores manifestaram-se em defesa do pão e da Constituição; ali, no dia 19, a direita desceu à rua em andamento fascista.

Foi esta última que mereceu da Televidão o maior carinho: a panorâmica mais conveniente, o discurso directo, o grande plano, o sentimento, a emoção, a reportagem enfim. Poderia ter feito obra mais asseada, mais rotunda, mais ao paladar de certos paladares. Poderia, mas não seria aconselhável. Limitou-se a ir tão longe quanto lhe era necessário ir para marcar suas distâncias e suas amizades sem provocar serúquicas reacções.

Manifestação de cariz fascista, como ao depois viria a demonstrar-se com os assaltos e as destruições? Não oferecerá dúvidas a ninguém, pelo menos, o seu carácter desestabilizador em zonas altamente sensíveis.

Curiosamente, porém, a Televidão chamou-lhe sempre **manifestação de homenagem** a Fulano. Um poço de delicadezas, lá pelo Monte da Virgem...

Quanto aos actos terroristas, a Televisão silenciou completamente. Nem ao menos nos diz se vão ou não principiar as investigações a fim de conhecer os culpados e castigá-los. Será que tudo vai ficar mesmo assim?

DIREITOS HUMANOS M COR-DE-ROSA

Tarde de domingo. Anuncia-se um filme de grande metragem e grande interesse. A locutora aconselha-o vivamente. Não percam. Motivo de meditação e patati e patatá, além disso uma fita premiada em concursos internacionais, por exemplo no de Edimburgo...

Chamava-se a fita **Garotos de Londres**. Imaginaríamos as crianças da grande metrópole votadas à miséria, à fome, à deliquência, ao crime — enfim, aos direitos humanos. Com isto se faria não um, mas centenas de filmes exemplificativos da vida, nas grandes cidades do «mundo livre» para o qual dizem, alguns ter o nosso país grande vocação — lagarto, lagarto!.

Pois não. A questão fica meramente aflorada, e, na sua maior parte, reduzida a casos pessoais, sociais coisa nenhuma. Idiossincrasias, e pronto. Tudo foi pretexto para um filme zinho cor-de-rosa, falso até aos calcanhares com uma data de ingredientes comerciais. Uma gentil assistente social tudo resolve, com o sorriso nos lábios. Ainda por cima casa, vai ser muito feliz, adoptam o rapazinho. Bye, bye.

Repugnante, digo eu. Onde foi a Televisão portuguesa buscar razões para tão grande empenhamento, não sei. Sei que é repugnante usar de problemas sérios para fazer filmes de brincar.

Eis-nos face a um caso típico, de mistificação, de desinformação. Que outra coisa, aliás, pode fazer uma sociedade moribunda, a rilhar os ossos da sua decadência?

«APANHAR MENOS SOLZINHO...»

Bota de Sete Léguas deu-nos com vivacidade uma reportagem sobre Anabela Chaves. Assim ficaram os nossos jovens a conhecer melhor uma grande artista portuguesa.

Recordemos três elementos valiosos: a qualidade do jovem apresentador; a naturalidade de Anabela Chaves, que soube encontrar a maneira correcta de estar e de falar na TV; o apontamento como depoimeto do seu professor, François Broos, naturalmente satisfeito com o êxito da disciplina, cujas qualidades de talento e de trabalho foram naturalmente realçadas.

François Broos é um professor orgulhoso de Anabela Chaves. Assim todos os portugueses o fossem, como lhes cumpria. O que seria possível se a televisão acompanhasse mais de perto a actividade dos nossos artistas. Programa para os jovens **Bota de Sete Léguas** procedeu como devia ao apresentar Anabela Chaves como um nome bom a ter na memória.

Já agora recordemos aquele pormenor do depoimento de François Broos ao apresentar Anabela Chaves como um modelo de trabalho a imitar. Deu-nos o seu conselho: **os amigos portugueses devem gozar um pouco menos o seu solzinho...**

Oh, oh, ainda se ao menos os portugueses gozassem o solzinho...

ACADÉMICO, PARA ONDE VAIS?

Chega-nos, no «Grande Encontro», outro recado este de Viseu. Que conta com um número insignificante de desportistas. Afirma-se que **os jovens preferem o café ao desporto...**

Caímos assim no velho hábito de não determinar os verdadeiros culpados. Os culpados não são os jovens, mas todo um modo de viver, em sociedade ordenado de maneira a afastar os jovens das actividades culturais e desportistas, começando inclusivamente por lhas negar. Fossem tão frequentes os ginásios como os cafés e então veríamos onde estavam os jovens.

Bom. A reportagem dirigia-se quase exclusivamente às actividades do Académico de Viseu. Que esta a fazer um grande esforço para desenvolver diversas modalidades, entre elas o futebol.

A tal respeito ficámos a saber que formaram uma equipa de profissionais. Keita, entre eles. Apenas não se esclareceu como pode um clube pequeno alimentar cavalo tão guloso como o futebol profissional. E seria importante, para avaliarmos da evolução do fenómeno em mais uma zona do País. Para sabermos se ele se desenvolve nos mesmos termos que levaram à desilusão, à fadiga, ao fracasso e ao drama noutros pontos do nosso país.

O AERÓDROMO «ESPECIAL»

O locutor. O pobre locutor, com uma voz sem cafeína. Capaz, ainda por cima, de dizer **estátua ekestre**, cousa de que pouca gente em nossos dias, e numa cidade com a estátua de D. José, se poderá gabar.

O locutor, em jeito de TV escolar, pergunta. O comandante Matos Durão responde. Tema, o aeródromo do Funchal, do grande desastre.

Que não, esclarece o comandante. Que o aeródromo não é **inseguro**: é apenas **especial**.

Especial quer dizer: usam-se as maiores precauções na demanda da pista. Os pilotos da TAP recebem treino de especialização. A pontos de apenas os comandantes poderem dirigir as operações de aterragem.

Está claro que a questão não fica encerrada. Antes pelo contrário: será mesmo a partir de agora que ela se irá esclarecer mais rapidamente. Fiquemos, no entanto, com a certeza de que o aeródromo do Funchal não é inseguro. É apenas...especial.

Perguntaria se não será de tal forma especial que se tornará inseguro. Mas não quero entrar no jogo das palavras. Não é um jogo fácil. Nem agradável, depois de um desastre de tais proporções.

Um País que, sem ter sequer modalidades amadoras, as sonha ter profissionais. Académico Académico, para onde vais tu?

TEATRO
ABC
TELEFONE 36 67 45
Hoje, às 20.30 e 22.45 h.
Domingos e Feriados há «matinées» às 16 h.
SÉRGIO DE AZEVEDO
apresenta o
ESTRONDOSO ÊXITO DA POPULAR REVISTA
Ó DA GUARDA

OCTAVIO e JULIO CÉSAR
em «O Jácome» e «O Estivador»
Anabela
Octávio de Matos
Herman José
Natália de Sousa
Fernanda Borsatti
Júlio César - Vasco Rafael
BALLET ABC DANCER'S

O ARRANQUE DO NOVO CINEMA BRASILEIRO
AVIS
UM TEMA REALISTA
NA LINHA DAS GRANDES INTERPRETAÇÕES!
um filme de PAULO PORTO
ESTREIA AMANHÃ
em família

Iracema de Alencar · Rodolfo Arena · Procópio Ferreira
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
selecção sacil

A C. P. INFORMA:

Bilhetes de Família

Com início em 1 de Novembro, vai a C. P. permitir aos Senhores Passageiros a aquisição de Bilhetes de Família a preços mais convidativos.

Aconselha-se pois a sua informação, através das Estações e Secções de Informação.

Hoje

Visita da Cornélia. Os vencedores da sessão desta noite: Francisca Meneses Ferreira (Paquica) e o pai

I PROGRAMA

18.30 Abertura e Telejornal — 1.ª edição.
18.35 **O Circo Pepinelo.**
18.55 **Abre-te Sésamo.**
19.30 **Recital** — «Seis Caprichos de Paganini» pelo violinista Jack Glatzer. Realização de Jorge Listopad.
20.00 **Telejornal** — 2.ª edição.
20.35 **III Congresso Nacional da UDP.**
20.55 **Boletim Meteorológico.**
21.10 **A Visita da Cornélia** — Concurso — (25.ª sessão). Apresentação de Raul Solnado. Realização de Luís Andrade.
23.15 **Telejornal** — 3.ª edição.
00.00 Fecho.

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

21.02 **Telejornal** — 2.ª edição.
21.30 **Confronto de Gerações** — Intérpretes: Vera Miles, Carl Betz, Jeff Bridges, Ruth McDevitt, Howard Duff, Kim Hunter, Renne Jarrett, Sal Mineo. Realização: Paul Bugart.
22.45 Fecho.

GRUNDIG
QUALIDADE EM TODA A LINHA.
DESTAQUES
I PROGRAMA
A Visita da Cornélia
(21.10)
II PROGRAMA
Confronto de Gerações
(21.30)

Amanhã

I PROGRAMA

1.º Período: 09.15: Ano Propedêutico **2.º Período: 13.30**: Ciclo Preparatório TV. **3.º Período: 18.30**: Abertura e Telejornal - 1.ª edição; **18.35**: Um Verão da Ilha Mirabela; **19.00**: Jardins Zoológicos de todo o Mundo - Roma; **19.30**: Telecinema; **20.00**: Telejornal - 2.ª edição; **20.35**: Caminhos Difíceis - 1.º episódio; **21.00**: Boletim Meteorológico; **21.10**: Mosaico; **22.50**: Telejornal - 3.ª edição; **23.10**: Fecho

II PROGRAMA

21.00: Telejornal; **21.30**: A Visita da Cornélia - Repetição do dia anterior; **23.30**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS - CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 88 27 86 - 89 98 26
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

NACIONAIS FUTEBOLÍSTICOS

Benfica: um rei com credenciais

Resultados da 8.ª jornada do Campeonato de Futebol da 1.ª Divisão: Benfica-Marítimo 6-0; Académico-Portimonense, 3-1; Sp. Braga-Sp. Espinho, 2-1; V. Setúbal-Boavista, 2-0; Estoril-Varzim, 0-1; FC Porto-Guimarães, 2-1; Feirense-Belenenses, 0-0; Riopele-Sporting, 2-4.

Depois desta jornada a classificação ficou assim ordenada: 1.º Benfica, 14 pontos; 2.º FC do Porto, Sporting e Sp Braga, 11; 5.º V Setubal, V Guimarães e Belenenses, 10; 8.º Sp Espinho, 9; 9.º Varzim, 8; 10.º Marítimo, Boavista e Riopele, 6; 13.º Estoril, 5; 14.º Feirense e Académico, 4; 16.º Portimonense, 1. FC Porto e Marítimo têm menos um jogo.

Os campeões nacionais venceram com certa facilidade o recém promovido Maritimo (do Funchal) depois de, ao fim da primeira parte, estarem a vencer apenas por 1-0. Vítor Baptista, autor de três golos, foi o marcador de serviço. Chalana, Sheu e Cavungi assinaram os outros tentos.

Nas oito jornadas já disputadas, o Benfica sofreu somente 3 golos, cotando-se como a defesa menos batida do campeonato.

O FC Porto derrotou o Vitória de Guimarães, por 2-1, passando assim para o 2.º lugar. Os visitantes foram os primeiros a marcar (quando iam decorridos 11 minutos) por intermédio do brasileiro Manè. O FC do Porto passou então, por um período de desacerto mas ao intervalo, já tinha igualado a contenda. Gomes foi o autor do golo do empate.

No primeiro minuto da 2.ª parte, o brasileiro Duda colocou a sua equipa a vencer por 2-1, resultado com que se atingiram os 90 minutos.

O Sporting teve que se empregar a fundo para sair da Pousada de Saramagos com os dois pontos correspondentes ao triunfo. O Riopele abriu o activo por intermédio de Fonseca. Poucos minutos depois, o defesa «internacional» Laranjeira, numa das suas sortidas, à defesa contrária logrou marcar o primeiro golo do Sporting. Os donos da casa voltaram a adiantar-se no marcador, através de um golo de António Luís. O Sporting só viria a fazer o seu segundo golo, após o intervalo, por Isaías, depois de Jordão ter desperdiçado uma grande penalidade, ainda na primeira parte. O terceiro e quarto golos do Sporting foram obtidos, respectivamente, por Jordão e Isaías. O ataque do Sporting, agora com 25 golos, continua a ser o mais realizador do campeonato nacional.

O Sporting de Braga, que é também um dos segundos classificados, bateu o Espinho (por 2-1) no seu terreno. Os bracarenses dominaram, praticamente, durante todo o encontro, mas o seu triunfo chegou a estar em perigo pois na 2.ª parte o Espinho empatou (por Manuel José, através da transformação de uma grande penalidade). A partida passou por uma fase de muito nervosismo mas, à beira do fim o «internacional» Chico Faria, num golpe de cabeça, deu a vitória à sua equipa.

O brasileiro Mirobaldo marcou os dois golos com que o Vitória de Setúbal bateu, no seu campo, o Boavista. Com este êxito, os setubalenses ascenderam à 5.ª posição, de parceria com Vitória de Guimarães e o Belenenses.

O Boavista que tem vindo a fazer uma temporada irregular, ainda não se encontrou, razão pela qual ocupa lugar «estranho».

O Académico alcançou a sua 2.ª vitória da época. Bateu o Portimonense, no seu terreno por 3-1. Os «estudantes» marcaram cedo (por Carmegim) mas admitiram a igualdade logo após o intervalo. Todavia, conseguiram recompor-se: e Joaquim Rocha marcou os dois golos que fecharam a contagem. Com a derrota sofrida em Coimbra, o Portimonense mantém-se no fundo da tabela.

Quanto ao Feirense-Belenenses, o nulo registado reflecte o cuidado com que as duas turmas (de escalões diferentes...) acautelaram a defesa, raramente procudando o golpe decisivo.

No único jogo da ronda efectuado no sábado o Varzim bateu o Estoril, no campo deste, por 1-0 (tento de Júlio).

No Estoril: o defesa Peixoto com a bola

Mais uma rodada no torneio da 2.ª divisão.

8.ª JORNADA **Zona Norte**: Régua-P. Brandão, 2-0; R Ave-Famalicão, 0-2; Fafe-Sanjoanense, 1-0; Vianense-Aliados, 2-0; Penafiel-U. Lamas, 2-2; P. Ferr.-G. Vicente, 1-0; Lourosa-Chaves, 2-2; Leixões-V. Real, 1-0.

9.ª Jornada (dia 27): Régua-Rio Ave, Famalicão-Fafe, Sanjoanense-Vianense, Aliados-Penafiel, U. Lamas-Paços Ferreira, Gil Vicente-Lourosa, Chaves-Leixões e Paços Brandão-Vila Real.

	V	E	D	G	P
Famalicão...	5	2	1	18- 5	12
Fafe.....	4	3	1	11- 6	11
Rio Ave.....	4	3	1	5- 3	11
Aliados.....	5	-	3	7- 6	10
Vianense....	3	3	2	7- 8	9
P.Ferreira..	4	1	3	11-15	9
Vila Real...	3	2	3	9- 7	8
Penafiel....	2	4	2	12-11	8
Gil Vicente.	2	4	2	6- 8	8
Chaves.....	2	3	3	9- 6	7
Sanjoanense.	2	3	3	3- 4	7
Leixões.....	2	2	3	10-10	6
P.Brandão...	2	2	4	8- 9	6
S.C.Régua...	3	-	5	8-15	6
U.Lamas.....	1	3	4	8-13	5
L.Lourosa...	-	3	4	5-11	3

Zona Centro: B. Mar-Cartaxo, 5-0; Covilhã-U. Leiria, 3-2; Peniche-E. Portalegre, 3-0; U. Santarém-Ac. Viseu, 1-2; U. Tomar-Sintrense, 2-0; Mangualde-Marinhense, 2-2; Portalegrense-U.Coimbra, 2-2; Marrazes-Águeda, 0-0.

9.ª Jornada (dia 27): Beira Mar-Covilhã, U. Leiria-Peniche, Estrela de Portalegre-U. Santarém, Académico Viseu-U. Tomar, Sintrense-Mangualde, Marinhense-Portalegrense, U. Coimbra-Marrazes e Cartaxo-Águeda.

	V	E	D	G	P
A.Viseu (a).	6	1	-	16- 4	13
Beira Mar...	6	1	1	16- 3	13
Portalegren.	4	4	-	13- 7	12
U.Tomar.....	4	2	2	8- 4	10
Marinhense..	3	3	2	9- 7	9
Covilhã.....	4	1	3	10-11	9
Peniche.....	2	4	2	11-10	8
U.Santarém..	2	4	2	6- 6	8
U.Coimbra...	2	4	2	8- 9	8
E.Portalegre	3	-	5	9-11	6
U.Leiria(a).	2	2	3	9-12	6
Cartaxo.....	2	2	4	4-12	6
Marrazes....	1	3	4	4-10	5
Mangualde...	1	3	4	5-11	5
Águeda.....	-	4	4	3- 8	4
Sintrense...	1	2	5	6-12	4

(a) Um jogo a menos

Zona Sul: Odivelas-Montijo, 1-1; Atlét.-Olhanense, 1-0; C. Piedade-V. Gama, 2-2; Nacional-Barreirense, 0-0; Lusitano-Juventude, 1-1; Luso-Almada, 0-1; CUF-Amora, 3-2; Farense-Sesimbra, 1-0.

9.ª Jornada (dia 27): Odivelas-Atlético, Olhanense-Cova da Piedade, Vasco da Gama-Nacional, Barreirense-Lusitano, Juventude-Luso, Almada-CUF, Amora-Farense e Montijo-Sesimbra.

	V	E	D	G	P
Barreirense.	5	2	1	17- 7	12
CUF.....	4	4	-	11- 7	12
Olhanense...	5	1	2	10- 5	11
Atlético....	4	2	2	13-10	10
Amora.....	3	4	1	10- 8	10
Juventude...	3	3	2	14- 9	9
Farense.....	3	3	2	9- 8	9
Almada (a)..	3	2	2	11-11	8
C.Piedade(a)	1	5	1	7- 9	7
Montijo.....	2	2	4	12-13	6
Lusitano.....	-	6	2	6- 9	6
Luso.....	1	4	3	4- 8	6
Odivelas....	1	4	3	7-13	6
Sesimbra....	-	5	3	2- 6	5
V.Gama.....	2	1	5	9-14	5
Nacional....	-	4	4	6-11	4

(a) Um jogo a menos

Nova ronda do 3.º escalão, com jogos por várias séries.

8.ª JORNADA **Série A**: Mondinen.-A. Valdevez, 1-0; Cabeceirense-Joane, 4-2; Vizela-M. Cavaleiros, 1-2; Monção-Tirsense, 1-0; R. Pena-Limianos, 1-3; Desp. Aves-Tadim, 2-1; Mirandela-M. Fonte, 5-1; Bragança-Prado, 1-1.

Guia: Desportivo das Aves, com 13 pontos.

9.ª Jornada (dia 27): Mondinense-Cabeceirense, Joane-Vizela, Macedo de Cavaleiros-Monção, Tirsense-Ribeira da Pena, Limianos-Desportivo das Aves, Tadim-Mirandela, Maria da Fonte-Bragança e A. Valdevez-Prado.

Série B: Valecambr.-Arrifanense, 7-0; Sampedrense-Paredes, 1-4; Amarante-Salgueiros, 0-1; Cucujães-Avintes, 1-3; Bustelo-Oliveirense, (a); Vilanov.-Perosinho, 3-1; Infesta-Leverense, 1-1; Freamunde-Lamego, 1-0; (a) Adiado, **Guia**: Salgueiros, com 14 pontos.

9.ª Jornada (dia 27): Valecambrense-Sampedrense, Paredes-Amarante, Salgueiros-Cucujães, Avintes-Bustelo, Oliveirense-Vilanovense, Perosinho-Infesta, Leverense-Freamunde e Arrifanense-Lamego.

Série C: O. Bairro-Carapinheir., 3-0; Tocha-Gonçalense, 2-0; Anca-Alba, 1-1; Febres-Naval, 0-0; Tondela-Modelos (a), 4-1; V. Benfica-Marialvas, 1-1; Gouveia-C. Benfica, 4-1; Guarda-Anadia, 3-0; (a) Foi interrompido. **Guias**: Oliveira do Bairro, Viseu Benfica e Alba, 12.

9.ª Jornada (dia 27): Oliveira Bairro-Tocha, Gonçalense-Ançã, Alba-Febres, Naval-Tondela, Molelos-Viseu Benfica, Marialvas-Gouveia, Covilhã Benfica-Guarda e Carapinheirense-Anadia.

Série D: Torriense-Matrena, 4-1; Batalha-Nazarenos, 0-2; Eléctrico-D. C. Branco, 1-1; Lousanense-Amiense, 1-3; Alcane.-T. Novas, 0-3; Bombarral-Caldas, 0-0; B.C. Branco-Condest., 1-0; Alcobaça-Almeirim, 4-2. **Guia**: Caldas com 14 pontos.

9.ª Jornada (dia 27): Torriense-Batalha, Nazarenos-Eléctrico, Desportivo C. Branco-Lousanense, Amiense-Alcanense, Torres Novas-Bombarralense, Caldas-Benfica C. Branco, Condestável-Alcobaça e Matrena-Almeirim.

Série E: Campomaiorense-Oriental, 3-1; Sacavenense-Bucelense, 2-0; Borbense-Elvas, 0-1; Vitória Lx.-D. Olivais, 3-0; P. Pinhei.-Souselense, 4-1; S. L. Olivais-Benavente, 3-3; Elvenses-Alverca, 2-1; Loures-Casa Pia, 1-1; **Guias**: Vitória de Lisboa e Campomaiorense, com 14 pontos.

9.ª Jornada (dia 27): Campomaiorense-Sacavenense, Bucelenses-Borbense, Elvas-Vitória Lisboa, Desportivo Olivais-Pêro Pinheiro, Souselense-S. L. Olivais, Benavente-Elvense, Alverca-Loures e Oriental-Casa Pia.

Série F: U. Montemor-Desp. Beja, 1-1; Seixal-Quarteir., 0-1; Rosarense-C. Caparica, 1-0; Aljustrel-A. Reguengos, 2-0; Serpa-Alcoch., 1-0; U. Santiago-Sarilhense, 2-2; Silves-Paio Pires, 3-1; Marit. Olhan.-Esperança, 0-0; **Guias**: Beja, Sarilhense e Quarteirense, com 11.

9.ª Jornada (dia 27): U. Montemor-Seixal, Quarteirense-Rosarense, Costa de Caparica-Aljustrelense, A. Reguengos-Serpa, Alcochetense-U. Santiago Cacém, Sarilhense-Silves, Paio Pires-Marítimo Olhanense e Desportivo Beja-Esperança de Lagos.

Em Setúbal; guarda-redes Matos sonega o esférico

ROMÉNIA ABESPINHADA

Após a derrota da selecção de futebol da Roménia (4-6), no passado domingo, em Bucareste, frente à Jugoslávia, que lhe fechou as portas do «Mundial-78», toda a imprensa romena se tem mostrado muito dura para com o futebol no País e o jornal do Partido Comunista (O «Scintea») exigia ontem **mudanças radicais.**

Deve ser claramente dito que o movimento futebolístico e os que o comandam, sejam jogadores, dirigentes, clubes, a Federação ou o Conselho Nacional de Educação Física e Desportos, não actuam adequadamente em relação às suas responsabilidades.

TOTOBOLA

A chave

Académico-Portimonen.	1
Braga - Espinho	1
Setuba. Boavista	1
Estoril-Varzim	2
Porto - Guimarães	1
Feirense - Belenenses	X
Riopele - Sporting	2
Rio Ave - Famalicão	2
Vianense - A Torcelo	1
Peniche - E Portalegre	1
U Santarem - A Viseu	1
Nacional - Barreirense	X
Lusitano - Juventude	X

PRÉMIO
Black & Decker
O HOMEM DO DIA
NO JOGO DO DIA

Baltasar (Sporting)

Num jogo de muitos golos (6), com alternantes no marcador em que por duas vezes, o Sporting ficou em situação desfavorável, a influência da força e do entusiasmo de Baltasar, regressado às grandes andanças após uma lesão que demorou a tratar, ficou expressivamente marcada no «volte-face» do resultado. E, embora por outra grande exibição tenha sido rubricada no bloco verde-branco (a do brasileiro Isaías, com uma 2.ª parte onde mostrou potencialidade e alegria), é inegável que foi devido à inclusão de Baltasar como «pivot» de toda a manobra leonina, mal entrou a substituir um colega mais jovem, que o técnico Paulo Emílio conseguiu arrebatar dois pontos no difícil terreno da Pousada de Saramagos.

Daí que, com inteira justiça, pertença a Baltasar o prémio «Black e Decker» referente ao **homem do dia no jogo do dia**, em relação ao calendário deste fim-de-semana no nacional futebolístico. Oportunamente, o jogador de Alvalade (que já teve honras de obter o «Stromp» no seu clube) receberá o aparelho «Black e Decker» que é oferta de uma firma que jubilosamente está a associar-se ao Desporto português.

BRAGA, 2-ESPINHO, 1

Chico Faria tem cabeça

Sérgio Matos

Decorrendo sob uma chuva torrencial, que veio a agravar as já deficientes condições do terreno, o encontro em Braga assumiu, nos momentos anciais, uma toada de parada e resposta, em que as equipas se estudavam mutuamente. Porém, coube a Paulo Rocha a função de, aos 13 m, quebrar a igualdade com um golo que, embora inesperado, serviu para galvanizar a turma bracarense, que a partir daqui, surgiu deliberadamente balanceada no ataque. Mantendo, contudo, o discernimento no seu sector mais atrasado, o Espinho não se deixou inferiorizar e, na resposta, aproveitando bem o contra ataque, dava bastante que fazer a Ronaldo, Cardoso e companhia.

Aproveitando um período de desorientação do Braga, em cujo ataque se tinha instalado uma certa confusão, proveniente da abundância de passes e da indecisão no remate, os espinhenses passaram (então) a frequentar, com maior perigo e objectividade, a região defendida por Conhé. Todavia já próximo do intervalo, os minhotos voltaram à mó de cima, sendo Gaspar solicitado para resolver algumas situações de apuro.

No início do 2.º tempo manteve-se o mesmo quadro, mas diminuindo a eficácia dos contra-ataques forasteiros e aumentado (sensivelmente) a pressão ofensiva dos pupilos de Mário Imbeloni. Porém, também inesperadamente surgia, decorridos 20 m o golo da igualdade, feito de «penalty» por Manuel José, castigando mão de Cardoso dentro da área. Parecia mais personalizado o Espinho: todavia, o Braga não se conformou em deixar um ponto em pés alheios. Num segundo folego, os minhotos empurraram os «tigres» para dentro da sua própria grande área, mercê da endiabrada actividade do meio campo arsenalista. Esta pressão culminou com um cruzamento da esquerda, de João Cardoso, elevando-se Chico Faria para atirar (de cabeça) o golo do triunfo minhoto, já que o Braga, embora mais sereno no resto do tempo, desperdiçou a três m do fim (Paulo Rocha) um «glorioso» ensejo de reforçar a sua vantagem. Em síntese: jogo emotivo, por vezes bem planificado e com um vencedor lógico. O árbitro Joaquim Gonçalves (Porto) não teve problemas de maior.

Braga: Conhé; Mendes, Fernando, Ronaldo e Cardoso; Paulo Rocha, Lito e Rodrigo; Nelinho, Chico Gordo e Chico Faria.

Espinho: Gaspar, Coelho, Gonçalves, Raul e Amaral; João, Cardoso, Manuel Jose e Acácio; Moia, Reis e Canavarro.

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Paulo Rocha (13 m), Manuel José (65 m de «penalty») e Chico Faria (78 m).

PORTO, 2-GUIMARÃES, 1

Vimaranenses prometeram, portistas cumpriram

Fernando Alberto

Como de costume, para não variar, o Vitória de Guimarães apresentou-se nas Antas disposto a fazer a vida negra ao F C Porto. A circunstância de jogar, simultaneamente, para o título e em «casa», conferia aos «portistas» favoritismo. Restava, pois saber até que ponto os vimaranenses seriam capazes de contrariar essa «vantagem».

Curiosamente, tanto Mário Wilson como Pedroto acreditaram que o resultado da contenda se decidiria no meio-campo. Com efeito, ambos procuraram povoar essa zona vital do terreno e, daí, lançarem os «golpes» contra os extremos redutos contrários. No entanto, convirá referir que os sistemas de jogo de uma e outra equipa se situaram em campos opostos. Enquanto os «azuis e brancos» procuravam controlar a situação e, ao mesmo tempo, manter os vimaranenses sob «pressão», estes, refugiando-se numa defensiva porfiada, também nunca deixaram de pensar no contra-ataque que, na circunstância, estava confiado a Mané e Tito. Deste contraste de processos resultou um excelente espectáculo, com todos os «ingredientes» indispensáveis, apesar do relvado e (em certa medida) o tempo se terem «recusado» a colaborar com os artistas.

Tal como se esperava, a iniciativa do jogo pertenceu, por inteiro, aos pupilos de Pedroto que, desde muito cedo mostraram a sua disposição em colaborar no espectáculo. Por seu turno, Mário Wilson montou o xadrez de modo a impedir que a baliza confiada a Melo fosse violada com facilidade. E, como? Conhecedor da forma de actuar dos «portistas», Wilson dispôs os seus pupilos em duas frentes, que tinham por missão impedir a entrada das «gazelas» portistas pelos flancos. Numa primeira linha estavam os quatro defesas e, mais à frente (mas a toda a largura do terreno) um quarteto de meios-campistas, formado por Pedrinho, Almiro, Abreu e Romeu. Estes quatro homens, juntamente com o sector mais recuado, constituiram, na verdade, um obstáculo difícil de transpor para os «portistas».

As dificuldades aumentaram, substancialmente, a partir do momento em que Mané, num remate à meia-volta e pleno de colocação abriu o activo.

Os vimaranenses terão pensado que um golo de vantagem seria suficiente para as suas aspirações, pelo que decidiram congelar o esférico, chegando (mesmo) a abusar dos passes atrasados para o guarda-redes. Concomitantemente, Wilson ordenou uma marcação cerrada a Oliveira, da qual se incumbiu Pedrinho.

Senhinho dá «nó cego» a um vitoriano

Em busca de uma solução, Pedroto mandou igualmente fazer uma marcação «em cima» aos dois pontas-de-lança do Vitória, libertando assim os laterais que passaram a enfileirar no grupo do meio-campo. A «jogada» do técnico «portista» demorou um certo tempo a surtir o efeito desejado, mas à medida que os minutos iam decorrendo, ia ganhando sincronização a «máquina» portista. Apesar de tudo, notava-se que, por vezes, emperrava no momento crucial, por falta de uma peça. Para que o sistema resultasse era necessário mais alguém lá na frente, a dar réplica aos quatro homens mais recuados do Vitória. Duda e Seninho, mostravam-se insuficientes para darem seguimento ao caudal de jogo atacante da sua equipa e, por isso, Pedroto trocou Celso por Gomes numa altura em que o conjunto das Antas não dava tréguas ao seu antagonista. Quando o empate surgiu, ninguém se terá dado conta que um dos protagonistas do lance até estava em fora-de-jogo, tal era a justiça que se fazia aos portuenses.

Recuperada a diferença, que durante largos minutos deu voltas ao miolo dos portistas, o jogo conheceu uma das fases mais movimentadas, com o perigo a rondar permanentemente a baliza do Vitória. O intervalo constituiu como que um adiamento daquilo que estava na mente dos responsáveis «azuis e brancos». A recuperação total.

Logo na primeira jogada do período complementar, os defesas vimaranenses voltaram a ser surpreendidos, sobretudo o guardião Melo que tardou a sair dos postos e permitiu o passe fatal de Seninho. Por momentos o Vitória pareceu encaminhado para a queda vertical, tal a facilidade de movimentos de todo o conjunto portista. Um lance de imaginação do jovem Gomes seria o golpe de misericórdia mas, como o dianteiro portista tentou burlar o guar-redes (quando podia ter feito o remate) mantiveram-se de pé as hipóteses vimaranenses, num lance de contra-ataque, voltar a empatar. Refira-se, entretanto, que no lance de que Gomes foi protagonista, houve motivo para a marcação de um castigo máximo, pois Melo impediu a caminhada de Gomes para a baliza, falta que o juiz da partida não sancionou.

Sempre senhor da situação, o FC Porto viu a partir de dado momento, que o Vitória do primeiro tempo já não estava ali. Wilson também notou isso: e operou duas substituições simultâneas, mas que não deram o resultado desejado. Daí, portanto, a incapacidade do Vitória para operar um volte-face, como em dada altura se chegou a acreditar.

Em suma: os vimaranenses prometeram muito, mas os portistas (em bom momento de forma) é que acabaram por cumprir.

Para além do lance já referido, o trabalho do árbitro Castro e Sousa (Coimbra) ainda teve outros deslizes, pelo que terá de se considerar negativo.

FICHA

F C Porto: Fonseca; Gabriel, Simões, Freitas e Murça; Rodolfo, Oliveira (Teixeira), Celso (Gomes) e Octávio; Seninho e Duda.

Guimarães: Melo; Ramalho, Celton, Soares e Alfredo; Pedrinho (Ferreira da Costa), Almiro, Abreu (Mário Ventura) e Romeu; Mané e Tito.

Ao intervalo: 1-1. Marcadores: Mané (11 m), Gomes (36 m) e Duda (46 m). Cartão amarelo a Pedrinho.

ACADÉMICO, 3-PORTIMONENSE, 1

Coimbra foge da cauda

Manuel Teixeira

Quando acabou o jogo disputado no Municipal de Coimbra, muitos apaniguados do Académico respiraram de alívio. A sua equipa tinha averbado os dois pontos em disputa e, mais do que isso, tinha-se colado ao pelotão, remetendo o Portimonense para um, cada vez mais complicado, último lugar. Terá o Académico merecido a vitória? Sem dúvida. Com o regresso do velho senhor, Rui Rodrigues de seu nome, e com o desvio de Gregório para o lado esquerdo, de uma até há pouco atribulada defesa, o Académico começou o jogo em grande velocidade.

Despreocupado com o sector defensivo (o que até há pouco não acontecia), a linha média coimbrã catapultou muito jogo para o ataque, onde, apareceria com o demolidor Costa e o recuperado Joaquim Rocha, que regressou para marcar. Aconteceu aos 34 m, quando o ponta-de-lança académico apareceu muito bem a cabecear um livre apontado por Gervásio do lado direito, dando ao marcaor a imagem justa do que acontecia no relvado — já depois do árbitro do encontro lhe ter negado um «penalty», por nítido derrube de Rogério que, de quando em vez, se integrava muito a propósito do lado esquerdo do seu ataque.

No recomeço, as nuvens trouxeram chuva e Sapinho um balde de água ainda mais frio. Era o empate, depois do ponta-de-lança algarvio ter ludibriado Rui Rodrigues e Marrafa, este pouco lesto a fazer-se ao lance. Mas um pouco paradoxalmente, foi nesta altura que o Portimonense começou a perder o jogo. Com certa timidez, como que parecendo satisfeitos com o empate, os algarvios começaram a queimar tempo quando ainda faltava muito para jogar. Ofereceriam então a iniciativa de mão beijada. A equipa de Coimbra, não se fez rogada, voltou a jogar e a atacar como o fizera na meia hora inicial. Aproveitou a oportunidade dada pelo adversário, voltou à carga e Rocha, aos 33 m, em oportuna recarga desfez a igualdade, todos se aperceberam que a distribuição dos pontos estava feita. E a três minutos do fim, Joaquim Rocha aproveitou um livre frontal para, com remate bem colocado, aumentar o seu pecúlio na tabela dos marcadores.

Para Melo Acúrcio a última nota, e não muito positiva. Além do já citado «penalty» sobre Rogério, outro ficou por marcar: a falta de Camilo sobre Sapinho no primeiro tempo. Coincidências: cartão amarelo a Diamantino aos 34 m da primeira parte e sobre Rogério aos 29 m da segunda parte.

FICHA

Académico: Marrafa; Brasfemes, Rui Rodrigues, José Freixo e Gregório; Camilo (Freitas, aos 84 minutos), Gervásio e Camegin; Joaquim Rocha, Rogério e Costa.

Portimonense: Avelino; Eduardo, Soares e Fernando (Manuel Fernandes, aos 75 m) e João Cardoso; Sério, Sota e Nelson; Sapinho, Diamantino e Tião.

FEIRENSE, 0-BELENENSES, 0

Alguns golos no tinteiro

Humberto Oliveira

O campo «Marcolino Castro», em Vila da Feira, encontrava-se num estado lastimoso, transformado em autêntico lamaçal em certas zonas do rectângulo. Só a complacência (ou imprevidência) do árbitro, instado por dirigentes feirenses para realizar o jogo (no que gastou para o decidir sete minutos) sancionou a efectivação do desafio.

Ao começar, viam-se as marcações. Não tardou (porém) que se apagassem.

Com um «pelado» irregularíssimo e ensopado, foi extremamente difícil aos jogadores controlar o esférico e dar-lhe a direcção desejada, vendo-se frequentes vezes, ora os avançados ora os defesas, em evidentes dificuldades para se equilibrarem. O jogo não teve, por isso, um mínimo de qualidade técnica, sucedendo-se as jogadas à toa, com despachos defeituosos e remates desperdiçados que poderiam ter resultado desde que o terreno facilitasse um mínimo de equilíbrio aos movimentos dos jogadores.

O Feirense (normalmente «azul») jogou de branco: não se encolheu, contudo, perante a supremacia técnica dos lisboetas e nunca esteve, positivamente, na situação de dominado. O equilíbrio foi a nota dominante, embora o Belenenses se mostrasse mais perigoso nas suas investidas, com evidência para o irrequietismo de Norton de Matos e Clésio, sempre inconformados com o nulo que permanecia.

A divisão de pontos acaba por aceitar-se: mas, justificar-se-ia muito mais o semiêxito com dois ou três tentos para cada lado, tantas foram as oportunidades de golo surgidas (que não bem construídas) para ambos os grupos.

A avultada assistência esteve sempre «presa» ao jogo, que não deixou nunca de ser disputado em clima de grande emoção, justamente pela dúvida quanto ao vencedor. Arbitragem certa de Américo Borges, do Porto.

Feirense: Silva Morais; Babalito, Brito, Seminário e Gilberto; Zequinha, Parra e Henrique; Zé Domingos, Sérgio e Bites (Cipó).

Belenenses: Rui Paulino; Sambinha, Luís Horta, Alhinho e Carlos Pereira; Esmoriz, Isidro (Drissa) e Hertz; Vasques, Clésio (Amaral) e Norton de Matos.

Morte à porta do futebol

Carlos Rocha, Guilherme Alves e Rocha Almeida: paz a três almas

A tragédia voltou a tocar a sua asa no futebol português: no dramático desastre na Madeira, um trio de arbitragem pereceu, enlutando o desporto nacional e, por simbiose, a Comissão Regional de Árbitros do Porto.

Guilherme Joaquim Soares Alves (40 anos) principiara, dentro da arbitragem, pelo andebol: a partir de 1974, já no futebol, ganhava a 1.ª categoria. Subiu todos os escalões tendo direito, em plano europeu, a actuar como fiscal de linha de António Garrido, César Correia, Américo Barradas e Francisco Lobo, para além de ter dirigido vários encontros internacionais particulares entre clubes. Natural da freguesia de Cedofeita (Porto) exercia, há 22 anos, as funções de cobrador dos Serviços Municipalizados de Água e Electricidade do Porto. Sua mulher (D. Emília Marques Alves, empregada de escritório) está desempregada, face à falência da firma em que trabalhava. Dois filhos do casal (Maria da Nazaré Alves, 14 anos; José Alves, 12) frequentam liceus. A família de Guilherme Alves fica em situação particularmente difícil, requerendo imediato apoio para a sua subsistência.

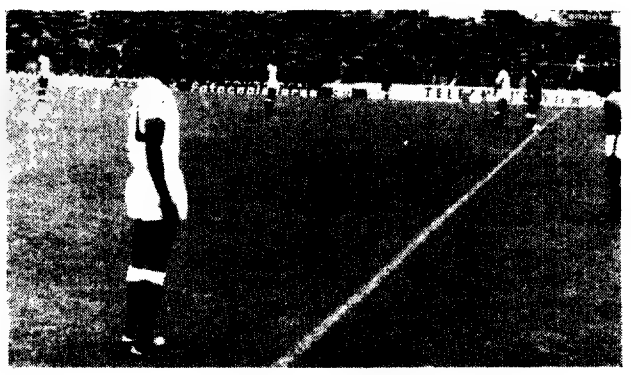
Carlos Rocha (31 anos) era torneiro mecânico: deixa viúva uma senhora que trabalha como cabeleireira. Um filho (de oito anos) fica na orfandade.

Rocha Almeida (33 anos) trabalhava como empregado de armazém em Vila Nova de Gaia e, casado com uma senhora que é costureira, era pai de dois garotos, respectivamente com dois e sete anos.

Guilherme Alves, Carlos Rocha e Rocha Almeida iam ao Funchal com a incumbência de arbitrarem o jogo Nacional-Barreirense: esta temporada, devidamente assinalado pela crítica, o trabalho do trio, na direcção da partida Sporting-Benfica que inaugurou o nacional, fazia prever excelente temporada para os três homens que encontraram a morte ao serviço da arbitragem.

Saliente-se que, no acidente, sofreu ferimentos o jovem guarda-redes Carlos Jorge Mesquita (17 anos) junior do Barreirense, que realizava o seu baptismo de voo. Não podendo seguir integrado na caravana do seu clube, fora chamado à Madeira como suplente do guardião titular. No acidente, teve uma sorte espantosa: apenas fractura de um pé e um susto que não mais esquecerá ao longo da vida.

À memória de Guilherme Alves, Carlos Rocha e Rocha Almeida, já ontem houve silêncio em alguns campos de futebol. Impõe-se, agora, que, desde a Federação à Comissão Central de Árbitros, prontamente se auxiliem as famílias dos desaparecidos a minorar o drama em que foram envolvidas.



Respeito pelos que desapareceram da vida

CURSOS
MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO VERIFICAÇÃO
Sistemas: IBM e UNIVAC
Início dos cursos: 23/11/77
Dactilografia: Este curso tem início todos os dias
Informações e inscrições no
EXTERNATO CONTINENTAL
Tel. 36 42 72
Rua do Arsenal, 100-1.º

ANTENA T.V.
SUPER-STARK
Uma pequena modificação que transforma a sua instalação eléctrica numa gigantesca rede que amplia o campo de recepção de TV e rádios com AM FM
A COBRANÇA + 25$00 (portes)
PEDIDOS A
SEX SHOP APARTADO 282 PORTO

RIOPELE, 2-SPORTING, 4

Baltasar e Isaías: o mago e o profeta

Comentário por NEVES DE SOUSA
Fotos de BRUNO NEVES
A reportagem do "DL" viajou pela CAPRITUR

Sacudindo a juba, um Sporting quase feito gato-sem-unhas por animoso conjunto de futebolistas-e-profissionais-de-outro-ramo, acabou por retirar da Pousada de Saramagos com um sucesso entre os dentes: poucos clubes ao longo da grande maratona, irão gabar-se de, à semelhança do Porto e dos homens de Alvalade, deixarem o bonito parque (em que Ferreirinha colocou futebol de 1.ª divisão) com os dois pontos da equação dominical. Valeu aos lisboetas, numa emergência que parecia eriçada de dificuldades, a chamada de Baltasar à charneira defesa-ataque: não podendo contar com a técnica de Fraguito ou a impulsividade de Ailton, Paulo Emílio salvou a carreira à custa do apelo a um «Stromp».

A estreia do Sporting no excepcional «pelado» do Riopele (e, oportunamente, contaremos como vão as coisas no emblema fabril que tem, ao lado de empregados em fábricas, profissionais de outro jaez, recrutados apenas no mercado do pé-de-obra nacional) marcou uma etapa de reencontro do grupo de Alvalade com o espírito de uma formação que luta (autenticamente) pelos louros mais apetecidos.

Duas vezes, por inépcia e descoordenação de uma defesa onde o brasileiro Meneses criava cabelos brancos à rapaziada da côr (cada vez que se fazia a um lance) estiveram os mocetões de Alvalade na mó de baixo em termos práticos, numericamente falando. Mas, quando a saída do intervalo trouxe a troca do (logicamente inexperiente mas aplicado Cerdeira, pela coriácea coragem das arremetidas chispantes de Baltasar, os pupilos de Ferreirinha (6.ª temporada à cabeça do mesmo emprego, é obra!) tiveram de aceitar, com o dever da vassalagem, o traço negro sobre os seus sonhos.

Vivera-se, um período de lances alternados: as defesas a encherem o olho, em matéria de desacerto. Golos cá e lá, por falência (sucessiva) da falta de rins de Da Costa, da viagem de Matos em tempo extemporâneo, novamente de novo emperrada a coligação de Meneses com os parceiros laterais. Na pausa para refrescar ideias, havia quem deitasse contas à vida: Ferreirinha acreditando que Messias chegaria para tudo e todos (com a olímpica calma que o definiu como praticante de eleição), enquanto a flecha atacante (Fonseca II, Jesus e António Luís, apoiados por um sensacional Luís Pereira) colocaria junto à parede um Sporting que perdera o meio-campo ao primeiro silvo e andava por ali, aos trambulhões, sempre à espera de milagre celestial que já tocara graças à intuição de comando que vive em Laranjeira. Só que Paulo Emílio, vendo as barbas e os créditos a desandarem, convocou a capacidade física de Baltasar para o ringue: e, mesmo sem dispor das asas nos pés que o fazem voar quando está em perfeita condição física, o ruivo tomou as linhas da marioneta e fez o espectáculo, desta feita a fazer funcionar (cintilantemente) um Isaías que andava em negrume desde a arribada a este lado do mar.

Um mago e um profeta: Baltasar e Isaías. A salvação do mestre.

REVIRAVOLTA

Ainda na primeira página do jogo, houve mosquitos por cordas quando o árbitro Santos Luís foi na conversa do camarada António Manuel e converteu em grande penalidade um puro e simples «livre indirecto», por pequena falta sobre Jordão. Saltou meio Riopele na fogueira, palavras muito feias andaram pelo ar, uma balbúrdia pegada tomou conta do «show». Finalmente, cabeça menos quente mais ainda à espera da revindicta, os riopeles aceitaram o facto como consumado: só que Jordão, escrevendo direitos por linhas tortas, atirou o castigo à barra e depois, como se desconhecesse as leis, fez-se à recarga anulando a possibilidade do lance ainda provocar golpe fatal. Serenou o público, amainou a tormenta, continuou (porém a apatia arbitral no convívio com os ajudantes, um dos quais (Melo Geraldo, junto à bancada) esteve largo minuto de bandeirola espetada para o céu, à espera de dizer de sua justiça. Amordaçado pelo homem do apito, passou a funcionar como testemunha passiva de um erro feito a dueto.

O tempo n.º 2 foi outra loiça. Isaías parecia uma serpente, Jordão entendeu-se melhor com Manuel Fernandes, a troca de Laranjeura por Manaca (obrigada por «toque» na coxa direita do «capitão») restituiu ao espectáculo o direito que merecia: ver em acção um Sporting com defesa mais fixe, linha média (centrada em Baltasar) a dar jogo para a frente e ataque digno de ter nome no bilhete de identidade. A toada de parada e resposta seria quebrada no «forcing» que deu o empate e, fulgurantemente, no aproveitar da entrada de Padrão, menos rodado que Matos e, talvez por chamada a cotejo em momento de decisão, com mãos de manteiga e golpe de vista de mosca adormecida. Foi quando o Sporting aproveitou a benesse: Artur era uma agulha no estilete, Barão já contava ópera, o trio da frente era endiabrado nos sarilhos à porta do castelo minhoto. A saída de Manuel Fernandes, já com o resultado feito, nada alterou ao ritmo: Riopele, sem nunca ser imagem de conformismo, cedera perante argumentos mais fortes e, em termos de cifrões, bem mais pesados.

Houve quem saltasse da vulgaridade, no «onze» fabril: Fonseca II, Jesus, António Luís e Piruta são atiradores de alça fina, têm rompantes de artistas burilados e sabem como se pode ganhar bem a vidinha. Messias e Luís Pereira (defesa e concepção) são do melhor desta terrinha. Matos já se recompôs: Riopele fica mais tranquilo e já pode cogitar menos esfumado o futuro.

A caminho da capital, os amantes do «leão» retiravam satisfeitos com o seu esquadrão. Baltasar, Isaías, Laranjeira, Jordão, Artur e Manuel Fernandes contribuiram bastamente para o bolo. Barão, Freire e Cerdeira trazem o sangue da juventude. Mas, que me perdoem o que desdenham a força da natureza: ter dentes cerrados no instante de jogar a bisca na mesa sempre ajuda os mais audazes. E, quem teve Baltasar e Isaías meteu o dinheiro no bolso.

ELES

Direcção de Santos Luís (Coimbra) que mostrou o cartão amarelo a Meneses (aos 33 minutos) por entrada violenta sobre um adversário. As equipas:

. Riopele: Matos (Padrão, aos 48m.); Joca, Vitorino, Messias e Teixeira; Jó (Piruta, aos 58), Luís Pereira e Barros; Fonseca II, Jesus e António Luís.

Sporting: Botelho; Artur, Laranjeira, Meneses, e Da Costa; Cerdeira (Baltasar, aos 46 m), Manaca e Barão; Manuel Fernandes (Freire, 86 m) Jordão e Isaías.

Golos: Fonseca (14m), Laranjeira (16), António Luís (24), Isaías (47), Jordão (73) e Isaías (81).

«Cabeça» de Laranjeira estabelece primeiro empate

Sururu» por causa de um «penaltie»

Jordão atira ao poste

Matos: traumatismo craniano (na região parietal esquerda) obriga-o a deixar a baliza

Jordão faz o golo n.º 3: de Manuel Fernandes chega o primeiro abraço

BENFICA, 6-MARÍTIMO, 0

Musica para o ataque "encarnado"

João Ferreira

Fosse porque o Marítimo começasse à defesa, fosse porque o Benfica pensasse no ataque desde o início, (ou uma coisa e outra), a verdade é que os «encarnados encarceraram os madeirenses no seu meio campo de tal modo, que, desde Bastos Lopes a Cavungi, toda a gente fez o gostinho ao pé para lá do grande círculo, numa autêntica torrente de futebol que até metia impressão. Bento, tocou na bola pela primeira (e última) vez antes do intervalo aos 23 minutos e até aí, já o Benfica criara situações de golo e ganhara «cantos» e «cantos» sucessivos (tantos «cantos» que davam para escrever 10 «Lusíadas») numa toada que havia de manter-se pelo tempo adiante, só abrandando depois do 4-0. Mas, até ao intervalo, enquanto houve pulmões nos pupilos de Pedro Gomes, o golo foi retardado, surgindo o primeiro apenas aos 40 minutos, resultado registado ao intervalo. Os madeirenses muito bem organizados, cá atrás, e com Valter no meio campo, a fazer a transformação das jogadas de defesa para a frente (dianteira, que não existia) mereceram chegar ao fim do primeiro tempo a perder pela diferença mínima, muito embora o juiz Inácio de Almeida tenha feito vista grossa a uma carga violenta sobre Chalana, na grande área do Marítimo, merecedora da máxima penalidade. No segundo tempo, com o Benfica a jogar do mesmo modo (isto é: encaixando o seu futebol de ataque, muito bem jogado por toda a equipa como não víamos há muito tempo no Benfica, nas precauções defensivas dos visitantes, o marcador foi subindo na proporção do esgotamento físico dos madeirenses, chegando à meia dúzia, com toda a justificação.

A turma de Mortimore jogou toda por igual, mas é justo que se salientem três nomes, por razões diferentes: Toni, por se encontrar, quiçás, na sua melhor forma de sempre; Vítor Batista pelos três golos obtidos; Pereirinha, por há pouco se ter estreado e revelado qualidades invulgares que o poderão levar muito longe.

O Marítimo fez aquilo que podia, aguentando-se enquanto isso lhe foi possível. Mostrou um esquema bonito de jogo, mas teve o azar de encontrar pela frente um Benfica que terá realizado a sua melhor exibição desta temporada. Uma palavra para Amaral o longilíneo guardião que foi o obstáculo maior da «goleada» que se previa desde o primeiro minuto e, para toda a equipa, pelo espírito desportivo que demonstrou ao aceitar, como é raro ver-se, a supremacia do adversário, sem um azedume, sem antijogo, sem nada que possa apontar-se ao comportamento humano.

Árbitro: Inácio de Almeida não esteve completamente certo, mas, quando tudo acaba em bem, os erros do árbitro são sempre esquecidos.

Dois apontamentos à margem do jogo. O primeiro, para expressar a nossa surpresa pelo facto de o Benfica de ter apresentado com o equipamento habitual, que se confunde muito com o do Marítimo, acabando por mudar de camisolas. O segundo, para o cuidado posto nas relações públicas da turma da Madeira. Antes do jogo, distribuíram flores pela assistência e lembranças pelos jogadores do Benfica. O futebol também pode servir como se viu, para a promoção turística da Ilha da Madeira.

Uma nota final: antes do jogo foi guardado um minuto de silêncio pela equipa de arbitragem portuense chefiada por Guilherme Alves, vítima do acidente de aviação ocorrido no sábado no Funchal.

NOMES E NÚMEROS

Benfica: Bento; Bastos Lopes, Humberto (Wilson), Eurico e Alberto. Pereirinha e Toni; Shéu, Vítor Baptista, Chalana e Cavungi (Celso).

Marítimo: Amaral, Olavo, Eduardo Luís, Bira (Arnaldo), Nelson e Fernando; Calisto (Noémio), Tininho, Valter e Dejair; Norberto.

Árbitro: Inácio de Almeida (Setúbal).

Golos: V. Baptista (3), Chalana, Shéu e Cavungi.

Cartão amarelo para Bira.

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES
FAÇA VOCÊ MESMO com Black & Decker

Não há verba para limpar as sarjetas de Lisboa

As inundações vão continuar a fazer-se sentir em Lisboa uma vez que não há verba para efectuar a limpeza das sarjetas. A rede de esgotos cobre mais de 90 por cento da cidade, mas o pessoal que limpa as sarjetas é insuficiente e não poderá ser aumentado devido a legislação inspirada em razões de ordem financeira.

Por outro lado, a carência de águas não permite uma lavagen mais frequente das ruas e segundo declarações do chefe da Divisão de Arruamentos e Esgostos da Câmara Municipal, eng. Viegas, ainda não será no próximo ano que se vai construir um colector que conduziria para o Tejo as águas pluviais recolhidas nas zonas de S. Sebastião da Pedreira e da Avenida da Liberdade.

Ainda relativamente à necessidade de retirar o lixo atulhado nos passeios encontram-se paralisados há dois anos, por falta de peças, três dos carros utilizadosna limpeza das sarjetas.

Êxito grande na «Meia maratona da Nazaré»: 1141 atletas em prova, triunfo de Anacleto Pinto (do Académico de Viseu), seguido por Helder de Jesus (Benfica) e o suíço Albert Moser. Na imagem, Helder, Anacleto e Moser na ponta final da corrida

ANDEBOL

CACO com 1.ª vitória

A 8.ª jornada da fase de apuramento do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, em andebol de sete (incompleta devido a adiamento do jogo Vilanovense-S. Mamede), voltou a caracterizar-se pelo equilíbrio dos resultados. Ao Norte, como se esperava, só o jogo Porto-Braga foi desequilibrado. Ao Sul, curiosamente, o encontro Belenenses-Benfica (que prometia maior despique e consequentemente mais equilíbrio de golos) foi justamente o de «score» mais dilatado, tendo como vencedor, imprevistamente fácil, o campeão nacional.

Na jornada, só houve dois vencedores visitantes (Gaia e Sporting) e, por outro lado, deixou de haver grupos com carreira totalmente negativa face ao primeiro êxito, tangencial, conseguido pelo Campo de Ourique. O F.C. do Porto e o Sporting continuam totalmente vitoriosos: os «portistas» com um jogo a menos, com o S. Bernardo.

Resultados na zona Norte: Académico, 20-Desp. Póvoa, 20; Desp. Portugal, 12-Gaia, 13; F. C. do Porto, 35-Braga, 10 e S. Bernardo, 26-Maia, 22. Zona Sul: Castelo Branco, 24-Passos Manuel, 20; Camarão, 17-Sporting, 25; Belenenses, 29-Benfica, 20; Setúbal, 19-Encarnação, 15; Oriental, 18-CDUL, 11 e Campo de Ourique, 17-Almada, 16.

Tabela no Norte: Porto, 21; S. Mamede e S. Bernardo, 19; Académico, 17; Vilanovense, 16; Póvoa, 15; Beira Mar e Maia, 14; Gaia, 13; F. Holanda, Braga e D. Portugal, 12. No Sul: Sporting, 24; Belenenses, 22; Benfica, 20; Setúbal, 19; Castelo Branco e Passos Manuel, 17; Caramão, 16; Encarnação e Oriental, 12; CDUL, 11; CACO, 10.

Pub

NOTÍCIAS DE ÚLTIMA HORA

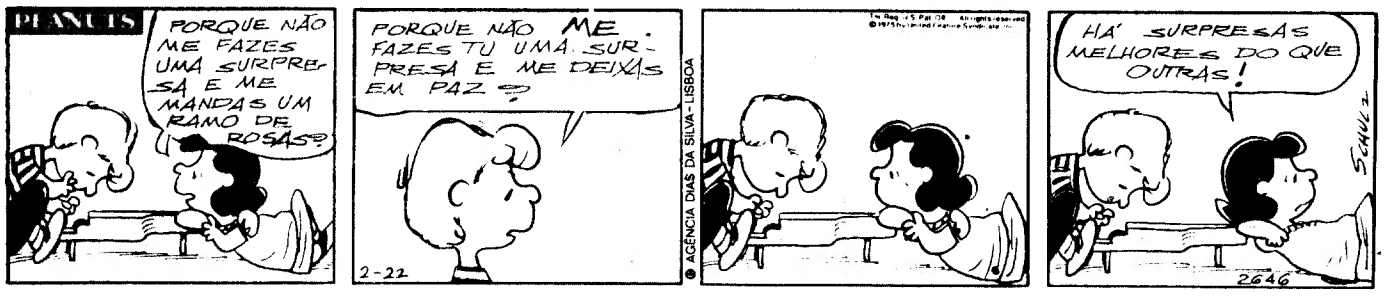
Na Rua Gomes Freire, 9-B, no centro da cidade, continuam abertos ao público, das 10 às 20 horas, os salões de electrodomésticos e mobiliário, onde poderá adquirir esquentadores, 6 litros, desde 1499$90; 10 litros, 2799$90; auto-rádios c/ altifalante, 1199$90; maples, tecido ou napa, 1599$90; grande sortido de fogões, máquinas de lavar roupa e loiça, frigoríficos, congeladores, televisores, gravadores, gira-discos, rádios, sofás-cama, mobiliário, alcatifas, etc. RÁDIO PRIMAVERA — Telefones 549406 e 574042. Só boas marcas, com as melhores garantias.

ANÚNCIO

O Hospital Distrital de Beja, carenciado de Anestesistas, abre concurso para uma vaga.

Podem concorrer os Anestesistas com carreira Hospitalar ou especialidade à Ordem.

A contratação pode ser imediata pelo período de seis horas, com o vencimento base da letra F, acrescido por compensação de trabalho extraordinário no Serviço de Urgência.



S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA E MINAS

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP a que se refere o processo 8/60 200, arquivo 45, para o estabelecimento na freguesia de Castelo, concelho de Sesimbra, de uma linha subterrânea a 15 kV, com 220 metros, do apoio n.º 3 da linha a 15 kV, RA 15-10-15-1-1 Cotovia, para o posto de transformação 15-4-068 Holandez [RA 15-10-15-1-1-1 HOLANDEZ].

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 4 de Novembro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

HABILITAÇÃO NOTARIAL

Terceiro Cartório Notarial de Lisboa

NOTÁRIO LIC. ANTÓNIO MANUEL RODRIGUES HESPANHA

CERTIFICO para efeitos de publicação que, por escritura de 9 do corrente mês exarada de folhas 38 a 38 verso do livro de notas para escrituras diversas N.º D-65 deste Cartório, foi habilitado como único herdeiro de ANTÓNIO FARIA DA COSTA BRAGA — natural da Freguesia de Tadim do concelho de Braga, com última residência habitual no Hospital Júlio de Matos, Freguesia de São João de Brito de Lisboa, falecido a 11 de Junho de 1976, no estado de solteiro — seu pai, David da Costa Braga, casado, residente habitualmente na Rua Diogo Cão, n.º 36, 4.º andar, esq.º em Lisboa

Lisboa, 15 de Novembro de 1977

O NOTÁRIO

a) António Manuel Rodrigues Hespanha

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.	
PORTO	8º
PENHAS DOURADAS	0º
COIMBRA	9º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	13º
ÉVORA	10º
BEJA	11º
SAGRES	15º
FARO	12º
PONTA DELGADA	17º
FUNCHAL	18º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE

Máxima..... 20,6º

MONTALEGRE

Mínima..... 0,5º

MARÉS DE HOJE

	PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
			5.40	1,5 m
12.06	3,7 m		18.04	1,3 m
	Dia 22			
0.37	3,7 m		6.25	1,4 m
12,55	3,8 m		18.43	1,3 m
	Dia 23			
1.21	3,8 m		7.04	1,3 m
13.39	3,8 m		19.18	1,2 m

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado; vento fraco a moderado de Noroeste; aguaceiros mais frequentes a norte do Tejo; descida de temperatura.

AMANHÃ

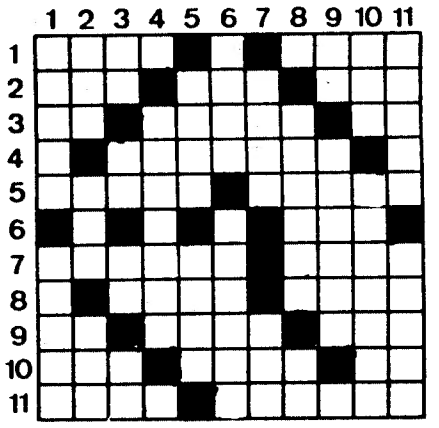
NASCER AS 7.27
OCASO AS 17.19

DIA 25 Dia 3 DIA 10 DIA 17

Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11.895



HORIZONTAIS:

1 Aversão. Artigo definido. Pronome indefinido.
2 Observar. Letra grega. Cidade de França.
3 Ouro (s.q). Romântico (estilo). Batráquio.
4 Murcharas.
5 Faz ditoso. Guarnecera de asas.
6 Magnete natural.
7 Curara. Costure.
8 Serra de Portugal. Nascimento de astro.
9 Centímetro. Estimes. Prefixo que designa ar.
10 Medida de líquidos da Holanda, Alemanha e Suíça. Rei de Israel, marido de Jezabel. Cada uma das travessas que limitavam os bancos dos remadores.
11 Mau. Rezaras.

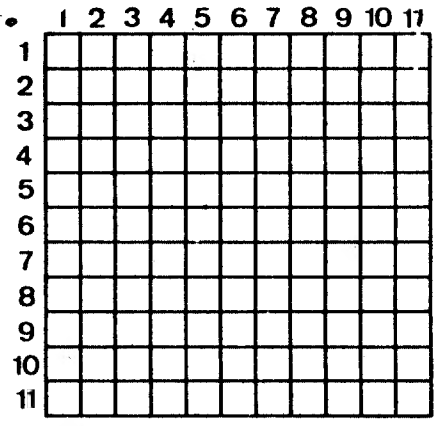
VERTICAIS:

1 Avarenta. Esmurrar.
2 Pronome possessivo. Ocasião Ruim.
3 Crómio (s.q). Nota Musical. Rádio (s.q). Nota musical.
4 Retalha.
5 Irra! Cidade de Itália.
6 Doença que dificulta a respiração. Traquinas.
7 Palmeira da Amazónia. Freguesia do concelho de Penafiel. (inv).
8 Relativo a oásis. Bário (s.q).
9 Prata (siq). Cidade de Espanha.
10 Oferecer,segue a pista de.
11 Afia. Górgulhos tropicais.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7956



HORIZONTAIS:

1 Homem muito robusto. Ferro agudo de lança e de outras armas.
2 Ave de rapina. Escavaram.
3 Arriscar ao jogo. Brisa.
4 Apelido. Estávamos
5 Fragmento. (inv). Teor.
6 Movera.
7 Artigo definido. Post-scriptum. Atravessar.
8 Aves semelhantes às pombas. Estimai.
9 Magnetiza. Versejas.
10 Observarias.
11 Guarnecera de asas. Toucinho tresco.

VERTICAIS:

1 Terra baixa e chã (Açores). Vareira.
2 Enrubesce. Tempo do verbo ser.
3 Coerência. Cara (pop).
4 Estava. Envolver em pão ralado.
5 Embebera.
6 O sono das crianças.
7 Despertaram.
8 Nome de uma orquídea da ilha Maurícia. Rio de Inglaterra.
9 Deram arrotos.
10 Seguia. Antiga imperatriz da Pérsia ex-mulher de Reza Pahlavi.
11 Três mil em romano. Oceano. Transpira.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11.894

HORIZONTAIS:

1 Acalma. QUEM.
2 Ba. Ur.
3 Asira. Teima.
4 Rã. Dã.
5 Crepitariam.
6 Iró. Tem.
7 Pão. Calava.
8 Ao. Via. Rana.
9 TUDO. Latada.
10 Acácia. Si.
11 Moradias.

VERTICAIS:

1 ABARCA. Atam.
2 Casar. POUCO.
3 Eial Dar.
4 Lar. Provoca.
5 Adio. Id.
6 Ao. At. Calai.
7 ATA.
8 Que. Relatas.
9 Uri. Imana.
10 Mia. Vadio.
11 Meã. Miaras.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7955

HORIZONTAIS:

1 Bara. Anda.
2 Área. Moiros.
3 Ri. Taças.
4 Casa. Cab. Uil.
5 Os. Carro. Om.
6 Cala.
7 Moravas. Cr.
8 Cairias. Mãe.
9 Asse. Rau. Rm.
10 Ateara. Ro.
11 Asso. Soitos.

VERTICAIS:

1 Ba. Cós. Cada.
2 Arras. Mas.
3 Reis. Coisas.
4 Aa. Acarreto.
5 Alai.
6 Am. Cravaras.
7 Notar. Ásaro.
8 Diabo. Uail
9 Arc.
10 Oaio. Carro.
11 Assumiremos.

PROVÉRBIO: **QUEM TUDO ABARCA, POUCO ATA**

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 12
Até às 22 horas

ALENTEJO — Av. da Igreja, 28-B. Tel. 892682.
ALGARVE — Av. de Roma, 7-B. Tel. 801478.
AMERICANA — Calçada Santana, 3. Tel. 863984.
ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º Encarnação) Teles. 311216-310172.
AZEVEDO, IRMÃO E VEIGA — R. Misericórdia, 24. Tel. 323540.
AVIS — Av. de Roma, 56-B-C. Tel. 895370.
BENFICA — Estr. de Benfica, 678-E. Tel. 702532.
CAMPO PEQUENO — Av. Júlio Dinis, 10. Tel. 771661.
CENTRAL DE CAMPOLIDE — Rua General Taborda, 17. Tel. 680304.
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480.
CONFIANÇA — Aven. Almirante Reis, 46-B. Tel. 821653.
CORREIA DE AZEVEDO — R. Luís de Camões, 42-B. Tel. 638625.
CRUZ NUNES — P.ª Duque de Saldanha, 14. Tel. 41845.
DÁVI — R. Conde de Redondo, 68-72. Tel. 54342.
D. JOÃO V — Rua D. João V, 16-C. Tel. 682772.
FERNANDES BORGES — Rua C. Benguela, lote 300. Tel. 311091.
GRIJÓ — Rua do Grilo, 25. Tel. 385264.
LARANJEIRAS (DAS) — Rua Filipe da Mata, 160. Tel. 761035.
LOBEL — Rua Infantaria, 16, 98-B. Tel. 688807.
MARLUZ — C.ª da Picheleira, 140-R.C. Tel. 720703-728395.
NOVA LISBOA — R. Guilhermina Suggia, 12. Tel. 843439.
PAIVA DA COSTA, LDA. — Rua da Lapa, 105. Tel. 664414.
REMÍSIO — Rua Jerónimos, 14-C. Tel. 631699.
RENASCENÇA — R. Damasceno Monteiro, 104-A. Tel. 831504.
ROSA E VIEGAS — R. S. Vicente, 31. Tel. 864351.
S. JORGE — Largo do Leão, 3-A.B. Tel. 534027.
SIRIUS — Rua Fialho Almeida, 38-A. Tel. 44000.

PERMANENTE
ASCENSO — P.ª Norte, 11-A (B.º da Encarnação). Tel. 311216-310172.
AVIS — Av. Roma, 56-B.C. Tel. 895370.
CENTRAL DO LUMIAR — Rua do Lumiar, 77. Tel. 790480.
BENFICA — Estrada de Benfica, 678-E. Tel. 702532.
REMÍSIO — Rua dos Jerónimos, 14-C. Tel. 631699.
DÁVI — R. Conde de Redondo, 68-72. Tel. 54342.
LOBEL — Rua Infantaria, 16, 98-B. Tel. 688807.
ROSA E VIEGAS — R. S. Vicente, 31. Tel. 864351.
RENASCENÇA — Rua Damasceno Monteiro, 103-A. Tel. 834504.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
......**Nova** — R. Elias Garcia, 10 (Telf. 972530). Permanente.
Cavaca — R. Elias Garcia, 209 (Telf. 930019). Até às 22 horas.
DAMAIA
......**Damaia** — P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telf. 970523).
QUELUZ
......**André** — Av. Elias Garcia, 151 (Telf. 950043).
CACÉM
......**Guerra Rico** — Entre Lotes 6 e 7 Freixo Capitão (T. 2944002).
MEM MARTINS
......**Miranda Garcia** — Est. de Mem Martins, 173 (Telf. 2914103).
MERCÊS
......**Claro Russo**
RIO DE MOURO
......**Riomouro** — Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telf. 2960194).
SINTRA
......**Simões** — Estefânia (Telf. 2930832).
COLARES
......**Abreja** — (Telf. 299088).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
......**Branco** — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telf. 2112081).
ALCABIDECHE
......**Carvalho** — Até às 21 horas.
PORTO SALVO
......**Ferreira Bastos** — Até às 21 horas.
CAXIAS
......**Nova** — R. Bernadim Ribeiro, 1-A (Telf. 242839). Até às 22 horas.
CARCAVELOS
......**Central** — Até às 24 e das 0 às 9 horas.
S. DOMINGOS DE RANA
......**Godinho da Silveira** — Av. Saboia, 29-B (Telf. 260085).
OEIRAS
......**Alcântara Guerreiro** — P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telf. 2430691). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
NOVA OEIRAS
......**Leal** — Até às 21 horas.
PAREDE
......**Macau** — R. J. Elias Garcia, 66-C (Telf. 2471785). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
PAREDE
......**Junqueiro-Mendes** — Até às 21 horas.
AMOREIRA
Amoreira (T. 262313/267314). Até às 22 horas
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (Telf. 260116). Até às 24 e das 0 às 9 horas.
CASCAIS
......**Marginal** — Av. Marginal (Telf. 280078). Até às 21 horas.
Nova — Est. de Alvide-Fontainhas (Telf. 281044). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
......**Gameiro** — L. António dos Santos Jorge, 15 (Telf. 234100).
ALHOS VEDROS
......**Portugal** — Av. da Bela Rosa, 8 (Telf. 204250).
ALMADA
......**Nuno Álvares** — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (Telf. 2750504).
BAIXA DA BANHEIRA
......**Nova Fátima** — Est. Nacional, 244-A (Telf. 2040141).
BARREIRO
......**Soares** — Av. da República, 116 (Telf. 2073023).
COVA DA PIEDADE
......**Rainha Santa** — Est. das Barrocas, 50-A (Telf. 2494182).
MOITA
......**Silva Rocha** — P. da República, 16 (Telf. 239029).
MONTIJO
......**Montepio** — R. Almirante Reis, 93 (Telf. 2310035).
SESIMBRA
......**Lopes** — R. Cândido dos Reis, 21 (Telf. 2233028).
SEIXAL
......**Godinho** — L. da Igreja, 51 (Telf. 2218580).
COSTA DA CAPARICA
Carlos, Av. do Mar, 34-A (Quinta de St.º António).

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

BATALHA — Praça da Batalha, 26. Tel. 29524; **CAMPO** — Praça da República, 118. Tel. 25116; **INVICTA** — Rua do Bonfim, 330. Tel. 51212; **MIRA PAULO** — Rua Castelo de Numão, 37. Tel. 64658; **BARROS** — Rua do Bonjardim, 1292. Tel. 487032; **FÁTIMA** — Rua Oliveira Monteiro, 475. Tel. 65406; **GARANTIA** — Rua Fernandes Tomás, 696. Tel. 24645; **DINIS** — Rua Matias de Albuquerque, 247.

(De dia e toda a noite)

SÁ — Rua Vale Formoso, 181. Tel. 480427; **SARABANDO** — Largo dos Loios, 36. Tel. 21701; **COSTA CABRAL** — Rua de Costa Cabral, 1832. Tel. 480780; **FONTE DA MOURA** — Rua de Tânger, 1463. Tel. 681444.

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

RODRIGUES DA SILVA — Rua Ferreira Borges, 32. Tel. 24348.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

CIRCO MARIANO
Alameda D. Afonso Henriques
21.45 (6 anos)
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«ÓH, da Guarda»
CASA DA COMÉDIA
21.45 (13 anos)
«A Dama Pé de Cabra»

LISBOA/Cinemas

EUROPA
21.15 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois maridos»
PARIS
21.30 (13 anos)
«A Flecha e a Rosa»
VOX
21.30 (18 anos)
«Cassandra Crossing»
MONUMENTAL
21.30 (13 anos)
«Um Táxi Cor de Malva»
CINE AUDITÓRIO
21.30 (6 anos)
«UM Raio de Luz»
QUARTETO
Sala 1
21.00 e 23.00 (18 anos)
«Dias Tranquilos em Clichy»
Sala 3
19.00 e 21.1[illegible] (18 anos)
«A Alice já não Mora Aqui»
Sala 4
19.00, 21.00 e 23.00 (13 anos)
«Niagara»
CINEARTE
21.30 (18 anos)
«A Mansão da Loucura»
PROMOTORA
21.15 (18 anos)
«Unidos para Vingar»
OLÍMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
«Paraíso Carnal»
COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Força para um Homem»
ROYAL
21.30 (18 anos)
«O Donzelo»
LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Missão Secreta»
CINE AUDITÓRIO
21.30 (10 anos)
«Noites de Casablanca»
CINE BOLSO
19.00 e 21.30 (18 anos)
«O Sexo Comanda»
JARDIM
21.15 (18 anos)
«O Vício do Jogo»
CAPITÓLIO
21.00 e 23.00 (18 anos)
«Garganta Funda»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.30 (18 anos)
«Dona For e seus Dois Maridos»
ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (18 anos)
«Dona Flor e seus dois maridos»

LINHA DE SINTRA

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Requintes de Amor»
AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Hindenburg»
AMADORA
Lido
21.15 (18 anos)
«Padrinho» - II Parte
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Voando Sobre um Ninho de Cucos»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«O Padrinho» - II
ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Pânico no estádio»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (18 anos)
«A Mão impiedosa da Lei»

PORTO/Cinemas

CHAPLIN
21.30 (13 anos)
«África Expresso»
ESTÚDIO 400
21.30 (13 anos)
«O Sargento»
JÚLIO DINIS
21.30 (13 anos)
«Zamer — A Voz da Consciência»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Espada e Mulheres»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«De Calcinhas Cor-de-Rosa»
SÁ DA BANDEIRa
21.30 (18 anos)
«Loucuras Porno»
COLISEU
21.30 (19 anos)
«Dona Flo e seus Dois Maridos»
ESTÚDIO
21.30 (13 anos)
«O Inimigo»
S. JOAO
21.30 (13 anos)
«Aeroporto 77»
PASSOS MANUEL
21.30 (13 anos)
«Vamo-nos Amar»
OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Exibição»
CHARLOT
21.30 (13 anos)
«Daisy Miller»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«O Beijo da Morte»
SALA BÉBÉ
21.30 (13 anos)
«Slogan»
TRINDADE
21.15 (13 anos)
«Uma Ponte Longe de Mais»
CARLOS ALBERTO
21.30 (13 anos)
«A Canção da Felecidade»
BATALHA
21.30 (13 anos)
«007 Agente Irresistível»
ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«A Casa dos Desejos»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Dona Flor e Seus Dois Maridos»
GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Carrie»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Cinco Indmomáveis Selvagens»
S. TEOTÓNIO
21.35 (18 anos)
«Perseguição Impiedosa»

cinemas

ab CINE

Tel. 803055 Às 21 e 23,30 h.
Não acons. m/ 18 anos
13.15, 17, 19, 21.30 e 23.30
DESEJOS DE VERÃO E SONHOS DE INVERNO
Melhor filme do ano
ROCKY
Às 12.30, 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.30 h
Matinées infantis Sábado e Domingo
Sala A - 11,15 — Sala E 10.45

ALVALADE

Tel. 897480
Sessões às 15.15, 18.15 e 21.15
O primeiro western indiano!
A VINGANÇA DUM FILHO
Amor! Aventura! Música! Emoção!
com Feroz Khan, Parveen Baby
3.ª semana
Não acons. a menores de 13 anos
Colorido

APOLO 70

Tel. 763319
Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Zoltán Latinovits, Margit Dayka
SINDBAD
Um filme de Sándor Sára
Não acons. a menores de 18 anos
Hoje às 24.00 (18 anos)
Os Grandes Cineastas
OS CONTOS DE CANTERBURY

AVIS

Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. menores de 18 anos
MAFIA DO PRAZER
Banhos da meia-noite
serões psicadélicos
concursos de beleza

BERNA

Tel. 776098 14,16.30,19 e 21.30
Martin Sperr, Angela Winkler em
CENAS DE CAÇA NA BAIXA BAVIERA
um filme de Peter Fleischman
Int. a men. de 13 anos

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 14.00,16.30, 19.00 e 21.30
Karen Black, Bruce Dern
Barbara Harris, William Devane
INTRIGA EM FAMÍLIA
Um filme de Alfred Hitchcock
Não acons. a menores de 13 anos

CASTIL

Tel. 530194
15.00, 17.00, 19.00, 21.30
Não acons. men. 18 anos
PERSEGUIÇÃO ALUCINANTE
O filme-choque do festival ao filme fantástico
c/ Peter Fonda e Warren Oates

CONDES

Tel. 322523 14,16.30,19 e 21.30
Interdito a men. 13 anos
O EXPRESSO DE CHICAGO
Colorido
c/ Michael Caine e Donald Sutherland

EDEN

(Tel. 320768) 14, 16.30, 19, 21.30
Jack Lemmon, Lee Grant, Branda Vaccaro, Joseph Cotten
AEROPORTO 77
4.ª Semana
um filme de Jerry Jameson
Não acons. a men. de 13 anos

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
O melhor filme do ano! 3 Óscares!
ROCKY
C/Silvester Stallone

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 15,17,19 e 21.45
Int. men. 13 anos
PRIMO E PRIMA
C/Marie-Christine Barrault, Victor Lassava

IMPÉRIO

Tel. 5551345 15.15, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 a.
Quando a emoção se chama cinema!
O VOO DAS ÁGUIAS
c/ Michel Caine, Donald Sutherland. O filme de John Sturges

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. 13 anos
AS BELAS MULHERES DOS OUTROS
C/Jean Rockefort Claude Brosseur Cruy Bedos

MUNDIAL

Tel. 538743 15,15, 18.30, 21.30
ABISMO
c/ Robert Shaw, Jacqueline Bisset, Nick Nolte
Em 5.ª Semana

NIMAS

Tel. 574362 14, 17.30 e 21.15
Int. men. 13 anos
CRÓNICA DOS ANOS DE BRAZA
Palma d'ouro do festival de Cannes 1975 o filme começa a ser projectado no início da sessão

ODEON

Tel. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. men. 18 anos
A MADRASTA
Ela forçou o filho do marido e cometeu o maior dos pecados

PATHÉ

Tel. 821933 14.15,16.30,18.45 e 21.30
Peter Steiner e Helga Konig em
SENHORAS AO VOSSO DISPOR
um filme de Franz Marischka
Int. men. 18 a.
Aviso ao público: este filme contém cenas eventualmente chocantes.

POLITEAMA

Tel. 326305 14.15,16.30,19 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
A SUPLENTE

RESTELO

Tel. 610375 Às 21.30
Não acons. men. 18 anos
JURAMENTO DE AMOR

ROMA

Tel. 887778 15,30, 18.30 e 21.30
Atenção ao novo horário
Não acons. a M. 13 anos
AEROPORTO 77
O filme começa 5 m depois do início da sessão

ROXY

Tel. 42872 14.15, 16.30, 18.45, 21.30
Int. men. 13 a.
UMA PILULA PARA EVA
As páginas íntimas do diário de uma mulher

S. JORGE

Tel. 579144 15.15, 18.15, 21.30
3 «Óscars»! Melhor filme do ano
ROCKY
Uma história de amor e esperança!
Não acons. men. 18 anos

TIVOLI

T. 579595 15.15, 18.30, e 21.30
Não acons. a men. de 13 anos
Karen Black, Bruce Dern, Barbara Harris, William Devane
2.ª Semana
INTRIGA EM FAMÍLIA
um filme de Alfred Hitchcock

NOVO CINE

Tel. 840678 Sessões às 15.15, 21.15
Da India, uma fascinante história de Amor!
A COMPANHEIRA DA MINHA VIDA
Com Tanuja e Rajesh Khanna
Colorido. Não acons. a men. 13 a.

D. JOÃO V DAMAIA

Tel. 971794 Às 21.15 h
Não acons. a menores de 13 anos
LOUCA PERSEGUIÇÃO

rádio

1.º Programa

18.00 Noticiário - Música portuguesa; **19.00** «Perspectiva» - música variada; **20.00** Jornal da noite; **21.00** Trailler do folhetim «A História da Cruz», original de Judite Navarro; **21.20** «Contraponto»; **24.00** Último jornal; **01.00** Repetição da 2.ª parte de um **Programa de Variedades**, realizado em Palmela e Organizado pela Radiodifusão Portuguesa «Música na noite»;.

2.º Programa

18.00 Cantata «Rinaldo», op. 50, de Johannes Brahms; **18.41** Rapsódia «In Blue», de George Gershwin; **19.00** «Animação cultural», programa de José Atalaya; **19.30** Canções sacras, sobre sonetos de John Donne, op. 35, de Benajmin Britten; **20.00** Sinfonia n.º 1 em lá bemol maior, op. 55, de Eduardo Elgar; **21.00** «O Canto e os seus intérpretes», por Maria Helena de Freitas; **22.00** «Quinzena de música romena», o violinista Jascha Heifetz: Sapateado, de Sarasate, Estrellita, de Ponce, Vocalizo n.º 14 Op. 34, de Rachninov, Banjo e Rabeca, de Kroll, Melodia Hebraica Op. 33, de Achron, Viena Antiga, do violinista e compositor romeno DINICUHEIFETZ. Ao piano Emanuel Bay. **22.30** Obras sinfónicas de autores contemporâneos da Checoslováquia e da Rússia-Asiática, — 3 Ricercari, de Bhuslav Martinu, — Ode Funebre, de Aram Khatchaturian; **23.00** «Quinzena de música romena»; **23.35** Intercâmbio musical: Festival de Bayreuth de 1977 — gravações cedidas pela Rádio da Baviera: - Transmissão do 1.º acto do drama musical «Siegfried» e 3.ª parte da tetralogia «O Anel de Nibelungo», de Richard Wagner; **01.00** Fecho.

3.º Programa-Nacional e Regional (290 m)

18.00 «Contacto»; **18.20** Títulos de 1.ª página; **18.30** Actualidade; **18.45** Fórmula 1; **19.05** Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; **20.15** Antologia; **20.30** Pesquisa; **21.30** «Quando o telefone toca»; **23.03** Hora Luterana; **23.20** «Nocturno»; **24.00** «Nocturno» (continuação); **00.15** «Dia a dia com o passado»; **02.00** Fecho.

3.º Programa-Local (187,5 m)

18.00 «Compasso»; **18.15** Sal e Pimenta (repetição) **19.45** Ronda desportiva; **20.40** Serviço de Agenda; **21.00** Fecho.

4.º Programa-Emissão Total em Estereofonia

19.00 «Em órbita»; **20.00** «Forum» - Realização de Jorge Lopes; **22.00** «Auditório», Música de jazz - Programa de Paulo Gil e Rui Neves; **00.00** «Prisma» - Realização de Fernando Quinas; **02.00** Fecho.

Rádio Renascença

18.08 Apelos; **18.15** Igreja em notícia-Palavra do Dia; **18.30** Transmissão do Terço do Externato do Parque; **19.00** Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00** Objectivo; **20.53** Apelos; **21.05** rograma da Liga dos Amigos de RR; **22.00** Quando o telefone toca; **22.30** Temas Vivos; **23.30** Estante Giratória; **23.55** Meditando; **01.00** Rotação; **02.00** Fecho.

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA PORTUGAL

Vera Lagoa

Kaúlza de Arriaga

Neofascistas procuram líder

Continuação da pág. 1

Kaúlza atacava frontalmente Ramalho Eanes, colando-se à estratégia de Sá Carneiro, e definia este último como «um dos melhores políticos surgidos depois do 25 de Abril». Ao mesmo tempo, o dirigente fascista anunciava que «se pudesse manteria Pires Veloso na RMN» — isto enquanto activistas do MIRN, CDS e PSD promoviam a «homenagem» de sábado passado que, como se esperava, deu lugar ao terrorismo fascista característico do Verão 75, com tentativas de destruição e incêndio de locais pertencentes a organizações de esquerda e agressões a progressistas.

Ainda não é, evidentemente, tudo: fazendo coro com Sá Carneiro e com o MIRN, um semanário ligado a esta organização, «O Diabo», ataca Ramalho Eanes e «convoca» para o dia 1.º de Dezembro, em Lisboa, uma manifestação cujos objectivos são explícitos: ensaiar, mais a sul, a agitação fascista que o Porto experimentou no dia 5 e sábado passado.

Entretanto, no editorial do último número do «Povo Livre», jornal oficial do PSD, uma deputada deste partido, Helena Roseta, desafiava Sá Carneiro a liderar a ofensiva reaccionária, perguntando-lhe se sentia ter «a dimensão histórica para encabeçar esta onda nacional». Tudo indica que o desafio vem tarde: Sá Carneiro esteve, desde o início do seu «golpe de prima dona» disposto a tentá-lo.

Iniciou-se esta manhã o 1.º Congresso Estatutário dos Engenheiros

. Abriu hoje, às 9 e 30 da manhã, na Fundação Gulbenkian, o «Congresso-77» da Ordem dos Engenheiros em que participam cerca de mil e quatrocentos engenheiros vindos de todos os pontos do País. Na sua grande maioria, os congressistas chegaram ontem, dia dedicado pela organização à recepção dos participantes, mas alguns deles ainda não tinham chegado quando, às 9 e 30 da manhã se realizou a sessão solene de abertura a que assistiram o professor Henrique de Barros, em representação do Primeiro-Ministro e, ainda, os ministros das Obras Públicas, da Agricultura e Pescas, da Indústria e Tecnologia, do Plano e Coordenação e da Habitação e Urbanismo, além do secretário de Estado da Investigação Científica.

À mesa, de que faziam parte os convidados de honra, sentaram-se, ainda, um representante da Fundação Gulbenkian e o presidente da Ordem dos Engenheiros, professor Manuel Ferreira.

O Congresso hoje iniciado cumpre o disposto nos preceitos 24 e 25 dos Estatutos que prevêem a realização de um congresso anual destinado a apreciar problemas de carácter técnico, científico e profissional e apreciar a actuação da Ordem dos Engenheiros durante o ano.

Desta vez, porém, o Congresso ultrapassa os limites previstos nos Estatutos, já que se destina a permitir o debate dos grandes problemas da vida nacional ligados à esfera de acção dos engenheiros e que visa a elevação do seu nível técnico e da sua imagem a nível nacional e internacional.

No decorrer das sessões serão discutidas e apreciadas as contas do Conselho Directivo da Ordem por todos os presentes, estando a discussão dos temas integrados no plano dos trabalhos reservada aos congressistas inscritos.

O PROGRAMA DAS ACTIVIDADES

Terminada a sessão inaugural, os trabalhos recomeçarão à tarde com a discussão dos primeiros temas incluídos no programa e amanhã os congressistas voltarão aos debates às 9 e 30.

Quarta-feira é destinada a visitas de carácter técnico e, à noite, haverá uma sessão cultural. Os trabalhos prosseguem nos dias 24 e 25, encerrando-se no sábado com um jantar de encerramento que terá lugar às 20 e 30.

Durante o Congresso estará patente ao público uma exposição bibliográfica, documental e de maquetas sobre os temas tratados.

"PARA FINANCIAR UM GOLPE DE ESTADO"

Spínola pediu dinheiro a Pinto de Magalhães

MADRID, 21 — (Interpress) — O banqueiro português Afonso Pinto de Magalhães afirmou em Vigo que o ex-general Spínola chegara a pedir-lhe que financiasse um golpe de Estado contra o Governo português, não tendo, no entanto, precisado a data do pedido.

Pinto de Magalhães, um dos mais poderosos capitalistas do período salazarista, vive há já algum tempo no Brasil, tendo concluído ontem, domingo, a sua estadia de trinta dias em Vigo, onde foi visitado por cerca de trinta pessoas por dia. Estas, na sua maioria, eram constituídas por gente relacionada com os meios financeiros portugueses, «não tendo faltado os elementos da extrema-direita terrorista, relacionados com actos bombistas», segundo refere o correspondente de Vigo do matutino madrileno «YA».

O banqueiro, na conferência de Imprensa convocada para despedir-se, não teve problemas em referir que mantém contactos periódicos, no Rio de Janeiro, com o ex-presidente Américo Tomás.

A visita a Vigo do banqueiro, refere ainda o «YA», foi motivo de largas referências e interesse em vários diários europeus. Também refere a reunião de Vigo como «concentração da extrema-direita» portuguesa, com a presença de conhecidos personagens que têm contas pendentes com a Justiça portuguesa, por acções contra a Democracia e sabotagem económica.

O ALCORÃO NO MERCADO DO POVO

O «Id'ul-Quibir», festa do fim da peregrinação a Meca levou ao Mercado do Povo numerosos muçulmanos. Na imagem, um aspecto da oração colectiva realizada esta manhã

Comunidade islâmica celebra peregrinação a Meca

Por ocasião de uma das principais festas islâmicas (Id' ul-Quibir, festa do fim da Peregrinação a Meca) e por falta de uma mesquita em Portugal (a propósito, para quando a sua construção?), a Comunidade Islâmica de Lisboa transformou, hoje, o restaurante do Mercado do Povo em lugar de culto Muçulmano.

O dr. Suleiman Valy Mamede, presidente da Comunidade Islâmica de Lisboa e da Associação dos Amigos dos Países Árabes, após a realização de uma cerimónia religiosa, explicou aos presentes, numa alocução subordinada ao tema «Peregrinação a Meca — factor de solidariedade internacional islâmica», a razão das comemorações e o significado da data:

. «Comemoramos hoje, 10 de Dul-Hijja de 1397 do calendário islâmico da era da Hégira o Id' ul-Quibir ou Id' ul-Adá, que literalmente significa «Festa Grande» e serve para comemorar, simultaneamente, o fim da peregrinação a Meca (terra natal do Profeta Muhammad) e homenagear o sacrifício de Abraão, considerado primeiro crente e antepassado dos muçulmanos».

A finalizar a sua intervenção, Suleiman Valy Mamede, dirigindo-se a uma numerosa assistência na qual se incluia grande número de elementos do Corpo Diplomático dos países islâmicos acreditados em Lisboa, salientaria: «O dia que comemoramos hoje, é conhecido também por 'Festa do sacrifício', em que cada família deverá sacrificar um animal (boi, carneiro, cabra, etc...), em memória do acto praticado pelo Profeta Abraão (Ibrahim Alaihissalamu), há milhares de anos, ao oferecer ao seu filho Ismael, em sacrifício, para mostrar a sua fé no Deus único».

Entretanto, a Comunidade Islâmica de Lisboa realiza, no mesmo local, ao fim da tarde, uma festa convívio, aberta a todos os que nela queiram participar.

Trabalhadores agrícolas paralisam no dia 28

Os trabalhadores agrícolas dos distritos de Beja, Évora e Portalegre decidiram paralisar o trabalho no próximo dia 28, a partir das 15 horas, concentrando-se em diversos concelhos com o objectivo de protestarem contra a ofensiva desencadeada contra a Reforma Agrária».

No plenário efectuado em Beja, no Salão dos Bombeiros Voluntários participaram 11 Secretariados Distritais, 10 Comissões de Trabalhadores, 71 dirigentes e delegados sindicais, 80 delegados sindicais agrícolas, 108 Comissões Directivas e 38 organizações. Na reunião foi aprovada uma proposta de paralisação do sector agrícola, a partir das 15 horas no dia 28, ficando os outros sectores livres de se manifestarem com a solidariedade que entenderem.

Nos plenários efectuados nos três distritos da zona de intervenção da Reforma Agrária defeniram-se que as palavras de ordem deveriam incidir sobre a defesa das conquistas de Abril, a defesa da independência nacional, a reivindicação da revogação e suspensão da Lei Barreto, a reabertura de crédito a todas as UCP's e Cooperativas, contra o desemprego e o aumento de custo de vida, pelo controlo dos preços e por uma nova política e um novo Governo ao serviço dos trabalhadores, contra o FMI e o III Pacote.

No decorrer das reuniões foi aprovado um extenso documento que nos seus considerandos sublinha que o PS está a pôr em perigo a independência nacional. O documento refere ainda as entregas ilegais de reservas aos grandes agrários parasitas acompanhadas de violenta repressão sobre os trabalhadores o que provoca um clima de instabilidade e um descontrolo da produção.

As concentrações decorrerão nos concelhos de Beja, Aljustrel, Moura, Mértola, Ourique e Vidigueira. No distrito de Évora em Alondroal, Borba, Évora, Portel, Reguengos de Monsaraz e Vendas Novas. No distrito de Portalegre em Avis, Ponte de Sor e Portalegre.

Ponto da situação

NO JULGAMENTO

«Que ninguém se engane. Os bombistas que se ergam. A gente não tem a ver com aqueles».

E os bombistas ergueram-se, que era sua obrigação. Quem assistia à audiência da tarde de sexta-feira passada deverá ter reparado nesta palavra de ordem que saiu expontanea e simples de um assistente. Muito bem acompanhados pelos encarregados de sua (deles) segurança, os bombistas saíram. Na memória de quem assistiu, ficavam palavras como as do advogado Luso Soares («totalitarismo processual») ou como as do advogado António Taborda: «Quem quer calar a voz das vítimas dos bombistas?».

À saída do tribunal, o povo. O Povo solidário com um repórter fotográfico que se viu ameaçado de ver máquina e película destruídas por ordem que acabou por ser revogada.

«Como é? Querem já esconder a cara desses réus arrogantes que, dentro do tribunal e cá fora, já parecem os senhores do mundo? E os antifascistas que estão presos»?».

Estas são perguntas como outras muitas. Houve quem tivesse a coragem de as gritar alto. Houve quem olhasse para dentro e não dissesse nada. Houve quem se mostrasse desiludido.

Há quem prefira simplesmente ficar mudo e quedo. Mas, atenção aos cúmplices silêncios.

MUITO ACTIVO

O presidente do MIRN está muito activo. Após uma estadia de doze dias nos Estados Unidos, «onde contactou com várias personalidades», parte hoje para França.

Certamente que Kaúlza também aí deverá encontrar-se «com várias personalidades».

CR reúne quarta-feira

O Conselho da Revolução vai reunir, depois de amanhã, quarta-feira, a partir das 15 e 30 no Palácio de Belém.

Na agenda de trabalhos consta, conforme nota do gabinete de Imprensa do CR, «a análise da situação política e militar».

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE OUTUBRO
44 050 exemplares
(Hoje 20 páginas)

PASSAGENS
AVIÃO · COMBOIO · BARCO · PULLMAN
Preços das companhias
consulte-nos
agência abreu
LISBOA — Av. da Liberdade, 160 • Telef. 371341